

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

CAROLINA FUZARO BERCHO

HIGIENISMO E EDUCAÇÃO NAS PÁGINAS DE “O ATENEU”

SÃO CARLOS

2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

CAROLINA FUZARO BERCHO

HIGIENISMO E EDUCAÇÃO NAS PÁGINAS DE “O ATENEU”

Dissertação apresentada para a obtenção do título de Mestre em Educação do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos, na área de Fundamentos da Educação. Orientadora: Profa. Dra. Marisa Bittar.

SÃO CARLOS

2011

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

B485he Bercho, Carolina Fuzaro.
Higienismo e educação nas páginas de "O Ateneu" /
Carolina Fuzaro Bercho. -- São Carlos : UFSCar, 2011.
153 f.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São
Carlos, 2011.

1. Educação - história. 2. Brasil - história - império, 1822-
1889. 3. Higiene. 4. Literatura brasileira. I. Título.

CDD: 370.9 (20^a)

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Marisa Bittar

Profª Drª Mariangela de Lello Vicino

Prof. Dr. Amarilio Ferreira Junior

Marisa Bittar.

Mariangela de Lello Vicino

Amarilio Ferreira Junior

À Teresa Fuzaro,
Mãe e principal incentivadora.

“Mas tudo está sempre for fazer, e em primeiro lugar nós mesmos.”

(Gaston Bachelard)

AGRADECIMENTOS

Algumas pessoas foram muito importantes durante a realização desse trabalho:

Profª. Marisa Bittar, pela atenção dedicada à essa novata pesquisadora da História da Educação, e por acreditar que o projeto de pesquisa pudesse alcançar vãos maiores.

Profº Amarílio Ferreira Júnior, pela disciplina ministrada no ano de 2009, fez ampliar minhas considerações e olhares sobre os estudos de Sociologia e Filosofia da educação.

Profª Roseli Esquerdo Lopes, pelas indicações de aprimoramento da pesquisa durante a banca de qualificação.

Gustavo, pelos dias de paciência, zelo, incentivo e conforto. Por controlar ansiedades e angústias. Por compartilhar entusiasmos, leituras interessantes e lazeres. Por estar ao meu lado, sempre.

Tainá, irmã, “pronta-ajuda” e referência para assuntos tecnológicos implantados durante a elaboração do texto.

Kate, pelas conversas e happy hours incentivadores, pela amizade que o tempo não leva.

Lívia, amiga que a Pós Graduação em Educação me deu. Pelas conversas acadêmicas e não acadêmicas, pelas viagens em Congressos, pelo apoio e companhia ao enfrentarmos uma mesma fase de estudos.

Débora, pelo incentivo na fase final da pesquisa, amiga, parceira de trabalho e do dia a dia.

As amigas feitas durante às disciplinas assistidas na UFSCar no ano de 2009: Juliana, Marta, Jorge, Renata e Mônica.

À secretária e demais funcionárias da secretaria de Pós-Graduação em Educação.

À CAPES, que financiou esta pesquisa.

Muito Obrigada.

RESUMO

Esta pesquisa propôs observar o processo de escolarização no Brasil durante o século XIX, interrogando a constituição do ensino secundário no Império da Corte. Mais propriamente o discurso para a educação configurado no interior do amplo projeto de intervenção social formulado pela corporação médica. Visando examinar, mais precisamente, as representações médico- higiênicas, recorreremos a dois tipos de fontes: duas teses defendidas pelos concluintes do curso de Medicina, de meados do século XIX, e o romance de memórias: O Ateneu, escrito pelo intelectual Raul Pompéia em 1888. Com o objetivo de analisar a proposta de educação secundária exposta na literatura em concomitância com o projeto médico-civilizador para a mocidade carioca, assim como ressaltar a importância do higienismo como mecanismo na orientação das práticas cotidianas escolares do período.

Palavras-Chave: História da Educação. Brasil Império. Higienismo. Literatura.

ABSTRACT

This text analyzes the schooling process in Brazil during the XIX century, questioning the formation of secondary education on the Empire of the Court. Rather, the discourse for the education, set within the broad project of social intervention, made by the medical corporation. Aiming to examine more precisely the representations medical-hygienic, we used two types of sources: two theses by graduating in medicine from the mid XIX century, and the romance of memories: *O Ateneu*, written by the intellectual Raul Pompéia in 1888. Aiming to examine the proposal set out in the literature in conjunction with the medical-civilizing project for youth in Rio de Janeiro, as well as highlight the importance of hygiene and the orientation mechanism of the everyday practices of school time.

Keywords: History of Education. Brazil Empire. Hygienism. Literature.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1: MEDICINA, HIGIENISMO E EDUCAÇÃO NA SOCIEDADE IMPERIAL

1.1. O CENÁRIO DA MEDICINA SOCIAL	18
1.2. O HIGIENISMO NA EDUCAÇÃO DA CORTE	33

CAPÍTULO 2: A EDUCAÇÃO NO IMPÉRIO BRASILEIRO

2.2. O CENÁRIO EDUCACIONAL IMPERIAL	47
2.2. O ENSINO SECUNDÁRIO	61

CAPÍTULO 3: HIGIENISMO E EDUCAÇÃO EM O ATENEU

3.1. RAUL POMPÉIA: A VIDA IMITA A ARTE ?	75
3.2. ASPECTOS DO HIGIENISMO NO AMBIENTE ESCOLAR DA FICÇÃO: O ATENEU	85

CONSIDERAÇÕES FINAIS

119

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

123

ANEXOS

130

INTRODUÇÃO

O interesse pela pesquisa em História da Educação brotou gradativamente enquanto concluí a graduação em História na UNESP, Campus de Franca. Logo no primeiro semestre, a novata universitária já esteve próxima de fontes históricas primárias durante o estágio no Arquivo Histórico Municipal de Franca-SP. O aprendizado da leitura de manuscritos de séculos anteriores arquitetou a futura profissão. Descobriu-se o gosto pela pesquisa ao se redescobrir o passado. Como se os personagens que findaram suas histórias nas páginas envelhecidas de um papel ganhassem vida na memória da historiadora, que mais tarde, colocaria suas impressões num outro papel, evocando um novo período para a história dos mesmos.

A escolha da presente proposta de pesquisa nasceu da reflexão sobre o papel que a medicina exerceu indiretamente em nossos costumes diários. Possivelmente muitos destes costumes foram implantados na sociedade e repassados de geração em geração, talvez por ser considerados como o correto, ou, como o mais apropriado para a nossa concepção. Seja sobre o conceito higiene ou higiene escolar, alguns procedimentos foram incorporados ao cotidiano da sociedade, adaptados por um modelo normatizador, desde o século XIX.

Estava pronto o alicerce do início desta temática de pesquisa: O discurso higiênico. Efetivado pelos médicos higienistas a partir da chegada da corte ao Brasil, em 1808, ele moldou a formação dos futuros cidadãos do século XIX. A proposta da comprovação deste discurso influente na educação do Rio de Janeiro Imperial foi alavancada durante a Iniciação Científica, durante a graduação em História, e os primeiros resultados, formulados no Trabalho de Conclusão de Curso, com o título: *Discurso Higiênico na Formação da Educação do Rio de Janeiro Imperial: Colégio Pedro II (1829-1950)*.

Após os primeiros resultados, foi reelaborada a temática higienista num outro projeto, desta vez com um propósito para o projeto de pesquisa para a Pós Graduação em Educação. Buscando-se, averiguar a influência dos moldes oriundos da medicina social, a partir dos discursos médicos, na educação da Corte Imperial, através da análise de uma amostra de literatura do período do final do 2º Reinado.

Será a partir do início do século XIX que o Brasil se adequará aos moldes fidedignos europeus quanto à sua adequação aos costumes sociais pregados no Velho Mundo. A partir da viagem de D. João VI e a corte de Portugal com a chegada em terras coloniais, o

Brasil teve que se adequar aos costumes advindos dos cidadãos¹ europeus que aqui se instalaram.

A influência européia, de alterações constituídas desde o século XVIII², serviu de alicerce na construção de um novo tipo de mentalidade na colônia, num ambiente onde passou-se a respirar ares de civilização. Aproximadamente 15 mil pessoas da Corte portuguesa instalaram-se no Rio de Janeiro, e esse número só aumentou desde 1808.

O modelo de colônia existente não exibia a estrutura de sede de uma monarquia, era necessário mudar a estrutura higiênica³ para que os novos moradores pudessem se sentir à vontade na nova sede. De tal forma, foi executada a ordenação do espaço urbano na cidade do Rio de Janeiro, palco das principais decisões do Império Português. O rápido crescimento da cidade, logo acarretou problemas, dentre os muitos, destacamos o problema da insalubridade local.

A instauração da ordem se dará pela medicina social através de um projeto urbano que pretendia evocar a transição de uma cidade produtora de doenças para outra produtora de saúde. Nos anos finais da década de 1820 se inicia a institucionalização propriamente dita da medicina com a criação da Escola Cirúrgica, da Academia Imperial de Medicina, e posteriormente, da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Foram instituições que regulamentaram o saber médico, a exemplo da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro.

Dentre todo o território, a cidade do Rio de Janeiro foi escolhida para abrigar a sede do Brasil Imperial, uma pequena e exorbitante porção de terra litorânea, de características agradáveis que abrigou os habitantes da corte portuguesa. Agradáveis, se levarmos em conta as belezas naturais, que, no entanto, se hostilizariam à medida em que adentrassem à colônia. O crescente número populacional recebido no início do século foi abrigado às pressas e, a disposição geográfica do local tivera que se adequar às mudanças.

O crescimento acelerado da capital brasileira, na primeira metade do século XIX, fez-se acompanhar de inúmeros problemas de estruturação urbana e de conseqüentemente desordem. Neste caso, os mecanismos de controle, empenhados na ordenação do espaço, interferiram socialmente de maneira decisiva. Após a fundação da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1829, o profissional da medicina procurou

¹ Utilizamos o conceito “civilizar” no intuito de transfigurar o início da construção de sentido de nacionalidade brasileira, aos moldes europeus, na então colônia.

² A partir da conquista da liberdade individual, do engajamento iluminista racionalizante, conquistados com a consolidação do poder burguês.

³ O conceito higiene, que se constitui fundamental nesta pesquisa, será abordado no contexto de inserção da medicina higiênica em sua atuação social e política sobre os indivíduos. Através da ação médica intervindo estrategicamente na reconversão das famílias ao Estado pela higiene, assim como Jurandir Freire Costa explorou em *Ordem Médica e Norma Familiar*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

institucionalizar o seu saber, num esforço de garantir o monopólio da cura, enfatizar suas qualidades enquanto profissional da saúde e contrapor-se à atuação de sangradores, boticários e curandeiros, desprovidos de conhecimento científico.⁴

Neste sentido, pela projeção do discurso médico-social direcionado às mais diversas instâncias como colégios, quartéis, cemitérios e moradias, enfatizam o esforço de higienizar a capital. Uma vez consolidada a imagem pública deste profissional, o discurso médico ganha em penetração social e impõe-se de forma bastante persuasiva ao conjunto da sociedade.

Mas não só o espaço urbano foi modificado, as normas higiênicas estiveram presentes na educação continuada dos lares. Aos olhos do médico, as instituições escolares teriam que atender algumas medidas fundamentais para a boa higiene e boa conduta da sociedade.

Podemos observar as afinidades existentes entre os princípios esclarecedores das atividades no interior das instituições escolares e o discurso proferido pelos médicos. Segundo o discurso normatizador higiênico, a boa educação da mocidade muito contribuiria para a evolução do Estado e, conseqüentemente, um novo homem e uma nova sociedade começariam a ser construídos no interior dos ambientes escolares.

Para satisfazer o estudo de uma abordagem metodológica envolvendo higiene e educação delimitada por um recorte histórico do século XIX, foram selecionados, além de estudos aprofundados, artigos de revistas e de produções acadêmicas da História da Educação produzidas por um estudioso da temática educação e higiene no século XIX: José Gonçalves Gondra. A ordem cronológica da produção foi privilegiada para observarmos os avanços científicos e metodológicos da produção acadêmica de modo a classificar as observações, os aspectos e dimensões que vêm sendo privilegiados, por isso, a escolha de trabalhos do autor que dialogam com o tema Higiene e Educação.⁵

O pesquisador possui mérito por “vasculhar” as teses médicas produzidas no século XIX e divulgá-las num campo de saber ainda pouco apurado pelos pesquisadores da educação, com exceção de Roberto Machado e Jurandir Freire Costa, um dos pioneiros deste enfoque metodológico. São trabalhos compostos entre os anos de 1996 e 2005 que buscam

⁴ SAMPAIO, Gabriela dos Reis. *Nas trincheiras da cura: as diferentes medicinas no Rio de Janeiro imperial*. Campinas: Editora da UNICAMP, CECULT, IFCH, 2001 (Coleção Várias Histórias).

⁵ Foi delimitada a escolha de uma produção acadêmica atual sobre o tema, pelo menos aos últimos 10 anos de publicações.

compreender a importância dos mecanismos e estratégias abordadas pelo discurso médico na transformação da vida social brasileira ao longo do século XIX.

É válido lembrar que quando se propõe a fazer uma releitura de análises já instauradas por outros pesquisadores, resta-nos fornecer outro ponto de vista. Não nos cabe desfazer o que já foi dito cientificamente. Priorizamos estabelecer novas conexões, de modo com que a pesquisa satisfaça o modelo sugerido por Saviani, nomeado como monografia de base. Trata-se de “um estudo que organiza as informações disponíveis sobre determinado assunto, preparando o terreno para futuros estudos mais amplos e aprofundados”.⁶

Desta forma, visamos fornecer o avanço do conhecimento, a continuidade e atualização dos estudos, para que não se perca a importância, tanto das fontes, quanto da metodologia apresentada. “A História da produção acadêmica é aquela proposta pelo pesquisador que lê. Haverá tantas Histórias quantos leitores houver dispostos a lê-las.”⁷

Como principais fontes, escolhemos as teses médicas criadas para a conclusão do curso de Medicina, da Academia Imperial de Medicina (AIM), envolvidas com a temática educação e higiene.⁸ A análise se esgota na análise de duas teses escolhidas no formato dissertação, escritas em 1855 e 1858, considerando os títulos *Esboço de uma hygiene dos collegios applicável aos nossos; regras principaes tendentes à conservação da saúde e ao desenvolvimento das forças phisicas e intellectuaes, segundo as quaes se devem regular os nossos collegios.*⁹

As teses faziam parte da finalização do curso de medicina através da apresentação de um trabalho exigido pela obtenção do diploma de médico para que o acadêmico tivesse direito ao distintivo de “doutor”.

No que tange à associação da higiene no ambiente escolar ao cenário escolhido, o Brasil Imperial rumo ao Segundo Reinado¹⁰, delimitado pelo recorte histórico de 1808 a 1888, a análise da inserção da higiene na sociedade será sustentada a partir da estruturação da cultura escolar do período. Partindo do pressuposto de que a cultura escolar pode ser discutida segundo três principais eixos: as normas e finalidades que regem a escola; a

⁶ SAVIANI, Demerval. *Concepção de Dissertação de Mestrado centrada na idéia de monografia de base. Pós Graduação em Educação*. Revista Educação Brasileira: Brasília, 13(27), 2º sem. 1991, p. 164.

⁷ FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. *As pesquisas denominadas Estado da Arte*.

In: <http://www.fe.unicamp.br/alle/textos/NSAF-AsPesquisasDenominadasEstadodaArte.pdf>

Acessado em 24/01/2010

⁸ Dentre as 487 teses analisadas por José Gonçalves Gondra em *Artes de Civilizar*, 16 delas possuem como temática a educação.

⁹ Trata-se dos originais fotocopiados adquiridos nos arquivos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

¹⁰ Consideramos historicamente o início em 23 de julho de 1840, com a declaração de maioria de D. Pedro II, e seu término em 15 de novembro de 1889, quando o império foi derrubado pela Proclamação da República.

formação da profissionalização do trabalho do educador, como também os conteúdos ensinados, ou seja, as práticas escolares. Nesta pesquisa dedicaremos atenção ao primeiro eixo de discussão.

Dessa forma, através do diagnóstico das fontes, acompanhadas do olhar do interior da cultura escolar engendrada nos estudos, surge um olhar metodológico de pesquisa em história da educação, tendo em vista um conjunto de normas que conduziram os conhecimentos a serem ensinados para a formação da “boa sociedade” imperial.¹¹

No interior do conjunto de práticas para a incorporação desses comportamentos, há de ressaltar a tríade pedagógica levantada por José Gonçalves Gondra no trabalho “*Artes de Civilizar: Medicina, Higiene e Educação na Corte Imperial*”¹² e durante a análise das suas fontes, baseada em três eixos temáticos: o intelecto, a moral e o físico, serviram de alicerce para a educação higiênica a partir do XIX.

Tomando como pano de fundo o cenário até aqui composto, buscamos compreender um pouco mais a respeito da tradição literária brasileira forjada nos anos finais do século XIX. Para Antônio Cândido¹³, quatro grandes temas presidem a formação da literatura brasileira como sistema e fazem de nossa ficção literária oitocentista um conjunto mais coeso do que se poderia supor num primeiro momento: o conhecimento da realidade local, a valorização das populações aborígenes, o desejo de contribuir para o progresso do país e a incorporação aos padrões europeus.¹⁴

Nestes limites, o romance oitocentista ocupou-se de lugares, cenas, acontecimentos, personagens, tipos sociais, convenções, usos e costumes inscritos no esteio da verossimilhança, no respeito pela “realidade”, na descrição objetiva da vida social, do cotidiano e na disposição de apontar certo determinismo social nos atos e pensamentos dos personagens. Os escritores, por sua vez, empenharam-se em elaborar uma literatura consciente da sua aplicação social e da sua responsabilidade na construção de uma cultura. Neste sentido, a literatura foi considerada parcela de um esforço constitutivo mais amplo, denotando o intuito de contribuir para a grandeza da nação.

¹¹ Termo utilizado na obra de MATTOS, Ilmar Rohloff de. GONÇALVES, Marcia de Almeida. *O império da boa sociedade: a consolidação do Estado imperial brasileiro*. 7ª ed. São Paulo: Atual, 1991. p. 117-170, 2003.

In: Educação no Brasil: história, cultura e política

¹² GONDRA, José G. *Artes de civilizar: medicina, higiene e educação escolar na Corte Imperial*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004.

¹³ CANDIDO, Antônio. *Formação da literatura brasileira*. 8ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997.

¹⁴ Dentro destes, focaremos nossa preocupação às duas últimas características.

Pouco a pouco, com o incentivo de atividades moralmente corretas quanto aos preceitos higiênicos de educação, a mocidade conduz-se a uma nova forma de organização do viver através da implementação de um comportamento social elitista de sociedade.

Na outra fonte de pesquisa, no contexto da obra *O Ateneu*, de Raul Pompéia, escrita no final do Segundo Império, em 1888, encontramos um exemplo de educação direcionada à elite imperial, intencionada como resultado de influências das normas propostas pelo discurso da racionalidade médica oitocentista.

Trata-se de uma obra memorialista que se preocupou intensamente com a crítica da sociedade, refletindo o pensamento do próprio autor, Raul Pompéia, identificado pelo personagem Sérgio. Apesar de a obra inserir-se num cenário temporal posterior ao vinculado à marcha civilizatória brasileira (1888), o internato retratado no interior do romance abrange exatamente o esteriótipo panóptico¹⁵ de vigilância de colégios da primeira metade do século XIX. Neste ambiente, a estrutura do prédio escolar, o aproveitamento do tempo de estudo, as aulas de ginástica, os castigos oferecidos, a rigidez dos professores, como também do diretor, representam a espreita regradada de vigilância.

Vigilância exercida para normatizar os costumes da mocidade com o objetivo de moldar a população, aprimorando suas características físicas, morais e intelectuais apropriadas à “Nação”. No mesmo sentido em que o nacionalismo é exaltado, podemos verificar nitidamente as características evocadas pelo positivismo, teoria metodológica francesa.¹⁶

Deste modo, o intelectual Raul Pompéia subverteu a ótica romântica segundo a qual o tempo da infância é sinônimo de felicidade inocente. No romance encontramos um retrato impiedoso dos bancos escolares que também pode ser interpretado como uma miniatura da sociedade Imperial da época na qual o personagem Aristarco, o diretor, encarna a figura do poder arbitrário, narcisista e ambicioso, própria dos imperadores.

A partir destes requisitos, elabora-se a questão de pesquisa: quais as principais tendências norteadoras da educação durante o Brasil Imperial? Na tentativa de responder a indagação, avaliamos em que medida o discurso produzido pelos médicos, mais propriamente o discurso higiênico, afetou a concepção de educação na província da Corte.

¹⁵ Termo utilizado para designar um centro penitenciário ideal desenhado pelo filósofo Jeremy Bentham em 1785. O conceito do desenho permite a um vigilante observar todos os prisioneiros sem que estes possam saber se estão ou não sendo observados. É também utilizado na obra *Vigiar e Punir*, de Michel Foucault, para tratar da sociedade de disciplinas.

¹⁶ O positivismo irá estruturar as bases da educação européia a partir da concepção de seu criador Augusto Comte, e estes mesmos ideais servirão de alicerce para a formação da educação imperial através da idéia de progresso associada à evolução como forma de entender o mundo social.

Procuramos identificar se determinadas influências chegaram a se manifestar nas exposições no interior do romance do intelectual brasileiro que viveu os últimos momentos do Império: Raul Pompéia. Esta questão, por sua vez, nos remete a hipóteses que enquadram a importância do discurso médico-higienista, representado nas teses médicas de conclusão de curso produzidas no século XIX brasileiro.

Pretende-se, através da análise do romance, levantar a existência das medidas médico-higiênicas implantadas na sociedade do período e seus reflexos no ambiente escolar. Mais propriamente, num estabelecimento representado pelo ensino secundário particular: o colégio O Ateneu, representado pela ficção, e, ou o Colégio Abílio no Rio de Janeiro, que fez parte da história de vida do autor durante a juventude.

Partimos do pressuposto de que as medidas higiênicas guiaram o percurso da educação de todo o Império, não somente do Segundo Reinado. Para isso julgamos necessária a observação do romance, juntamente com a análise do discurso médico encontrado nas duas teses escolhidas com a temática educação.

A metodologia de pesquisa que ora propomos acrescenta na análise de excertos do romance em contraposição aos excertos das Teses Médicas, de modo a encontrar aspectos higiênicos comuns implantados na educação em ambas as fontes. Como justificativa desta análise, optamos por seguir a estrutura já desenvolvida nas Teses Médicas, no tocante à apresentação dos pressupostos higiênicos em sua adequação para as escolas secundárias da Corte. Desta forma, encontramos as seguintes subdivisões:

1. Cimcurfusa: indicações para os arredores do ambiente escolar.
2. Applicata: indicações para o asseio com o corpo dos alunos.
3. Gesta: indicações para os exercícios físicos em geral e específicos.
4. Ingesta: indicações para a ingestão de alimentos.
5. Excreta: indicações de cuidados para a eliminação de resíduos corporais.
6. Percepta: indicações quanto ao desenvolvimento dos cinco sentidos: audição, visão, paladar, olfato e tato.

Ao mesmo tempo, enfatiza-se a necessidade de levantar a estrutura composta pelos conceitos da tríade pedagógica encontradas no romance, como sendo considerações divisórias pertinentes à educação da mocidade que permearam os preceitos acima:

6. O intelecto
7. A moral

8. O físico

Apresentamos o tema higiene amparado pela análise de uma obra literária escrita no final do Império na busca da identificação de um ambiente escolar cada vez mais condizente com a realidade, uma vez que o romance também pode ser avaliado literariamente como uma crônica de saudades, uma espécie de resgate das memórias de Raul Pompéia durante seus estudos secundários no Colégio Abílio da Corte (1873-1879).

Justamente aí se encaixam alguns princípios de uma educação ideal preconizada que, possivelmente, guiaram a educação para a formação da elite imperial brasileira que, além de fornecer exemplos virtuosos, deveria coibir com rigidez o gosto por prazeres, tornando o indivíduo susceptível às suas imposições. Dessa forma, o limitado espaço dos colégios tornar-se-ia uma espécie de microcosmo da sociedade.

1. MEDICINA, HIGIENISMO E EDUCAÇÃO NA SOCIEDADE IMPERIAL

1.1 O CENÁRIO DA MEDICINA SOCIAL

A participação da medicina no cotidiano dos moradores da Corte se inicia com o com a criação da província do Rio de Janeiro. Para que possamos compreender a influência do discurso médico no interior dos lares e na educação do período é necessário compreender toda a sua trajetória, desde os esforços para sua institucionalização até os reflexos da efetivação de suas estratégias no modo de agir da sociedade. Os resultados obtidos pela medicina durante todo o século XIX arquitetou um tipo de civilização esperada pelo Estado: mais civilizada, higienizada, moralmente sadia, de forma a suprir os problemas do Rio de Janeiro e estruturar o estilo de vida das classes mais abastadas.

Esforçou-se em adequar a população da Corte aos moldes europeus, principalmente àqueles franceses, sinônimo de requinte e sofisticação civilizatória. O foco de transformações, a princípio, atingiu a elite imperial, o funcionalismo público, e os proprietários de terras, ou seja, à maioria abastada. A maioria fez imperar um modo próprio de sociedade.

D. João VI ao desembarcar no Brasil, em 1808, pede ao Físico Mor que o acompanhava, Manoel Vieira da Silva, que apresentasse um estudo sobre as principais fontes geradoras de doenças na colônia. Criava-se, em 1809, o cargo de Provedor Mor de Saúde da Costa e Estados do Brasil; cargo este ocupado pelo próprio Físico Mor com o encargo de coordenar a manutenção da higiene pública no local e promover um controle sanitário na cidade.

As medidas direcionavam-se aos principais agentes causadores dos males, dentre eles, a contaminação do ar pelas sepulturas das igrejas e pelos cemitérios, a má qualidade dos alimentos consumidos, a insalubridade das habitações, das ruas e dos portos. Aspectos que levavam em consideração os próprios agentes naturais que intensificavam o quadro presente no clima quente e úmido e na geografia montanhosa da região.

A preocupação do monarca quanto à salubridade do ambiente em que se instalava mostrou-se pertinente à realidade brasileira, e principalmente à realidade da sede da corte, o Rio de Janeiro.

Os primeiros diagnósticos realizados pelos médicos portugueses não satisfaziam a imagem ideal de um ambiente para abrigar a corte imperial. De acordo com José Gonçalves Gondra pode-se representar o ambiente deste momento segundo cinco dimensões

características: no tocante à saúde: uma cidade doente; à estética: uma cidade feia; à cultura: uma cidade iletrada; à justiça: uma cidade insegura; e à moral: uma cidade imoral.¹⁷

As más impressões e sensações que a cidade causava ficavam por conta principalmente do “esgoto” (urina e fezes) que eram jogados ao mar, mas antes, carregados nas costas dos negros pelos caminhos. Luis Felipe Alencastro caracteriza os escravos responsáveis por esse transporte como “tigres”¹⁸, o qual a pele se via manchada permanentemente com as listras dos dejetos que escorriam durante o transporte.¹⁹

Além disso, ainda não existia uma forte delimitação entre o público e o privado. Nas ruas se via tudo o que era inutilizado nas casas, o tráfego era composto por mascates, comerciantes, negros e feitores. Era necessário “esterilizar” essas gentes, e as luzes da ciência, com a intervenção médica seria a solução.

Diante da visão dos estrangeiros que chegavam ao porto e, depois, quando adentravam ao ambiente, figurava-se um paradoxo entre a imagem da paisagem e o que figurava em seu interior:

Marcada pela visão, audição, olfato e paladar, vai sendo construída uma representação da cidade em que natureza e cultura são colocadas como polaridades. Uma que encanta e outra que assusta. Uma seduz e a outra afasta. Uma postal, outra horror. Uma cidade que deveria ser vista de fora e do alto, porque a cidade que se via nestas condições não era a que se sentia quando os pés tocavam seu chão.”²⁰

Diante desta caracterização, formulam-se as estratégias elaboradas pelo discurso médico para a transformação de um ambiente considerado inóspito e hostil para cidade do Rio de Janeiro.

Até então, no início do século XIX o exercício da medicina era praticamente inexistente e as regulamentações ficavam a cargo do Físico Mor e do Cirurgião Mor onde, de Lisboa, fiscalizavam o exercício da profissão. Na prática, assim como a medicina, essa regulamentação era também inexistente, a profissão ficava por conta de sangradores, boticários, curandeiros, pajés, padres, e até mesmo curiosos.

Dentre a precária clínica dos agentes da medicina anterior a 1808, Santos Filho, em seu estudo sobre a medicina brasileira, enfoca 05 grandes presenças: a medicina indígena,

¹⁷GONDRA, José G. *Artes de civilizar: medicina, higiene e educação escolar na Corte Imperial*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004, p.94.

¹⁸ Luis Felipe Alencastro acredita que a facilidade de dispor de “tigres” retardou a instalação da rede de esgotos nas cidades do Império. Referências no livro *História da Vida Privada no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1997, p.70.

¹⁹ NOVAIS, Fernando A, ALENCASTRO, Luis Felipe de. *História da Vida Privada no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1997. p. 67.

²⁰GONDRA, José G. *Artes de civilizar: medicina, higiene e educação escolar na Corte Imperial*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004.p. 100.

a jesuítica, a africana ou negra e a ibérica.²¹ A eficiência legitimada destes ativistas da medicina²² é explicada pela influência que alguns grupos exerciam sobre os indivíduos, suas tradições e rituais, assim como também pelo número insuficiente de representantes da medicina oficial.

Estes indivíduos que atuavam no Brasil em nome da arte de curar depararam-se, a partir da regulamentação dos profissionais da medicina, com uma grande inimiga: a ciência. Tido como charlatões, os sujeitos que exerciam a cura no Brasil colonial, gradualmente foram deslegitimados, a partir do momento que a medicina ocupa em massa suas características científicas na luta contra outras formas de atuação da arte de curar.

A prática da razão médica surgirá propriamente com a chegada da corte, momento dos primeiros passos de sua atuação no Brasil. Para compreendermos melhor sua ocupação, trataremos primeiramente das suas conquistas, instituições, sujeitos e objetos de aplicação de seu discurso para depois analisá-la em sua transformação do social, pertinentemente à educação. Dessa forma, desvendaremos a medicina social no Brasil sobre seus vários aspectos.

Durante todo o século XIX, a medicina ocupa um lugar central no seio da sociedade. Para Luís Otávio Ferreira, que se dedicou ao estudo do nascimento desta instituição através dos periódicos médicos, “a medicina era a mais social das ciências, [...] as relações humanas em todas as suas dimensões eram, por princípio, objeto da medicina.”²³ Sendo assim, os profissionais do campo médico engajam-se na confecção de um novo direcionamento para o saber, aquele que teria como foco a sociedade.

A Corte torna-se campo fácil de observação e de práticas da racionalidade médica. Edifica-se a medicina com enfoque social²⁴. Atuando para o social, o perfil da dedicação das práticas direciona-se menos ao corpo do doente e mais à própria doença, ou seja, torna-se preventiva.

A constituição da medicina social e da psiquiatria no Brasil foi analisada por Roberto Machado no estudo intitulado *Danação da Norma*, em suas primeiras colocações, considera:

²¹ SANTOS FILHO, Lycurgo. *História Geral da Medicina Brasileira*, v. I. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.

²² Denominação salientada por Gondra para os profissionais que exerciam a medicina antes de 1808.

²³ FERREIRA, Luis Otávio. *O nascimento de uma instituição científica – o periódico médico da primeira metade do século XIX*. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 1996. p.50.

²⁴ O termo medicina social foi utilizado pela primeira vez, em 1848, por Jules Guérin, e dizia respeito às teorias e ações voltadas para relação entre Medicina e assuntos públicos. É justamente essa intervenção da medicina e suas ações funcionais de mudança da identidade cultural, política e social que se configurou no Rio de Janeiro desde a chegada da corte até o Império.

A prática médica não deve mais se restringir a considerar a doença isoladamente, como uma essência independente, e a atuar sobre ela depois que tenha eclodido. O fundamental será, não a ação direta sobre a doença para restabelecer saúde, mas antes de tudo impedir o seu aparecimento, controlar sua manifestação. O objeto da medicina começa a se deslocar, portanto, da doença para a saúde.²⁵

Para o restabelecimento da saúde dos indivíduos, os profissionais da medicina embasaram seus conhecimentos num saber polivalente. Saber que na medida em que se tematiza do ponto de vista físico e moral, mas que, por isso mesmo, não se limita a seus contornos, prolonga-se, através de sua relação com o meio, na análise da natureza e da sociedade.²⁶

No estreitamento desta característica de base da medicina, multiplicam-se os focos, multiplicando-se também os conceitos de atuação da mesma. Paralela à medicina do social encontramos a medicina do natural, direcionada para a topografia e a geografia dos ambientes. Neste momento a medicina política aparece intermediando os interesses do seu objeto de estudo e da sociedade nela representados.

Dessa forma, a regularização e o funcionamento do social sob a óptica médica se ampliam do foco do indivíduo doente para a supervisão da saúde da população. Pela primeira vez, existirá a tentativa da introdução de um princípio de bem comum²⁷ para os indivíduos, para a segurança e prosperidade do Estado, uma vez que a conduta referente ao passado colonial nos condenava:

Passado e presente investidos em uma sociedade onde impera o egoísmo, os privilégios, onde cada um age isoladamente, visando ao benefício imediato e individual; sociedade governada autoritária e arbitrariamente. Ao nível do governo e da população, constata-se, então, o desprezo pelo bem comum.²⁸

Neste sentido, considera-se relevante a análise que o sociólogo francês Jacques Donzelot faz sobre a estrutura da família européia e a origem da estrutura do social. A partir dos séculos XVIII e XIX o aparecimento da preocupação com o bem comum da sociedade esteve diretamente ligado à crise da família e ao efeito político que desencadeou. Em sua obra *A Polícia das Famílias*, o autor delimita um mapa do social onde atribui cinco linhas de “mutações”, como o próprio autor as identifica.

²⁵ MACHADO, Roberto. *Danação da norma: medicina social e construção da psiquiatria no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1978. p. 248.

²⁶ *Ibid.*, p. 251.

²⁷ O princípio de bem comum deve ser aprofundado, como instrumental indispensável para sua compreensão em 05 questões fundamentais: as noções de finalidade, de bondade, de participação, de comunidade e de ordem. Da conjugação desses conceitos fundamentais é que se extrairá a noção de Bem Comum. (In: <http://jus.uol.com.br/revista/texto/11>). Acesso em: 9 fev. 2011.

No caso do Brasil, no período em que fazemos a análise, esse conceito encontra-se em fase embrionária, devido ao tipo de organização da sociedade e estrutura político-econômica desenvolvida no Império.

²⁸ *Ibid.*, p. 255.

Primeiramente revela relações de hibridismo entre o público e o privado; os ricos e os pobres e a cidade e o campo. Em seguida aponta a conjugalidade como ponto de partida para a manutenção do social. Num terceiro momento, revela que o rompimento dos laços paternos necessitará de uma intervenção mais direta do Estado na preservação da família. Como quarta prioridade, aponta o caráter de contrato e tutela que começa a existir entre o Estado e ações públicas intervencionistas, colocando a família como ponte para esses dois caminhos: a medicina e o Estado. Como quinto e último aparato apresenta a psiquiatria como uma nova linha do social.

Apresenta-se o mapa do social desenhado por Donzelot para uma melhor compreensão da linha seguida pela medicina social, pois o seu nascimento causou mudanças no regime adotado pela sociedade. Nas palavras do autor: “o social nasce com um regime de flutuação, onde as normas substituem as leis”.²⁹

No Brasil, o discurso médico interveio no social favorecendo a aristocracia privilegiada desde o antigo regime colonial. Houve o abandono do terreno da lei para adentrar-se no espaço da norma.

Se no regime da lei, instaurado segundo a concepção jurídica discursiva desde a antiguidade, delimita o poder de forma punitiva, coercitiva e repressora, buscando principalmente negar, desqualificar, obstruir a via de acesso ao indesejável³⁰, a norma, agirá através de dispositivos de normatização à margem da lei.

Neste aspecto, teorizam-se para a população as melhores formas de convívio para o bem viver e, conseqüentemente, para uma boa saúde. Nada lhes é imposto, o indivíduo seguirá as normas, mas indiretamente seguirá também para o bem comum e para o Estado.

O Estado aproveita as normas para solucionar urgências políticas, e o foco principal de manipulação será a família, objetivando-se organizar essa sociedade independente que estava sendo construída.

Será pelos cuidados da medicina doméstica (no trato às crianças), e dos pobres (na higiene da coletividade) que a estratégia social formada pela aliança Medicina-Estado buscou atingir suas metas.

Entretanto, apenas historicamente é possível notar esse compromisso. A noção chave deste acordo foi, sem dúvida a salubridade, “o Estado aceitou medicalizar suas ações

²⁹ DONZELOT, Jacques. *A polícia das famílias*. Tradução de M. T. da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1980, p. 07.

³⁰ COSTA, Jurandir Freire. *Ordem Médica e Norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1999, p. 50.

políticas, reconhecendo o valor político das ações médicas”.³¹ A partir desse conceito a medicina adentra o espaço urbano para criar determinações táticas de transformação dos ambientes. Matas, pântanos, rios, alimentos, esgotos, água, cemitérios, quartéis, escolas, prostíbulos, fábricas, matadouros e casas, foram alguns dos inúmeros elementos urbanos atraídos para a órbita médica.³²

No século XIX as residências coloniais transitam de “casas grandes” para “mocambos”³³, estilo que representava o reflexo do seu contato com o mundo: escura, fechada, sem ventilação, em suma, insalubre e doentia. Com isso, a medicina encontrou no interior dos lares um ponto chave para praticar as intervenções necessárias para a regulamentação do contato entre indivíduos, família, cidade e Estado. A salubridade do interior das casas foi colocada em voga uma vez que, em uma mesma casa residia um grande número de pessoas, fazendo jus ao antigo padrão de habitação colonial.³⁴

Aproveitando a concessão de um sistema de aliança, uma espécie de “carta branca” do Estado, os médicos higienistas, pouco a pouco, facilitaram a entrada de produtos estrangeiros do mercado internacional na colônia, importação estimulada com baixos impostos principalmente à Inglaterra desde a Abertura dos Portos às Nações Amigas em 1808. Importam-se vestimentas, materiais para a construção de moradias, como vidraças, grades de ferro, louças e instalações sanitárias, até mesmo o incentivo de materiais para decoração de interiores, tais como tapetes, cortinas e estuques. Isto, ao final do século, agrega-se mais sentido com um contingente maior na exportação de alimentos.

Ao observarmos atentamente esse aspecto, a reeuropeização³⁵ dos costumes se mostrou contrária à manutenção da boa saúde, uma vez que todos esses adereços compostos num único ambiente só fariam aumentar o desconforto produzido pelo intenso calor do interior das casas. Contudo, a medicina social percebia que as transformações de ordem econômica forçavam a mudança da família e que o Estado, apoiando a expansão da saúde pública, lhe havia creditado certa confiança que competia explorar até onde fosse possível.³⁶

³¹ Ibid, p.28-29.

³² Ibid., p. 30.

³³ Conceito dado por Gilberto Freire em seus livros “Casa Grande e Senzala” e “Sobrados e Mocambos” às moradias da população menos abastadas, respectivamente.

³⁴ No modelo de família extensa composta por: pai, mãe, sogro, sogra, tios, tias e primos, dividindo um mesmo espaço e convivendo com alguns escravos domésticos.

³⁵ Falamos em reeuropeização no sentido de renovação das influências de origem européias, a princípio de forma invasiva, com o primeiro contato com Portugal, ao descobrimento, e, mais tarde com a chegada em massa de membros da Corte Imperial Portuguesa em 1808.

³⁶ COSTA, Jurandir Freire. *Ordem Médica e Norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1999, p.113.

O ensino médico superior iniciou-se com os primeiros cursos de Anatomia e Cirurgia e com a criação de escolas médicas na Bahia e no Rio de Janeiro, destinadas a sanar a falta de profissionais da saúde habilitados. Pouco a pouco, os doutores estrangeiros formados na Europa foram substituídos por doutores nacionais, formados em escolas brasileiras. Mesmo assim, a medicina continuou com o perfil de séculos anteriores. Casuística, livresca, teórica³⁷, doutrinada, ao lado do perfil que permeia a educação no decorrer do XIX.

Em 1812, um projeto de autoria do Dr. Manuel Luís Álvaro de Carvalho, diretor dos estudos médicos e cirúrgicos da Corte e do Estado do Brasil, preconiza a fundação de três academias: na Bahia, no Rio de Janeiro e outra em São Luis do Maranhão. A última, infelizmente não se efetivou, a do Rio de Janeiro foi criada imediatamente e a da Bahia, entretanto, somente iniciou os cursos em 1815.

A Academia Médico-Cirúrgica do Rio de Janeiro foi a que contou com o quadro de docentes mais bem instruídos da capital: Joaquim José Marques, José Maria Bontempo, Mariano José do Amaral, Manuel Alves da Costa Barreto, Frei Leandro do Sacramento, dentre outros. Já a Academia de medicina da Bahia contou com a presença de José Lino Coutinho, prócer da Independência, deputado às Cortes de Lisboa e à Câmara brasileira, ministro do Império e brilhante orador parlamentar.³⁸

Em 1829, cria-se a Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, que juntamente com a Escola Médico-Cirúrgica foi responsável por mais um mecanismo de consolidação do saber médico em terra carioca. Estas instituições agiram com três principais tendências: a regulação da profissão, a maior preocupação da corporação médica por políticas sanitárias e a publicação de mecanismos de comunicação que divulgassem o saber médico³⁹.

Em 1832 uma comissão de membros da Sociedade de Medicina elabora um projeto de reforma do ensino médico, dentre as principais:

As antigas Academias passaram a Faculdades de Medicina do Rio de Janeiro e da Bahia. Reorganizou-se e ampliou-se o ensino com a instituição de três cursos, o de Medicina, o de Farmácia e o de Partos, que ensejaram a concessão dos títulos de doutor em Medicina, farmacêutico e parteira. O molde seguido foi o estatuto da Faculdade de Paris. Não se cogitou do curso dentário, permanecendo a prática

³⁷ HOLANDA, Sérgio Buarque. *História geral da civilização brasileira. O Brasil monárquico*. 2. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967, p. 467.

³⁸ *Ibid.*, p. 470.

³⁹ Podemos citar os manuais de higiene e as teses médicas produzidas pelos médicos recém formados como itens que compuseram estes dispositivos. Ver referência em ³⁹GONDRA, José G. *Artes de civilizar: medicina, higiene e educação escolar na Corte Imperial*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004, p.50.

odontológica apanágio dos barbeiros-sangradores, uma reminiscência da era colonial.^{40 41}

Dentre as reformas de cunho institucionais, em 1831 já se observa em relatórios periódicos a influência dos preceitos higiênicos para o bom desenvolvimento da máquina política⁴², para o futuro e a prosperidade:

Como os preceitos higiênicos têm uma influência direta e positiva no desenvolvimento dos movimentos desta máquina, eles não poderiam deixar de ser hoje tomados bastante em consideração; pois cooperando para que o homem se assegure na posse da saúde e vigor, eles alongam os limites de sua existência, tornam mais ampla a sua reprodução, e dão mais atividade e retidão à sua moral, de onde provém aumento da longevidade, acréscimo de população, melhora dos costumes privados e da moral pública.⁴³

Encontram-se esboçadas as representações às quais a medicina se subdividiu na função primordial de legitimação da instituição médica: da higiene, dos profissionais atuantes e dos novos saberes a que a população se submeteu. Enquanto a medicina tenta se estabelecer enquanto um campo de conhecimento especializado, organizam-se estratégias “para desautorizar os demais ativistas da medicina. Ao desempenhar essa função, caracteriza-se por produzir crença no poder sem fronteiras do discurso científico”.⁴⁴

Em relação às práticas produzidas a partir da racionalidade médica, José Gonçalves Gondra classifica em três os dispositivos complementares para torná-las cada vez mais autônomas. Em primeiro, salienta uma instituição de formação representada pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (FMRJ). Em segundo, uma organização de corporação representada pela Academia Imperial de Medicina (AIM). Em terceiro, a produção escrita dos médicos, seus suportes materiais e modalidades narrativas, como as teses⁴⁵, livros, periódicos e literatura.

Paralelamente, surge em 1830, a Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro (SMRJ), lugar de formação inicial de organização da sociedade médica, como um modo de configurar o perfil padronizado da instituição.

⁴⁰ Ibid, p. 470.

⁴¹ O curso de Odontologia instala-se no Brasil tardiamente em 1884.

⁴² Máquina política que, segundo Jurandir Freire Costa, alicerçou-se com a aliança Medicina e Estado.

⁴³ Relatório da Comissão de Salubridade Geral da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, sobre as causas de infecção da atmosfera da corte, aprovado pela mesma Sociedade em 7 de dezembro de 1831, p. 36.

⁴⁴ GONDRA, José G. *Artes de civilizar: medicina, higiene e educação escolar na Corte Imperial*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004. p. 38.

⁴⁵ Lembrando-se que para obter o título de doutor em Medicina, o aluno do sexto ano defendia em público, perante a congregação de lentes, uma tese escrita em vernáculo ou em latim, impressa com recursos do seu próprio bolso. Da qual cinco delas serão citadas no decorrer deste trabalho como fonte de pesquisa.

Ciência. Higiene. Humanidade. Assistência. Palavras-chave que atuaram como guias, com o objetivo de unir os homens que possuíam o saber da arte de curar, como forma de destituição do saber dos demais personagens que ainda atuavam na cura.⁴⁶ Sugestiona-se por José Gonçalves Gondra, que tenha significado a legitimação necessária para a estrutura do projeto civilizador⁴⁷ da sociedade. A Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro encontra um porto seguro para fazer a propaganda da ciência, da higiene e da necessidade de construir uma verdadeira civilização nos trópicos.⁴⁸

A tentativa de exploração do conceito civilização com o enfoque dado ao contexto nacional do Império não se esgota apenas num norteamento específico de pensamento. Segundo Norbert Elias este conceito expressou a consciência de que o Ocidente criou de si mesmo, e mais:

[...] se refere a uma grande variedade de fatos: ao nível da tecnologia, *ao tipo de maneiras, ao desenvolvimento dos conhecimentos científicos*, às idéias religiosas e *aos costumes*. [...] se resume tudo no fato de que a sociedade ocidental dos últimos dois ou três séculos se julga superior a sociedades mais antigas ou a sociedades contemporâneas “mais primitivas”.⁴⁹

A modificação das maneiras e costumes se daria com a intervenção de uma sociedade organizada, responsável e munida de conhecimentos científicos aos moldes do modelo considerado como ideal, o ocidental. Como ato complementar, em 1835, a Academia Imperial de Medicina surge como lugar de articulação dos interesses e projetos da comunidade médica e do governo, bem como de formação continuada dos doutores. Arquetava-se uma espécie de monopólio sobre as artes de curar:

Conhecimentos e matérias médicas mais especializadas, elevação do seu número, fixação da necessidade de uma formação de longa duração, estabelecimento de professores-médicos especializados para cada uma das disciplinas, distribuição do tempo escolar, de regras de avaliação, separação de competências entre o médico, o farmacêutico e a parteira, bem como a proibição das atividades dos leigos.⁵⁰

⁴⁶GONDRA, José G. *Artes de civilizar: medicina, higiene e educação escolar na Corte Imperial*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004, p. 55.

⁴⁷ Segundo Sérgio Murilo de Carvalho, a construção da identidade nacional brasileira se formou a partir da “re-europeização” dos costumes impostos com a chegada da corte portuguesa. Dessa forma, o conceito de cidadania, envolvendo civilidade aparece como algo em construção permanente durante todo o Império brasileiro. Encontramos uma abordagem completa nas obras: *A Construção da Ordem e Teatro das Sombras*.

⁴⁸GONDRA, José G. *Artes de civilizar: medicina, higiene e educação escolar na Corte Imperial*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004, p.60.

⁴⁹ ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador; uma história dos costumes*. Tradução Rui Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1990.

⁵⁰ GONDRA, José G. *Artes de civilizar: medicina, higiene e educação escolar na Corte Imperial*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004. p. 100.

Ou seja, uma formação escolar como condição necessária para o pleno exercício da medicina. A duração do curso de Medicina da Academia Imperial contava a com duração de seis anos, divididos em 22 disciplinas. Dentre elas encontramos a disciplina Higiene, como orientação curricular do último ano do curso⁵¹:

Quadro I: Plano de Ensino 6º ano da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro de 1858

6º ano	
Thomas Gomes dos Santos	<i>Higiene</i> ⁵² e História da Medicina
Francisco Pereira de Abreu	Medicina Legal
Manoel Maria de Moraes Valle (Examinador)	Pharmácia
Manoel Feliciano Pereira de Carvalho	Clínica Externa
Manoel do Valadão Pimentel (Presidente)	Clínica Interna
Luiz da Cunha Feijó	Clínica de Partos

Pela erradicação de fatores ambientais causadores de doenças, medidas paliativas enriqueceram as tentativas de regenerar o corpo a partir do ambiente. A contar com a Junta Central de Higiene Pública criada em 1851, que simbolizou a marcha contra a febre amarela. Composta por profissionais da época dirigiu o serviço sanitário a partir desta data. A questão da salubridade orienta o tratamento contra as epidemias, a exemplo da medida que mediou ações contra a proibição do enterramento nas igrejas e capelas no período entre 1855 e 1856.

Febres intermitentes assombravam o território. Estas ocorrem na primeira metade do século, momento em que a febre amarela torna-se endêmica, fato que designou ao Brasil o apelido de “cemitério de estrangeiros”. Na ausência de saneamento, os dejetos jogados nas praias contribuíram para o surto de doenças epidêmicas. Surto de cólera e varíola também fustigaram o Império entre 1850 e 60.⁵³

Neste contexto, o ambiente epidemiológico do Segundo Reinado levou a Corte a passar temporadas em Petrópolis, visto que no verão o saneamento era dificultado. As montanhas apresentavam-se como o melhor local para família real se abrigar, uma vez que os

⁵¹ Observar o Plano de Ensino Completo no anexo 03.

⁵² Higiene como uma das disciplinas que compunham o Plano de ensino do 6º e último ano da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

⁵³ ALENCASTRO, Luis Felipe. Vida privada e ordem privada no Império. In: NOVAIS, Fernando A. *História da vida privada no Brasil: Império: corte e a modernidade nacional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, v. 2, p. 67.

dois filhos do Imperador, Afonso e Pedro já haviam falecido precocemente devido ao ambiente saturado de miasmas e doenças.⁵⁴

Há indícios que o tema salubridade, antes mesmo de desencadear maiores problemas, já era tema de discurso de José Bonifácio. Vemos que em 1813, em discurso preferido na Academia Real de Ciências em Lisboa, nas considerações a respeito da vacina contra a varíola e do sistema métrico decimal, já havia a preocupação da introdução da vacina no Brasil: “cujos trabalhos têm sido coroados dos mais felizes sucessos (...). Quanta gente, talvez já votada à foice da morte, não tem sido aqui e nas províncias preservada do flagelo matador das Bexigas!”⁵⁵

Anos mais tarde, no parecer lido na câmara em dois de setembro de 1826, Lino Coutinho fez menção a um plano de vacinação:

A Comissão de Saúde Pública, à vista da indicação do Sr. Deputado Duarte e Silva, em que pede uma resolução legislativa, que favorecendo a salutífera prática da vacina se oponha à grande mortalidade e despovoação que vai havendo em todas as províncias do Império com a epidemia das bexigas naturais, não pode deixar de se conder do criminoso desprezo que os diversos governos e câmaras das províncias têm cometido na vacinação dos povos como meio único de precaver o desastroso mal das bexigas, tão recomendado por todos os médicos, e governos filantrópicos, como pensa que isto assim acontece por não haver um facultativo que por paga do governo seja incumbido em dias prefixos da semana, e a conservar sempre vacina fresca de um ano para o outro, é de parecer que haja em cada capital das províncias, e nas vilas principais, um facultativo médico ou cirurgião pago pelo cofre das províncias, quando as respectivas câmaras não tenham para isso, os quais serão obrigados a vacinar duas vezes por semana no palácio do governo, ou na sala da câmara a todos os indivíduos que se apresentarem em circunstâncias de serem vacinados (...) e ficando responsáveis por todas e qualquer falta que sobre tal negócio houver por malícia sua, descuido ou imperícia, debaixo da fiscalização dos presidentes das províncias, até que melhor se ordene sobre a saúde pública.⁵⁶

Um projeto de vacinação se destacou também nas páginas da Gazeta Médica do Rio de Janeiro, em artigo escrito pelo Dr. Soeiro Guarany em 1863. Nele é afirmado que a vacina, na época de seu descobrimento foi considerada uma utopia, desencadeou “uma verdadeira luta como sempre só e acontecer, entre o dever sagrado do medico, e o preconceito popular”⁵⁷, uma vez que viam o vírus contido na vacina com temor que lhes fossem causar algum mal. Mais adiante tentava esclarecer esse fato: “[...] que o vírus, uma vez no estado de

⁵⁴ Ibid, p.68.

⁵⁵ Trecho do discurso proferido na sessão da Academia Real de Ciências de Lisboa, em 24 de junho de 1813. Extraído das memórias da mesma Academia, tomo II – ano de 1814 – Cap.04. In: Produções intelectuais de José Bonifácio: <http://www.novomilênio.inf.br/santos/h0184z58.htm>. Acessado em 07/10/2010. Bexigas é o nome popular porque era conhecida a varíola. Com o desaparecimento desta doença o nome passou a ser também aplicado à varicela.

⁵⁶ MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira (1794-1855)*. São Paulo: Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo, 1977. v.2, p.178.

⁵⁷ Gazeta Médica do Rio de Janeiro. 1976, p.441.

lympha, e nunca no estado de pus, é um elemento por tal fôrma poderoso contra a varíola”. Deu seguimento ao tema esclarecendo que, para o sucesso da descoberta que se deviam implantar visitas domiciliarias em toda a corte:

Este serviço é feito ou pela junta da vacina, na corte, ou então por comissários vacinadores, que delegados della, ou das representações municipaes, são encarregados da inoculação do vírus prophyláticos. Na corte elle tem lugar duas vezes por semana; as portas do instituto abrem-se às quartas-feiras e aos domingos, e ahi concorrem as pessoas que por sua livre vontade desejão preservar-se da varíola.⁵⁸

Todo o trabalho de formação de agentes profissionais qualificados para exercer a profissão e conter o arcabouço epidêmico do local fez parte de um processo paralelo de elaboração de uma imagem convincente do profissional de saúde, notoriamente pública. Neste momento confirma-se a necessidade da consolidação do saber médico em solo carioca, e passa a construir gradativamente a confiança da população. Conforme mencionado, os boticários, as parteiras e os curandeiros faziam parte de outra classe de ativistas da medicina, vista com maus olhos pelo Estado e pelos médicos recém formados.

Para Roberto Machado a grande ofensiva da medicina social no país foi acompanhada pelo ostensivo ataque à figura do charlatão, como se representasse a outra face do desenvolvimento do ensino médico.

Charlatões. Eram assim considerados os curiosos, rezadores, curadores e raizeiros que exerciam a medicina na maioria das vezes com conhecimentos adquiridos em manuais. O mais difundido foi o Dicionário de Medicina Popular, no Rio de Janeiro em 1842, pelo Dr. Pedro Luís Napoleão Chernovitz. Os charlatões já haviam conquistado a confiança do povo desde tempos coloniais, portanto, possuíam maior confiança na medicina popular, uma vez que a aceitação do profissional de medicina custou a chegar.

[...], pois, todas as evidências são de que o homem do povo temia os médicos e suas “terapias heróicas” (as sangrias, os purgantes, a aplicação de sanguessugas, os banhos escaldantes, etc.), não lhes tinha qualquer estima e preferia recorrer à “medicina” caseira ou popular.⁵⁹

Nas páginas da Gazeta Médica do Rio de Janeiro em 1º de novembro de 1863, encontramos a indignação dos ativistas da medicina diante do rival de profissão:

É uma verdade incontestável que em muitos pontos do interior do Brasil, principalmente em algumas províncias mais remotas, não existe número sufficiente de médicos e pharmaceuticos para satisfazer as necessidades da saúde publica,

⁵⁸ Ibid. p. 460.

⁵⁹ COELHO, Eduardo Campos. *As profissões Imperiais: Medicina, Advocacia e Engenharia no Rio de Janeiro (1822-1830)*. Rio de Janeiro: Record, 2003, p.90.

dando isto lugar a achar-se parte de nossa população sujeita aos botes do charlatanismo, aos erros da ignorancia ou ao mais completo abandono.⁶⁰

O perfil deste novo profissional era munido de características totalmente opostas às dos charlatões. Deveria possuir boa formação, cultura geral e boa capacidade de expressão, características fundamentais de um discurso com maior teor de persuasão e autoridade. Porém, só a boa formação não bastava, era imbuído um trabalho “negativo”, que consistia em denegrir a imagem do charlatão e exaltar a figura do médico. Era desqualificada sistematicamente a atividade dos curandeiros, associando-a a práticas bárbaras, ao mesmo tempo contrastando-a com os procedimentos racionais, científicos e civilizados dos profissionais formados.⁶¹

Durante a reflexão sobre a atuação das práticas médicas no século XIX, vemos a busca da cura de modo um tanto curioso: sangrias, banhos escaldantes seguidos de banhos gelados e uso de sanguessugas. Ao mesmo tempo, seria injusto penalizá-los com o olhar do século presente, visto que todas as épocas estão na plenitude de suas potencialidades⁶². Não nos cabe fazer um julgamento de suas técnicas, mas sim da formação e teorias que possuíam para embasar tais curas. Por esses e outros motivos que a aceitação da categoria médica demorou a chegar, seus meios de cura foram rejeitados pela maioria da população, e isto, de certa forma, justificava a sua discriminação.

Até mesmo em outros países observamos citações sobre o uso de técnicas rudimentares de cura na literatura do período. Prova de que, nem só no Brasil eram comuns tais procedimentos, se faziam tendência mundial na medicina. Como exemplo, o que se passou na Rússia em 1852 era a preponderância de métodos nada científicos de cura.

Eis o trecho de um tratamento de Nicolai Gogol, romancista e teatrólogo ucraniano e um dos fundadores da moderna literatura russa: diagnosticado equivocadamente seu estado como insanidade mental, de fato, fisicamente exausto devido a uma voluntária greve de fome da qual resultara uma isquemia cerebral aguda, viria a falecer no mesmo ano, logo após o tratamento abaixo descrito:

É horrível ler o relato sobre a manipulação grotescamente rude a que o frágil corpo de Gogol foi submetido quando tudo o que ele pedia era para ser deixado em paz. Com uma primorosa interpretação incorreta de sintomas e com uma clara

⁶⁰ Gazeta Médica do Rio de Janeiro. 1976, p. 415.

⁶¹ FRANÇA, Jean Carvalho. *A higienização do povo: medicina social e alienismo no Rio de Janeiro oitocentista*. 1990. Dissertação de Mestrado em Sociologia – FFCH – UFMG, 1990, p. 49.

⁶² BRASIL, Rodrigo Chagas. *Literatura e Medicina na construção da sensibilidade brasileira oitocentista*. Dissertação de Mestrado em História. FHDSS- UNESP- Franca, 2005. p. 122.

antecipação do que seriam os métodos de Charcot, o doutor Auvers (ou Hovert) mergulhava seu paciente em uma banheira quente onde a cabeça era encharcada com água fria, após o que ele era colocado numa cama com meia dúzia de rechonchudas sanguessugas afixadas ao seu nariz. Ele gemia e chorava e se contorcia, enquanto seu corpo desventurado (podia-se sentir a coluna vertebral através do estômago) era carregado para uma funda banheira de madeira; ele tremia enquanto jazia nu na cama e continuava suplicando para que retirassem as sanguessugas: elas estavam pendendo de seu nariz e entrando em sua boca (Ergamnas, mantenham-nas longe de mim – suplicava ele). E tentava livrar-se delas de modo que suas mãos tinham de ser contidas pelo corpulento assistente de Auvers (ou Hovert).⁶³

Muitas das estratégias médicas que foram implantadas através do apoio do Estado ao regulamentar a profissão médica com a intenção de usufruir do novo padrão de sociedade contou com o auxílio de um foco distribuidor. Era necessário dominar a família, até então contaminada pelos moldes coloniais, de forma a nuclear e a distribuir o aprendizado. Entretanto, é válido ressaltar que, por trás de todo o cuidado demonstrado com os hábitos e costumes da população local, havia também, de forma especial, a preocupação no trato à mocidade, ou seja, aos jovens.

Dentre os membros da família, a mocidade aparece como o principal agente de transformações, especificamente durante a fase da puberdade:

A abertura que começa com o interesse sexual, pois era o amor essa desconhecida e irresistível força que o arrastava para o sexo sedutor que, finalmente, apresenta-lhe a natureza mais risonha, revestida de mais encantos, oferecendo-lhe a nova vida.⁶⁴

E a necessidade de desenvolver-se um perfeito adulto higiênico através dos zelos registrados na infância:

A maneira com que o indivíduo tinha sido tratado na sua infância era determinante de suas qualidades corporais e morais quando adulto. Uma criança submetida a uma má amamentação; a uma alimentação insuficiente; à falta de exercício; a um regime anti-higiênico do vestuário; ou, ainda, a castigos brutais; à falta de amor paterno e materno; ao medo provocado por histórias de fantasmas, duendes, lobisomens, etc. [...] seria um adulto fraco de caráter, pusilânime, possuidor de uma saúde física e moral extremamente precária.⁶⁵

Relata-se sobre a formação do amor ao indivíduo e ao próprio Estado de referência desse indivíduo; amor à Nação, um sentimento de superioridade biológica e social do corpo para a constituição e diferenciação dos membros pertencentes à elite.

Até aqui procuramos levantar questionamentos quanto a formação do saber médico através de características estritamente homogêneas, justificadas pela iminência social

⁶³ NABOKOV, Vladimir. *Nicolai Gogol: uma biografia*. São Paulo: Ars Poética, 1994, p. 7-8.

⁶⁴ COSTA, Jurandir Freire. *Ordem Médica e Norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1999. p. 72.

⁶⁵ *Ibid.*, p. 144.

deste saber. Até mesmo afirmando ser a medicina social do século XIX um verdadeiro instrumento tecno-científico à serviço do Estado.

Embora a abordagem seguida seja focada na medicina como principal instituição com poderes transformadores, existem outras abordagens que merecem destaque. Por se delimitar o outro lado do mesmo processo, a análise de Gabriela dos Reis Sampaio⁶⁶, sobre as diferentes vertentes da medicina no Brasil Imperial mostra-nos um olhar relativo sobre o conceito da existência de uma medicina homogênea e sobre a ligação de estreitamento, tão aparentemente óbvia, entre médicos e autoridades.

A autora qualifica as análises descritas um tanto quanto simplificadas no que diz respeito à constituição do saber médico. Remete a intenção para não se ignorar os conflitos e contradições que existiram ao longo de sua consolidação, pois afirma a existência de uma luta na profissionalização da medicina, como um processo longo e conflituoso, que encontra homogeneidade somente nos últimos anos do Império.

Dessa forma, nos remete à uma outra forma relevante de se exercer as práticas de cura, uma visão dos próprios pacientes durante esse processo de constituição da medicina científica. Neste sentido já enfatiza também o historiador, Sidney Chalhoub:

Para perceber-se o real alcance das práticas higienistas, das políticas de saúde pública e mesmo da significação da tão citada “normatização”, é inevitável reconstituir as visões populares sobre as concepções e práticas da medicina oficial, “dominante”.⁶⁷

Portanto, não se esgotam aqui os levantamentos sobre a influência da medicina nas transformações do dia a dia da população Imperial. Procuramos contribuir à pesquisa com os olhares que trilharam o percurso da medicina social no Rio de Janeiro Imperial, salientando a participação de instituições como a Medicina e o Estado, seus mecanismos de controle sociais postos em prática e de sujeitos importantes como a figura do o charlatão e do médico no interior da sociedade.

A partir de agora, nossos estudos enfatizam a repercussão da medicina em relação à educação, especificamente àquela inaugurada pelos preceitos higiênicos de conduta apenas mencionados. Grande parte dessa relação poderá ser encontrada no discurso médico das teses. Trata-se de uma nova parte de abordagem da análise: a da higiene na educação e sua produção de saberes.

⁶⁶ SAMPAIO, Gabriela dos Reis. *Nas trincheiras da cura: as diferentes medicinas no Rio de Janeiro imperial*. Campinas: Editora da UNICAMP, CECULT, IFCH, 2001 (Coleção Várias Histórias).

⁶⁷ CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial*. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.

1.2 O HIGIENISMO NA EDUCAÇÃO DA CORTE

Sabemos que forma-se certa motivação no intuito de moldar os habitantes para que participassem efetivamente do progresso do país. Neste momento a preocupação com a formação elitista brasileira torna-se cartilha. A formação do discurso médico imperial atuou como transmissor de hábitos e costumes que serviram de base para ações de mudança no modo de viver da sociedade.

Os profissionais capacitados para o exercício da medicina foram trazidos de além-mar para facilitar a estratégia de civilizar a população da colônia, a partir de 1822, já considerada independente politicamente da metrópole portuguesa. A fundação da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (1830) e da Academia Imperial de Medicina no Rio de Janeiro (1835) podem ser consideradas parâmetros para o início da construção da identidade médica brasileira, assim como a sua influência no cotidiano populacional pode ser comprovado nas ações estabelecidas pela medicina social.

Neste sentido, o conhecimento adquirido no decorrer dos cursos de Medicina, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, era testado rigorosamente através de exames finais rígidos, tornado-se obrigatória a apresentação dissertativa ou em proposição de uma tese.⁶⁸

Ao término do curso, a obtenção do curso de doutor estava condicionado à escrita, aceitação, sustentação e aprovação de uma tese sobre os saberes ensinados ao longo do curso, que deveria ser registrada e tornada pública. *A tese é, portanto, o documento que funciona como atestado de competência do candidato à condição de sujeito da racionalidade médica.* Enfim, esse documento e a participação do doutorando no evento que a ele se encontra associado representam as últimas exigências para se tornar o proprietário da insígnia de doutor.⁶⁹

No conteúdo das teses se averiguam a produção escrita dos médicos, seus suportes materiais e modalidades narrativas. O enunciado médico permanece sobre as variações de um texto de tese escrito em estilo moldado aos ânimos de 1850, lembrando a vertente romântica que então se praticava, e, inclusive lembrando textos marcados pelo determinismo, com a proposta de ordem e progresso que alimentavam os ânimos das décadas finais do século XIX.

⁶⁸ José Gonçalves Gondra em *Artes de Civilizar* ressalta que no conjunto das teses cuja finalidade era a conclusão do curso, há uma predominância do formato dissertativo, o que sugere uma preferência por um tratamento mais aprofundado das questões educacionais, em oposição ao formato propositivo, que sugere um tratamento mais superficial dispensado ao tema.

⁶⁹ GONDRA, José G. *Artes de civilizar: medicina, higiene e educação escolar na Corte Imperial*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004, p. 82.

O arcabouço fornecido com fins de legitimar o saber médico estava ligado a uma série de regulamentos. A qualificação do curso seguiu uma rígida estrutura, que visasse uma determinada ordem, àquela que qualificava a ciência e desqualificava o saber rotineiro.

As dissertações elaboradas após o regimento de 1854 da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro seguem em regra à seguinte estrutura:

Quadro II - Estrutura Geral das Dissertações/ Regimento de 1854

1.	Tema aprovado pela congregação sobre as “importantes ciências professadas na faculdade”.
2.	Desenvolvimento de três temas de proposições.
3.	Presença ao final, de três aforismos de Hipócrates. ⁷⁰

No entanto, privilegamos na análise da estrutura que oferece a leitura discursiva das fontes, o aparato físico do material e o ordenamento dos pontos desenvolvidos nos estatutos de 1837, tais como a capa, a identificação das autoridades instruídas, as dedicatórias – aos pais, outros familiares, amigos e autoridades; aos mortos e vivos – o título e o corpo de texto propriamente dito.⁷¹

Na capa⁷² observamos a epígrafe introdutória ao tema, fazendo-se pertinente a observação à procedência geográfica dos alunos formandos, ressaltando o reconhecimento de uma paternidade legítima, o local da publicação, a tipografia responsável pela impressão do texto, o endereço e o ano de publicação. O sobrenome do formando era tido como um ponto de referência, pois, dependendo da província e da família proveniente, era maior ou menor o seu grau de influência na sociedade.⁷³

A estrutura das teses brasileiras apresenta-se bem semelhantes às apresentadas na Academia Francesa de Medicina, essa constatação leva-nos a trabalhar com a hipótese da existência de um padrão material, de um repertório de temas e de um funcionamento modelar do campo intelectual.

No quadro abaixo listamos as teses médicas utilizadas e as principais temáticas higiênicas que as envolviam:

Quadro III: Fontes

⁷⁰ Uma das figuras mais importantes da história da saúde, frequentemente considerado “pai da medicina”, sendo referido como uma das grandes figuras entre Sócrates e Aristóteles durante o florescimento intelectual ateniense.

⁷¹ Ilustrações presentes nos ANEXOS nº. 02.

⁷² Ilustrações presentes nos ANEXOS nº. 01 e nº. 02.

⁷³ As observações de parentesco eram significativas na composição da estrutura das teses.

Teses Médicas da Academia Imperial de Medicina⁷⁴

Ano	Autor	Título	Temática
1855	José Bonifácio Caldeira de Andrada Júnior	Esboço de uma hygiene dos collegios applicavel aos nossos; regras principaes tendentes à conservação da saúde e ao desenvolvimento das forças physicas e intellectuaes, segundo as quaes se devem regular os nossos collegios.	Higiene e Educação
1858	Antenor Augusto Ribeiro Guimarães	Esboço de uma hygiene dos collegios applicavel aos nossos; regras principaes tendentes à conservação da saúde e ao desenvolvimento das forças physicas e intellectuaes, segundo as quaes se devem regular os nossos collegios.	Higiene e Educação

Ambas as teses escolhidas possuem o mesmo título, já que se fazia comum a discussão nas dissertações da temática higiene e educação. Além de mencionarem em seus títulos o “esboço” de higiene aplicada nos colégios, observamos a menção às “regras” para a conservação da saúde acompanhada ao desenvolvimento físico e intelectual.

A tese de 1858 do Dr. Antenor Ribeiro Guimarães, discute a higiene na educação dos colégios da corte seguindo o seguinte roteiro:

Quadro IV: Estrutura de Tese: Dr. Antenor Ribeiro Guimarães (1858)

Condições Gerais	
Condições da Educação Física	<ul style="list-style-type: none"> - Temperamentos - Raças - Hereditariedade - Casamento - Dos ares - Das localidades - das aplicações gerais
Infância	<ul style="list-style-type: none"> - Aparelho digestivo - Funções respiratórias - Funções da pele - Funções dos órgãos motores - Funções dos sentidos - Da audição - Da vista - Sono e Vigilância
Segunda Infância	<ul style="list-style-type: none"> - Alimentação

⁷⁴ Observar contra capa das teses em Anexo 2.2.

	<ul style="list-style-type: none"> - Ginástica - Dos sentidos - da Voz e da Palavra - Aparelho Sexual - Adolescência - Das moças - dos Moços
Educação moral e intelectual	
Conclusão	
Internato	
Proposições	

Primeiramente, nas Considerações Gerais, o autor designa a amplitude de seus estudos, considerando primordial a preocupação do organismo como um todo, devendo-se desenvolver todas as suas potencialidades, daí a preocupação com o físico, com a moral e com a intelectualidade. Faz-se de início esta apresentação para, no decorrer do trabalho enfocar outros detalhes de cada prioridade. A saber:

1. Das Condições da Educação Física. Este subtítulo não apenas expõe o óbvio no que diz respeito à estrutura física dos corpos humanos. Amplia todo um leque de preocupações para a manutenção propícia deste organismo em todas as suas plenitudes, tanto externas, como internas.

Está fora de duvida que a educação deve ter por fim o aperfeiçoamento de todas as partes do nosso ser, physico, moral, e intellectual, mas de modo conveniente, à partes intimamente ligadas e que concorrem todas para o mesmo fim – a sua vida total. Seria mão o systema que não abraçasse o homem inteiro, e seria um erro considerar estas diversas partes como isoladas ou attribuir à uma d’ellas uma influencia capaz de aniquilar a outra.⁷⁵

Isto explica a preocupação dentro do enfoque dado às Condições da Educação Física: temperamentos, raças, hereditariedade, casamentos, ares, localidades e aplicações gerais. Cada um deles mostra-se de extrema importância para compor a série de medidas entendidas como higiênicas que envolverão a adaptação da mocidade e a educação.

2. Infância. Considerada uma distinção por classificação da faixa etária, ou seja, entendia-se por infância o “período que decorre entre a primeira e a segunda dentição e que

⁷⁵ GUIMARÃES, Antenor Augusto Ribeiro. *Esboço de uma hygiene dos collegios applicável aos nossos; regras principaes tendentes à conservação da saúde e ao desenvolvimento das forças physicas e intellectuaes, segundo as quaes se devem regular os nossos collegios*. Rio de Janeiro: Typografia Imparcial de J. M. Nunes Garcia, 1858, p.06.

vae dos três aos sete annos”.⁷⁶ O detalhamento de orientações deste período restringe-se às orientações desde a ingestão de alimentos até a qualidade do sono da criança, acompanhado da espreita vigilante do inspetor.

3.Segunda infância. Neste período enquadram-se conceitos que já foram iniciados segundo as influências higiênicas, seja na família sob a orientação da mãe, ou nas instituições escolares, sob orientações, do diretor, mestres e inspetores.

Esta segunda infância é um período de actividade circulatória e muscular durante a qual a constituição concentra suas forças para resistir ao choque da puberdade. É de sete a quatorze annos que ambos os sexos mais necessitam de cuidados, é n'esta occasião que sua boa ou má educação lhes preparam muitos annos de felicidade ou infortúnio.⁷⁷

Encontra-se justamente aí o período em que se enquadra a mocidade nas instituições de ensino secundário da Corte. Período essencial, cujo enfoque metodológico será aqui apresentado e justificado nos capítulos que seguem. As subdivisões apresentadas: alimentação, ginástica, dos sentidos, da voz e da palavra, aparelho sexual, adolescência, dos moços e das moças serão desenvolvidas com propriedade e completadas com a literatura médica francesa nas páginas que seguem.

O item que sinaliza a educação moral e intelectual permeará todos os anteriores, uma vez que se trata de hábitos engendrados no dia a dia da mocidade e no interior das instituições escolares, principalmente na defesa do formado educacional sob o formato de internato.

Os hábitos exercem uma poderosa influencia na formação de nossos caracteres. Locke diz: o princípio e a base de todas as virtudes é o habito da faculdade de reprimir e domar as paixões.

Cumpre, portanto imprimir nos meninos os bons e reprimir os maus, costumal-os ao amor do trabalho, a ordem, á exatidão, à franqueza, a justiça, ao asseio, à decência e a dignidade em todas das suas acções.⁷⁸

Através da análise das teses com a temática higiene e educação, adicionada à estrutura de sua composição, obtemos uma amostra da representação da organização escolar construída a partir do discurso médico-higiênico, bem como a construção das funções dos sujeitos nela inseridos: os mestres, os alunos e os diretores. Isto é, sob o ponto de vista da constituição da cultura escolar são fornecidas as normas e finalidades que regem a escola segundo a orientação da educação higiênica.

Partindo do pressuposto de que a cultura escolar poderá ser discutida segundo três principais eixos: as normas e finalidades que regem a escola; a formação da

⁷⁶ Ibid, p.25.

⁷⁷ Ibid, p39.

⁷⁸ Ibid, p.125.

profissionalização do trabalho do educador, como também os conteúdos ensinados, ou seja, as práticas escolares. É justamente no discurso produzido nas teses médicas que encontramos as normas e finalidades que deveriam reger as escolas, ou seja, as normas e finalidades “higiênicas”.

Propomos a reflexão da própria produção da idéia de infância no Brasil, evocando o profissional médico como principal agente transformador da sociedade, uma vez que, aparado por uma aliança com o Estado, divulgou os ideais da higiene como ciência salvadora, através da teses de conclusões do curso de medicina, como uma forma de deixar registrado o saber médico.

A maior valorização, atribuída mais ao futuro da criança do que ao seu presente, provocaria a afirmação não só da necessidade, mas também da generalização de uma relação pedagógica que progressivamente invadiu toda a vida social. A civilização escolarizada, em construção no século XVI e nos séculos seguintes, viu a infância como projeto e a escola como agência fundamental de transmissão cultural e reprodução de normas sociais.⁷⁹

Observam-se as afinidades existentes entre os princípios esclarecedores das atividades no interior das instituições escolares e o saber médico. Com a nítida inserção do corpo infantil num universo escolar em que espaço, tempo, discursos e práticas deveriam ser refletidas com base nos princípios médico-higiênicos salienta-se a:

[...] necessidade da vigilância higiênica sobre a escola, nos seus mais diferentes aspectos, desde a localização do edifício escolar até a divisão do tempo e a escolha de métodos e processos de ensino, e, ao mesmo tempo, de oferecer um modelo de organização a ser seguido pelas escolas.⁸⁰

Faz-se observar certa tendência metodológica que envolve as temáticas envolvendo o físico, a moral e o intelectual da mocidade como fonte de interesses de formação da infância. Da mesma forma que as transformações sociais, a geografia do ambiente, a estrutura do prédio escolar, as normas de conduta no interior das instituições escolares foram prescritas pelo modo higiênico de se educar. “Tudo na escola devia-se obedecer a um plano em que a hygiene e a pedagogia se dessem as mãos para o cabal desenvolvimento intelectual e physico da infância e da mocidade.”⁸¹

Observa-se que cabe ao emprego das intervenções médico higiênicas para a educação, um detalhado grupo de aspectos: desde a localização física à arquitetura dos

⁷⁹ NÓVOA, Antonio. *Do mestre-escola ao professor do ensino primário – Subsídios para a história da profissão docente em Portugal (séculos XV-XX)*. Análise Psicológica, Lisboa, n. 3, p.415, 1987.

⁸⁰ GONDRA. *A escola e a produção de sujeitos higienizados*. PERSPECTIVA, Florianópolis, v.20, n.02, p.500, jul./dc2. 2002

⁸¹ Excerto citado por Gondra no artigo “A Produção de sujeitos higienizados” de Balthazar Mello em sua obra *A hygiene na escola de 1902*.

colégios; as rotinas escolares, incluindo tempo, conteúdo e horários de estudo; vestimentas padronizadas (uniformes); recreios; sono; banhos. Prescrições essas, inseridas no estudo da divisão do tempo biológico da infância, a divisão de classes por idade, numa sobreposição do estudo biológico, que muitas vezes não consideram as transformações que o arcabouço social também pode causar na infância. Acompanhando esse roteiro, seria possível ao Estado instalar escolas higienizadoras, desde que modeladas de acordo com os princípios da higiene.⁸²

Roberto Machado, ao explorar especificamente a higiene no interior das instituições, dedicou atenção especial às normas escolares. No capítulo dedicado aos colégios, utiliza-se do Romance de Joaquim Manoel de Macedo: “*Memórias de um Sargento de Milícias*” para fazer um contraponto higiênico a partir da descrição de um internato. O autor, também médico, desenvolve uma descrição do local e funcionamento da escola, relacionando a estrutura e o relacionamento dos alunos e professores. A atenção recobre a crítica feita pela medicina social às escolas existentes no Rio de Janeiro, que aponta para o controle da vida da criança, voltada para uma instituição medicalizada:

[...] nelas, as crianças não encontram as condições que permitiriam seu sadio desenvolvimento. Reunidas geralmente em grande número, são jogadas por um diretor arrogante de higiene em uma mesma casa pouco asseada, situada em ruas acanhadas e tortuosas, no centro da cidade, muitas vezes próximas a hospitais – cujas emanções mórbidas infectam o ar – ou quartéis - onde se passam cenas obscenas testemunhadas pelas crianças.⁸³

Na Conclusão da tese, o médico Ribeiro Guimarães argumenta sobre a higiene nos colégios, dando prioridade à ventilação no interior da sala de aula, ao tempo prolongado no interior das salas e às localizações não higienicamente condizentes.

Os vícios actuaes dos estabelecimentos de instrução primária e secundária são de muitas espécies e se referem tanto á educação physica como à moral, o que facilmente se depreheende do que já havemos dito.

Trataremos agora mais particulamente d’aquilo em que offendem à hygiene.

Na maior parte dos nossos collegios, os meios de ventilação são insufficientes, ainda que em uma sala muitas vezes se accumularem cem ou mais meninos mais ou menos asseados produzindo um verdadeiro mephitismo. Condemnados igualmente com os mestres a respirar um ar impuro, ao muitas vezes accometidos de atordoamento de cabeça e cephalalgia e contraheem o germem de certas moléstias caracterisadas por uma alteração da composição do sangue.

Uma outra condição contraria à hygiene é o tempo prolongado das classes. Dez ou doze horas passadas na immobilidade e cosntrangimento fatigão extraordinariamente a alma e o corpo moveis da infância; longe de aproveitar à instrução são-lhe prejudiciaes, porisso que destroem o habito de applicação que só

⁸² GONDRA, José G. *Artes de civilizar: medicina, higiene e educação escolar na Corte Imperial*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004, p.108.

⁸³ MACHADO, Roberto. *Danação da norma: medicina social e construção da psiquiatria no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1978, p. 297.

póde ser momentâneo n'esta época. Para os meninos de seis a dez annos as classes e estudos geraes não devem passar de quatro horas e de sete para os de dez a quatorze.

Muitos collegios e escholae da cidade e das províncias tem falta de luz, de espaço, etc., muitos são construídos de uma maneira defeituosa não só em relação aos materiaes como por certas visinhanças insalubres.⁸⁴

Quadro V – Estrutura de Tese: Dr. José Bonifácio de Andrada Jr. (1855)

- Introdução	
- Da Hygiene dos collegios propriamente dita	I - Círcumfusa II - Applicata III - Ingesta IV - Gesta V - Excreta VI - Percepta
- Ciências Acessórias	- Proposições
- Ciências Acessórias	- Proposições
- Ciências Médicas	
- Aforismo de Hipócrates	

O médico José Bonifácio de Andrada Júnior, em 1855 inicia sua dissertação enfocando o progresso do ser humano desde as épocas primitivas, onde gradativamente, para vencer o ambiente e garantir a sobrevivência, o homem teceu estratégias harmoniosas. Uma delas foi a elaboração de cuidados e prescrições para o corpo.

Nascia a Higiene. A partir do momento em que ela fez-se necessária para o bem comum, houve a necessidade de torná-la pública:

[...] deixou-se por assim dizer, eclipsar por uma verdadeira necessidade do viver, necessidade que nos era imposta pelo juramento tácito, que nos fizemos, de nos ajudar-mos reciprocamente, de concorrermos todos para o bem comum, de escrevermos sempre que possível fosse, algumas linhas no grande livro da civilização e do progresso.

E foi assim que nasceu a Hygiene Pública; fraca nos primeiros dias da sua existência, sem o apoio das outras sciências, que ainda se achavão também no berço da infância, revestida, ora com o sagrado manto da religião. Ora com a autoridade de um regulamento militar ou de uma prespcção civil, ela fez ouvir as suas primeiras ordenações [...].⁸⁵

⁸⁴ GUIMARÃES, Antenor Augusto Ribeiro. *Esboço de uma hygiene dos collegios applicável aos nossos; regras principaes tendentes à conservação da saúde e ao desenvolvimento das forças physicas e intellectuaes, segundo as quaes se devem regular os nossos collegios*. Rio de Janeiro: Typografia Imparcial de J. M. Nunes Garcia, 1858, p.63.

⁸⁵ ANDRADA JR, José Bonifácio Caldeira. *Esboço de uma hygiene dos collegios applicável aos nossos; regras principaes tendentes à conservação da saúde e ao desenvolvimento das forças physicas e intellectuaes, segundo as quaes se devem regular os nossos collegios*. Rio de Janeiro: Typografia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve, 1855, p.04.

Sendo assim, arquitetava-se a história da Higiene passando-se por tempos de formação de uma estrutura moral e cuidados com o corpo para a Guerra. Toma-se como exemplo a educação na antiguidade clássica, em Esparta:

Depois das instituições de Moisés, os banhos públicos, os gínásios e os jogos, que se espalham por toda a Grécia, concorrerão não pouco para o desenvolvimento de corpo e de espírito, que foi por tanto tempo a partilha das gentes gregas; por esta ocasião é que a higiene foi mais directamente applicada à mocidade, e os meninos de Sparta, quer de um, quer de outro sexo, são conduzidos, apenas chegados à idade de sete annos, aos gínásios, e lá procuravam os meios de fortalecer seu corpo, e de resistir às interperies das estações e às vicissitudes da guerra; o legislador gentio, posto que por vias diferentes, guiava-se pela mesma estrella do propheta do Sinai.⁸⁶

De acordo com o discurso médico-higienista o efeito da ausência da implementação das regras higiênicas na nossa sociedade, culmina nos mais variados costumes do cotidiano imperial em prol do progresso da sociedade.⁸⁷

[...], com efeito, que há de menos higiênico que nossos costumes e algumas mesmo das nossas instituições? Alimentação, vestidos, recreios, hábitos caseiros, todo o viver de hoje parece conspirar-se contra a prolongação da nossa existência, [...] o progresso da educação intellectual, elevando, como diz um higienista contemporaneo, o cérebro da nossa mocidade ao tom de uma febricitante assimilação; a industria mesmo, multiplicando, na nossa atmosphaera, os focos de emanações morbificas, são outras tantas causas que removem de nossa época uma exacta observância das regras higienicas.⁸⁸

A higiene, seja como disciplina acadêmica, ou apenas indicação referente ao comportamento aseado dos sujeitos, alavancou influência nos ambientes educacionais, como no interior de demais instituições. Ou seja, todo ambiente onde se deveria prezar pela manutenção da ordem dos costumes:

A hygiene das prisões, dos hospitaes, dos aquertelamentos militares, dos collegios, etc., devem merecer da parte das autoridades, quer publicas, quer do estabelecimento mesmo, todo o cuidado e attenção; nos últimos sobretudo, em que existe o germen da geração que amanhã nos tem de substituir no drama social, cumpre, a par do aperfeiçoamento da intelligencia, fazer marchar a educação do corpo, para que não defina a matéria com as depredações do espírito. É da sua hygiene que vamos de preferênciam occuparmo-nos; doe-nos profundamente que não esteja em nossas mãos o fazê-lo como exigira a importância do assumpto, mas

⁸⁶ Ibid, p.05.

⁸⁷ Verifica-se a forte influência de aspectos ligados à transformação da sociedade, característicos da tendência progressista do francês Comte. Acreditando – se nos diferentes estágios que a humanidade teria que galgar rumo ao estado ideal de progresso, o positivo.

⁸⁸ Ibid, p.06.

faremos o que pudermos, e cremos que assim obrando teremos satisfeito o nosso compromisso.⁸⁹

Levantando-se a importância da higiene propriamente como uma ciência a ser utilizada a favor da infância:

Esta sciencia da infância virá mostrar às famílias e aos directores dos estabelecimentos públicos e particulares a importância que devem ligar à constituição dos estabelecimentos públicos e particulares a importância que devem ligar à constituição, temperamento, fraqueza e disposições morbidas da infancia, e ensinar-lhes a obviar estes inconvenientes oppondo-lhes uma alimentação variada e escolhida, ar, água, logar, clima adequado, uma gymnastica proporcionada e até mesmo agentes medicamentosos.⁹⁰

Na Conclusão da tese, o médico argumenta, propriamente sobre a higiene nos colégios propriamente dita: ventilação no interior da sala de aula, o tempo prolongado no interior das salas e localizações não higienicamente condizentes.

Os vícios actuaes dos estabelecimentos de instrução primária e secundária são de muitas espécies e se referem tanto á educação physica como à moral, o que facilmente se deprehe de do que já havemos dito.

Trataremos agora mais particulamente d'aquilo em que offendem à hygiene.

Na maior parte dos nossos collegios, os meios de ventilação são insufficientes, ainda que em uma sala muitas vezes se accumularem cem ou mais meninos mais ou menos asseados produzindo um verdadeiro mephitismo. Condemnados igualmente com os mestres a respirar um ar impuro, ao muitas vezes accometidos de atordoamento de cabeça e cephalalgia e contraem o germen de certas moléstias caracterisadas por uma alteração da composição do sangue.

Uma outra condição contraria à hygiene é o tempo prolongado das classes. Dez ou doze horas passadas na immobilidade e cosntrangimento fatigão extraordinariamente a alma e o corpo moveis da infância; longe de aproveitar à instrução são-lhe prejudiciaes, porisso que destroem o habito de applicação que só póde ser momentâneo n'esta época. Para os meninos de seis a dez annos as classes e estudos geraes não devem passar de quatro horas e de sete para os de dez a quatorze.

Muitos collegios e escolhas da cidade e das províncias tem falta de luz, de espaço, etc., muitos são construídos de uma maneira defeituosa não só em relação aos materiaes como por certas visinhanças insalubres.⁹¹

Observamos que os médicos brasileiros estavam embasados conceitualmente num discurso científico concreto. Mas afinal, de onde vieram essas idéias? Que subsídios embasaram o discurso higiênico no século XIX?

Encontramos uma resposta plausível na influência acadêmica do período, adquirida na literatura francesa. A leitura científica dos médicos em formação durante sua

⁸⁹ Ibid, p.06-07.

⁹⁰ GUIMARÃES, Antenor Augusto Ribeiro. *Esboço de uma hygiene dos collegios applicável aos nossos; regras principaes tendentes à conservação da saúde e ao desenvolvimento das forças physicas e intellectuaes, segundo as quaes se devem regular os nossos collegios*. Rio de Janeiro: Typografia Imparcial de J. M. Nunes Garcia, 1858, p.07.

⁹¹ Ibid, p.63.

formação na Academia Imperial de Medicina era embasada na literatura médico-acadêmica francesa.

Dentre cinco artigos levantados de autoria de J. G. Gondra, em três salienta-se o estudo da literatura francesa na profissionalização dos médicos em formação:

Quadro VI: O que os médicos brasileiros liam? A influência da literatura médica francesa.

Artigo /ano	Título (obra lida)	Autor (médico francês)	Ano
A sementeira do porvir: higiene e infância no século XIX (2000)	L'instruction publique aux États Unis: écoles publiques, collèges, universités, écoles spéciales	HIPPEAU	1872
	Lê futur passe: contributions a la sémantique dés temps historiques	KOSELLECK	1876
Higiene e cultura escolar (2001)	Nada citado		
A escola e a produção de sujeitos higienizados (2002)	Nada citado		
Homo Hygiênicus: Educação, higiene e a reinvenção do homem (2003)	Traité elementare d'hygiene privée et publique	BECQUEREL	1854
	L'éducation physique des garçons ou avis aux pères et aux instituteurs sur l'art de diriger leur santé et leur développement.	FONSSAGRIVES	1870
	Dictionnaire de la santé ou repertoire d'hygiene pratique al'usage des familles et des écoles		1876
	L'éducation physique des filles ou avis aux mères et aux institutrices sur l'art de diriger leur santé et leur développement.		1881
A arte de endurecer "miolos moles e cérebros brandos": a racionalidade	Da educação das meninas	FÉNELON	1864

médico-higiênica e a construção social da infância (2004)			
---	--	--	--

Dr. Andrada Jr. aquece suas reflexões através do raciocínio científico que salienta a modificação do meio ambiente pelo homem devido às suas necessidades graças à capacidade intelectual. Os preceitos higiênicos para a educação, neste momento, possuem como objetivo principal conservar a lucidez e ampliar a capacidade intelectual dos educandos:

Uma educação bem dirigida convém à intelligencia, como o exercício ao corpo e a cultura às plantas, a intelligencia deixada a si mesma sem os recursos da educação, seria como um diamante não lapidado que, apesar do elevado preço, não poderá engastar-se no diadema na da nossa civilização para fazer-lhe realçar o lustre.⁹²

Para o aproveitamento das atividades nos colégios e a aprendizagem dos conteúdos eram prescritas três indicações: atenção, comparação e raciocínio, a serem seguidas sucessivamente. Trata-se de uma receita gradual pelo aprendizado. O raciocínio na parte final do procedimento, pelas palavras do próprio médico, “reproduzia na mente as idéias e conhecimento que já tivemos consciência”. Como as demais prescrições, moderava-se o trabalho intelectual e o grau de dedicação segundo a permissão da idade biológica dos alunos:

O trabalho intellectual será no collegios alternado com o exercício do corpo e com o repouso; esses últimos prevalecerão tanto mais sobre aqueles quando menor for a idade do alumno, quanto mais delicada a sua compleição; 2 horas de applicação por dia serão sufficientes para o menino de 6 a 7 annos, entretanto que aos 15 este período poderá sem inconveniente estender-se a 7 ou 8 horas; isto em these geral.[...]. Quando o estudo é conforme ao gosto daquelle que a elle se applica, e que se sabe guardar os preceitos aconselhados pela boa hygiene, o trabalho intellectual, em vez de ser uma causa freqüente de moléstias, torna-se uma occupação aprazível, que em nada estorva a marcha regular das nossas funções; muitos homens de letras, médicos, philosophos, etc., têm chegado à idade avançada, não obstante os estudos mais ou menos pesados a que se entregarão. [...]⁹³

Mostra-nos, a infância como o melhor período para a ativação da memória, se trabalhada nas condições atreladas pela higiene através dos exercícios metódicos das faculdades intellectuais. Com efeito, completava-se a aplicação do “*mens sana in corpore sano*”, que em latim significa “alma sã em corpo são”, indicando que a verdadeira sapiência está em desejar a saúde da alma e do corpo. Estas sim somam o duo das riquezas almejas pela medicina higiênica ao longo do discurso professado ate agora.

⁹² ANDRADA JR, José Bonifácio Caldeira. *Esboço de uma hygiene dos collegios applicável aos nossos; regras principaes tendentes à conservação da saúde e ao desenvolvimento das forças phisicas e intellectuaes, segundo as quaes se devem regular os nossos collegios*. Rio de Janeiro: Typografia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve, 1855, p.35.

⁹³ Ibid, p. 38.

Essas inspirações muito contribuíram para a formação dos discursos dos médicos higienistas brasileiros e nos ajudam a tentar entender elementos do projeto de conformação do discurso pedagógico higiênico e da organização escolar para o Brasil e, de modo mais específico, para Corte ao longo do século XIX.

Sendo assim, os docentes do Império eram estimulados por preceitos e normas educacionais forjados de além-mar, onde, através do discurso proferido na teses médicas era divulgado para os colégios o ideal educacional a ser seguido. Os pressupostos higiênicos irradiados pelo discurso docente também exemplificavam o modo como concebiam a escola e a cultura. “Podemos dizer, que a cultura da higiene detectou traços da doutrina higienista acionados para definir a idade mínima de ingresso dos alunos, a distribuição do tempo, o desenvolvimento da inteligência e de outras rotinas de organização escolar.”⁹⁴

As referências postas em estudo refletem o processo de configuração das escolas primárias e instituições de ensino secundário da corte Imperial⁹⁵, a partir do exame da circulação dos elementos doutrinários da higiene; e sua apropriação no aparelho escolar, configurando a análise da produção de uma cultura peculiar de organização escolar: a higiene escolar. Direcionar a formação de uma cultura escolar como objeto de estudo de uma pesquisa em história da educação, nos permite fazer uma contextualização de laços estreitos com outras culturas, contemporâneas a ela.

Dentre elas, no que diz respeito à cultura política, por assim dizer, a higiene atuava intervencionalmente na formação da juventude, para a construção de futuros sujeitos civilizados. Isto nos remete a uma das características de um dos conceitos de análise da cultura escolar como objeto histórico, no que diz respeito às normas e finalidades que regem a escola.

O funcionamento do ambiente escolar se dava, portanto, através da junção das normas que as regiam, acompanhadas do mérito profissional do docente. Esta união resulta na prática dos conteúdos ensinados em sala (as disciplinas) e na repercussão identificada nos modos de agir e pensar fora do ambiente escolar e no interior dos colégios. “A cultura escolar

⁹⁴ GONDRA, José Gonçalves. *Higiene e Cultura Escolar*.

In: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema3/0350.pdf>. Acessado em 24/01/2010.

⁹⁵ Trataremos da influência da medicina higiênica no ensino secundário no decorrer desta pesquisa, quando propomos comparar as medidas higiênicas propostas para os colégios contidas nas teses médicas, com àquelas encontradas nos excertos do romance *O Atheneu*, representação ficcional do Colégio Abílio da corte, dirigido pelo médico e educador Abílio César Borges.

desemboca aqui no remodelamento dos comportamentos, na profunda formação do caráter e das almas que passa por uma disciplina do corpo e por uma direção das consciências.⁹⁶

Assim sendo, a razão médica, enfaticamente subordinou a infância a uma das áreas do discurso médico: a higiene. Evitar, atenuar, conservar e corrigir, essas eram as perspectivas preventivas desta nova ciência. A valorização do físico, da moral e do intelecto foi inoculada na sociedade através das instituições de ensino do período. Afinal, “era tempo de urbanização e aburguesamento. Portanto, também era tempo de higienização”.⁹⁷

Por grandes transformações passaram a sociedade brasileira após a instalação da corte portuguesa no Brasil, principalmente com a irradiação de cultura europeia desencadeada por D. João VI. Dentre elas, até aqui destacamos a presença da medicina, amparada pelo Estado e símbolo de instituição modeladora de hábitos e costumes da corte.

Imprensa Régia, Jardim Botânico, Biblioteca Nacional, Academia da Marinha, Academia Real Militar, Cursos de Cirurgia e de Agricultura. Nuances culturais que atuaram na tentativa de construir um modelo de cultura educacional, direcionado às elites advindas das famílias abastadas, das classes dominantes, aristocrática, militar ou fundiária.

Veremos agora, por quais tentativas de escolarização passou o Império brasileiro até chegar-se ao foco educacional da pesquisa: o ensino secundário. Como já mencionado no presente capítulo, este sim foi o principal receptor dos preceitos higiênicos atuantes nas instituições da Corte. No próximo capítulo planeja-se percorrer pela educação do Império, elucidando questões a cerca da formação do ensino secundário, pois esta reflexão só se torna pertinente se houver o entendimento de todo o caminho da configuração da escolarização no século XIX.

⁹⁶ JULIA, Dominique. *A Cultura Escolar como objeto Histórico*. In: Revista Brasileira de História da Educação, n. 01. Campinas: Editores Associados, 2001.

⁹⁷ Em GONDRA, *A Sementeira do porvir: higiene e infância no século XIX*, 2000.

2. A EDUCAÇÃO NO IMPÉRIO BRASILEIRO

2.1- O CENÁRIO EDUCACIONAL IMPERIAL

As primeiras medidas tomadas no sentido de acrescentar preceitos educacionais ao Brasil foram efetivadas na tentativa de garantir a soberania ao governo de D. João VI. Após 1808 as terras brasileiras deixam de ser meramente colônias, para se comportarem e, gradualmente, se adequarem como sede do Império português. A corte e a presença do soberano constituíram um ponto de referência e atração que centralizam no Rio de Janeiro a vida política, administrativa, econômica e financeira da monarquia.⁹⁸

Esse período característico de transição colônia-império “marcou profundamente o início de uma nova era em nosso país, determinando transformações econômicas, políticas e culturais, limitadas a certos núcleos, mas importantes para a época”.⁹⁹ No campo educacional, pela necessidade de criar pessoal preparado para atender ao exército, o governo investiu no ensino superior.¹⁰⁰

Na tentativa de unificar a ideologia da política imperial fundam-se os cursos superiores, guiados com o intuito de formar profissionais habilitados à ordem administrativa e que no interior desta resplandessem a ordem Imperial. Fundou-se em 1808, a Academia da Marinha, a Academia Real Militar, os cursos de Anatomia e Cirurgia e, em 1810 o Hospital Militar da Bahia.

O ensino superior no Brasil nasce de uma situação de enquadramento às necessidades nacionais, mas, no decorrer do tempo, não consegue acompanhar às exigências da sociedade brasileira em formação. Encontramos, neste momento, um esforço à adequação das idéias nascidas da cultura ocidental européia:

Se, é certo, pois, que a nossa história intelectual tem sido, em grande parte, um tecido de vicissitudes da importação de idéias, de doutrinas, sobretudo de origem européia, não menos certo é que essas idéias e doutrinas aqui se deformaram ou conformaram às condições de um novo meio.¹⁰¹

As idéias que recebemos como prontas, foram, na verdade, fruto de uma gradual transformação política e social da Europa ocidental alicerçada a partir do século

⁹⁸ JÚNIOR, Caio Prado. *História Econômica do Brasil*. 33ª ed. São Paulo: Ed. Brasiliense. 1986. p.129.

⁹⁹ WEREBE, Maria J.G. *A educação*, In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *História Geral da Civilização Brasileira*. 6ª ed. São Paulo: DIEFEL, 1985. tomo II, vol 04, (Capítulo III), p. 367.

¹⁰⁰ STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara. *Histórias e Memórias da Educação no Brasil*. O ensino secundário no século XIX: instruindo as elites. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.p. 80.

¹⁰¹ CRUZ COSTA, João. *O Pensamento brasileiro sob o Império*. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de Holanda de. *História Geral da Civilização Brasileira*. 6ª ed. São Paulo: DIEFEL, 1985. t. II, Livro 3º(Capítulo 1), p. 324

anterior.¹⁰²Podemos nos remeter, brevemente, às exposições de Condorcet¹⁰³ à Constituinte francesa anos após a consolidação do Estado burguês (1791), em que propõe a igualdade entre os cidadãos, a liberdade de ensino e a valorização da cultura científica. Assim como também patamares de instrução inseridos em diferentes instituições educacionais: as escolas primárias, secundárias, institutos, liceus, e as universidades. Décadas mais tarde, no século seguinte, essas mesmas medidas se efetivariam no Brasil, de forma acanhada, como quem se arrisca a seguir um modelo e cumpri-lo sem muita experiência em sua adequação à realidade da sociedade brasileira.

A tentativa inspirada no projeto de Condorcet foi válida, mas não efetivada.¹⁰⁴ À princípio, passa a se cumprir uma pedagogia revolucionária, contendo os ditames classificatórios da educação contemporânea conhecidos até hoje: a instrução gratuita, laica, que teria como função formar cidadãos dedicados e munidos de sentimentos de pertencimento àquele que os mantém, ou seja, o Estado.

O intuito de se realizar um primeiro projeto de Reforma Educacional para o Brasil, com inspiração francesa, possuía como objetivo sanar o hiato educacional deixado após a expulsão dos jesuítas em 1759. Após um período mais de 200 anos sob os planos educacionais jesuíticos, este modelo de educação foi deixado de lado, para nem mesmo ser substituído. Fernando de Azevedo avalia neste mesmo sentido:

Em 1759, com a expulsão dos jesuítas, o que sofreu o Brasil não foi uma reforma de ensino, mas a destruição pura e simplesmente de todo o sistema colonial jesuítico. Não foi um sistema ou tipo pedagógico que se transformou ou se substituiu por outro, mas uma organização escolar que se extinguiu [...] ¹⁰⁵

A passos lentos e graduados, no Velho Mundo, somente no século XIX, a escola propriamente dita se efetiva. Algumas nações só constituiriam a universalização apenas

¹⁰² As transformações ocorridas podem ser datadas a partir do marco da Revolução Industrial na Inglaterra, e, a partir daí, moldando o trabalhador, para que fosse minimamente alfabetizado. Em demais países, como a França, essa influência social somou-se à consolidação do Estado burguês. Por hora, devido ao recorte histórico proposto neste trabalho, remeter-nos-emos apenas às mudanças sentidas na França, do século XVIII, devido à proximidade que suas influências tomaram na consolidação da educação no Império Brasileiro.

¹⁰³ Menos de três anos depois da tomada da Bastilha, em 14 de julho de 1789, data oficial do triunfo da Revolução Francesa, a Assembléia Nacional, que havia sido investida de poderes constituintes, recebeu um projeto de organização geral da instrução pública elaborado pelo marquês de Condorcet (1743-1794). Seu projeto, apresentado na ocasião, era uma tradução para o campo educacional dos ideais iluministas que nortearam o processo de revolução.

¹⁰⁴ Verificado nas Propostas e atuações para uma escola estatal, em: BITTAR, Marisa. *História da Educação: da antiguidade à época contemporânea*. São Carlos: EDUFSCar, 2009.

¹⁰⁵ AZEVEDO, Fernando de. *A Cultura Brasileira*. 5ª ed. São Paulo. Melhoramentos, editora da USP, 1971.p. 539.

no século XX.¹⁰⁶ A ação de Condorcet junto à Constituinte francesa nos aparece como reflexo dos ânimos engajadores da educação que o Estado, neste momento, organizará.

Dessa forma, o Estado traz com ele todo um aparato de medidas culturais e sociais, que encontram no ambiente escolar o espaço ideal para a repercussão da sua cultura, ou seja, do ideal tipo de pensamento que será inculcado nos indivíduos. Segundo a análise sociológica da educação de Bourdieu, um dos principais poderes do Estado está em produzir a mentalidade, os valores e a visões de mundo comuns por intermédio da escola:

É, sobretudo por meio da Escola que, com a generalização da educação primária durante o século XIX, exerce-se a ação unificadora do Estado na questão da cultura, elemento fundamental da construção do Estado-Nação. A criação da sociedade nacional acompanha a afirmação da possibilidade da educação universal: todos os indivíduos são iguais perante a lei, o Estado tem o dever de fazer deles cidadãos dotados dos meios culturais de exercer ativamente seus direitos civis.¹⁰⁷

A educação passa por um novo momento. Para legitimar-se precisará de uma base, ou seja, dos sujeitos e torná-los felizes por fazer parte deste ou daquele Estado. Intenciona-se uma educação pública, gratuita e de qualidade.

Na Inglaterra, em finais do XVIII inicia-se um método de ensino prático e rápido: o ensino mútuo ou monitoral que consistia na instrução indireta dos mestres às turmas, onde adolescentes instruídos pelos mestres faziam o papel de ensinar outros adolescentes, supervisionando-os.

No Brasil, esta iniciativa chega para dividir o espaço com as aulas régias, ou avulsas, portanto, disciplinas autônomas e isoladas, ensinadas sem um plano de estudos estruturado.¹⁰⁸ Isso demonstra-nos uma tentativa frustrada de expansão da alfabetização.

Nos estudos de Ariclê Vechia sobre o ensino secundário e a instrução das elites no século XIX, salienta-se a participação da estruturação das idéias do Marquês de Pombal e as conseqüências dos ideais iluministas que a permearam. O despostismo esclarecido do Marquês de Pombal foi um dos responsáveis pela medida de expulsão dos jesuítas da colônia. Configurar o ensino sob as idéias pombalinas no século XIX, mesmo através das aulas régias, indica a influência do ensino jesuítico¹⁰⁹ permeada pelo ensino secundário, uma vez que os

¹⁰⁶ No Brasil, o Processo de expansão escolar começará na segunda metade do século XX, durante o regime militar.

¹⁰⁷ BOURDIEU, Pierre. *Razões Práticas: Sobre a teoria da ação*. Tradução: Mariza Corrêa. Campinas, SP: Papirus, 1996, p. 105-106.

¹⁰⁸ STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara. *Histórias e Memórias da Educação no Brasil. O ensino secundário no século XIX: Instruindo as elites*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.p. 78.

¹⁰⁹ O Ratio Studiorum foi o método de ensino, que estabelecia o currículo, a orientação e a administração do sistema educacional a ser seguido, instituído por Inácio de Loyola para direcionar todas as ações educacionais

professores que deram continuidade ao ensino na Colônia eram formados em colégios jesuítas do Brasil e de Portugal, principalmente em Coimbra.

Quebra-se o predomínio do método humanista jesuíta, ou seja, a mentalidade clássica dos jesuítas com a influência do iluminismo da educação e introdução gradativa das Ciências Naturais como disciplina. Em 1800 inaugurou-se o Seminário Episcopal de Olinda, fundado pelo bispo Azeredo Coutinho.

O Seminário de Olinda foi o “germe da verdadeira escola secundária brasileira, porém constituiu uma exceção brilhante e efêmera”. O que resultou da implantação das reformas pombalinas foi, portanto, um híbrido de classicismo e modernismo incipiente, de aulas régias e alguns seminários, que permeou o pensamento educacional brasileiro no século XIX em grande parte do XX.¹¹⁰

Ao contrário das aulas régias, o Seminário representou um primeiro ordenamento lógico e gradual de disciplinas, com o período de duração dos cursos e na divisão dos alunos em classes. Contudo, em outras partes do Brasil, como nas demais províncias, o ensino secundário permaneceu sob o regime de aulas régias, sendo que houve uma expansão no número e no tipo de disciplinas ofertadas.

Pela sistematização de Lancaster¹¹¹, encontramos referências quanto a adoção do ensino mútuo no Brasil entre 1819 e 1827. Também chamado de método Lancasteriano de ensino mútuo, teve como principal vantagem de ordem econômica por permitir que um professor ensine em pouco tempo grande número de alunos,¹¹² talvez por esse motivo, tentou-se manter efetivo esse método durante o 1º Império.

Maria Helena Bastos destaca a implementação do ensino mútuo em algumas emendas constitucionais, dentre elas, no Decreto das Escolas de Primeiras Letras, de 15/10/1827, propondo a criação das escolas primárias com adoção do método lancasteriano, método pedagógico, oficialmente determinado.¹¹³ Ainda com as vantagens em curto prazo, o método de Lancarter chega ao fim, principalmente devido à falta de prédios escolares com

dos padres jesuítas em suas atividades educacionais. O *Ratio Studiorum* apresentava três opções de cursos: o curso secundário e dois cursos superiores, o curso de teologia e o curso de filosofia. Os cursos secundários com duração de cinco anos, que na maioria das vezes prorrogavam-se por seis anos, destinavam-se à formação literária e humanista, pois o ensino ministrado era fundamentalmente literário e clássico.

¹¹⁰STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara. *Histórias e Memórias da Educação no Brasil. O ensino secundário no século XIX: Instruindo as elites*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005, p. 80.

¹¹¹ Introduzia uma vertente laica do método ao contrário de seu conterrâneo inglês Andrew Bell, que defendia a educação dentro dos dogmas anglicanos

¹¹²STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara. *Histórias e Memórias da Educação no Brasil. O ensino monitoral mútuo no Brasil (1827-1854)*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.p. 40.

¹¹³ Ibid, p. 41

estrutura física adequada para receber um contingente numeroso de alunos. Na prática não tivemos uma escola que comportasse mais de cem alunos.¹¹⁴

Demerval Saviani em “História das Idéias Pedagógicas no Brasil” atribui a precariedade que circundava o método à também ausência de fiscalização por parte das autoridades de ensino, o que tornava freqüente nos relatórios a demanda pela implantação de um serviço de inspeção das escolas. A situação estava, pois, a reclamar uma ampla reforma da instrução pública.

De volta à França, nas primeiras décadas do XIX contamos com uma expansão da escolarização, marcada pela tentativa de sucessão de métodos educacionais, que levariam em consideração a instrução como alavanca para o progresso. A partir deste momento a escola assumiria um perfil renovado, mais organizado no campo disciplinar e, ao mesmo tempo de controle, com normas impostas, com a finalidade de guiar a mocidade a aderir ao modelo requerido por seu Estado. Neste momento, cabe-nos compreender que ao mesmo momento em que a Europa vivia importantes transformações educacionais, o Brasil se encontrava em regime monárquico e de economia escravocrata.

A monarquia que aqui se instala passa a se adequar às demandas que a colônia oferecia. O trâmite dos assuntos prioritários transitava da colônia à sede do Império Português, com isso não havia mais motivos para a continuação do pacto colonial em vigor para manter a prioridade territorial e de benefícios da metrópole para a colônia. O fim do pacto representa a legítima abertura do país ao comércio internacional desde que respeitadas as diferenças alfandegárias para estrangeiros comuns e estrangeiros aliados.¹¹⁵ Mais adiante, a efetivação da corte portuguesa se efetivou com a Independência proclamada, em 1822:

O Império independente, que sob muitos aspectos não será mais que o prolongamento da situação anterior (conservar-se-á até mesmo a dinastia reinante em Portugal, sendo coroado imperador o herdeiro presuntivo da coroa portuguesa) [...] permanecerão os mesmos quadros administrativos, na maior parte das vezes até as mesmas pessoas; e os processos não se modificarão.¹¹⁶

A separação de Portugal não nos causou grandes mudanças frente à economia, mantendo os traços estruturais da formação histórica brasileira, permanecendo o plantation¹¹⁷. Anos mais tarde, durante o Período Regencial (1831-1840) deparamo-nos com os expoentes

¹¹⁴ Ibid.p. 49.

¹¹⁵ Caio Prado Júnior ressalta as diferenças alfandegárias, neste primeiro momento após a Abertura dos Portos às Nações Amigas. Ver: História Econômica do Brasil, páginas 128-129.

¹¹⁶ JÚNIOR, Caio Prado. *História Econômica do Brasil*. 33ªed. São Paulo: Ed. Brasiliense. 1986, p.138.

¹¹⁷ Atividade monocultora, agroexportadora, apoiado no trabalho escravo em grandes propriedades de terras (latifúndios).

que a organização do Estado e da Sociedade imperial nos trouxe. No espaço político, a rivalidade entre os partidos opositores: Liberais e Conservadores, também conhecidos por Luzias e Saquaremas, onde o grupo dos conservadores manteve certa homogeneidade e predomínio de influências após a maioria do Imperador.

Como os conservadores defendiam a centralização política, movem seus interesses rumo a combater a descentralização defendida pelos liberais. Centralizar tornou-se sinônimo de ordenar os espaços imperiais contra uma provável ordem descentralizadora. A construção do Estado Imperial da perspectiva conservadora impulsiona o entendimento das limitações adquiridas na corte e nas províncias a partir do Ato Adicional de 1834.

Pelo Ato Adicional de 1834 a educação elementar foi desvinculada do Governo central, cabendo às províncias mantê-la. Apenas o ensino superior e o elementar médio permaneceram ao cargo do governo Central. Muitos historiadores delegam a falência do sistema educacional imperial a essa medida. A historiadora da educação Maria Werebe, salienta que,

[...] longe de incentivar progressos locais, que poderiam ter sido mais facilmente atingíveis sem um excessivo centralismo, serviu somente para fortalecer o jogo de interesses de grandes latifundiários que agiam, a seu bel prazer, em territórios mais ou menos extensos.¹¹⁸

De outro modo, não se pode atribuir ao Ato Adicional a responsabilidade pela não realização das aspirações educacionais no século XIX. É necessário relativizar esse ponto de vista frente à historiografia da educação, levando em consideração que ele desmembra a Corte da Província, na mesma medida em que cria o Município Neutro.

Dessa forma, a província do Rio de Janeiro beneficiou-se por vários motivos, mas principalmente por estar mais próxima das idéias e projetos conservadores, que se mantinham mais tempo no poder. André Paulo Castanha observa que, enquanto nas demais províncias a média de duração do mandato do presidente era de aproximadamente seis meses, na Fluminense foi superior a um ano.¹¹⁹ A província do Rio de Janeiro foi estabelecida como modelo para as demais, cumprindo o papel de criar e divulgar o projeto de sociedade estipulado pelo Estado, onde a instrução mereceu destaque principal.

¹¹⁸ WEREBE, Maria J.G. A educação, In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *História Geral da Civilização Brasileira*. 6ª ed. São Paulo: DIEFEL, 1985. tomo II, vol 04, (Capítulo III), p. 377.

¹¹⁹ CASTANHA, André Paulo. *Pedagogia da Moralidade: a Ordem Civilizatória Imperial*. Artigos. História, Educação e Sociedade no Brasil - HISTEDBR -Faculdade de Educação – UNICAMP. In: www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/artigos_frames/artigo_014.html.

Local da continuidade da monarquia e cultura européias nas Américas, capital do país, possuidor do maior porto de escoação de mercadorias para a época¹²⁰ e de maior concentração de cativos, é Rio de Janeiro que desenrolou-se o paradoxo fundador da história nacional brasileira:

Tal era o motor do centralismo imperial em face das municipalidades e das oligarquias regionais. Tal era o suporte da legitimidade monárquica diante das repúblicas latino-americanas. No entanto, e justamente na corte que o escravismo, na sua configuração urbana, assume o seu caráter mais extravagante, tornando emblemático o desajuste entre o chão social do país e o enxerto de práticas e comportamentos europeus.¹²¹

Acompanhado ao modelo de instrução pública, a sensibilidade cultural oitocentista formulava-se como padrão de comportamento deste período. A ilustração do Império, se assim podemos chamar, dedica-se em por em prática principalmente a cultura francesa em solos cariocas. O francesismo das elites brasileiras se tornou paradigma de civilidade.

Contudo, o único representante do modelo monárquico europeu nas Américas carregou a discrepância cultural em manter pretensões de civilidade em uma sociedade com a maioria da população escrava. É sob este contexto, de busca do enquadramento da jovem nação ao rol das nações civilizadas que se inicia a construção da identidade nacional brasileira

A partir de 1850 observamos o momento de maior transformação, principalmente na economia brasileira. Neste momento, a sociedade escravocrata encontra-se em transição gradativa com alterações em suas bases econômicas, de rural-agrícola para urbano-industrial. Adiciona-se paralelamente a este cenário a elaboração de um projeto de escolarização.

Trata-se de um prolongamento da fase anterior, resultado da emancipação do país da tutela política e econômica da metrópole portuguesa. Devemos salientar que a abolição do tráfico de escravos muito contribuiu para um remodelamento da sociedade, onde gradualmente, começa a se acostumar com a forçada¹²² troca da mão de obra, uma vez que a

¹²⁰ Com o crescimento econômico advindo da cultura do café, a partir de 1850, as ferrovias modificaram os percursos para o escoamento da produção. O sudeste e centro-oeste passam a ser o centro da grande produção econômica do Império e em Santos-SP, o principal porto.

¹²¹ NOVAIS, Fernando A, ALENCASTRO, Luis Felipe de. *História da Vida Privada no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1997. p. 10.

¹²² Caio Prado Júnior também observa que após a abolição do tráfico, decisão tomada devido às fortes influências britânicas, o Brasil passaria a se preocupar mais com medidas envolvendo a saúde do escravo e a manutenção de sua possível vida familiar, uma vez que não mais poderia substituir essa mão de obra tão facilmente. A partir de 1850 o escravo negro será gradualmente substituído por mão de obra imigrante.

diminuição do tráfico limita o contingente de escravos com que os proprietários poderiam contar.

Mas a primeira metade do século é de transição, fase de ajustamento à nova situação criada pela independência e autonomia nacional; a crise econômica, financeira, política e social que se desencadeia sobre o Brasil desde o momento da transferência da corte portuguesa em 1808, e, sobretudo da emancipação política de 1822, prolonga-se até meados do século; e se é verdade que já antes deste momento se elaboram os fatores de transformação, é somente depois dele que amadurecem e produzem todos os frutos que modificariam tão profundamente as condições do país. Expandem-se então largamente as forças produtivas brasileiras, dilatando-se o seu horizonte; e remodela-se a vida material do Brasil.¹²³

Em se tratando de influências, a maioria se direcionava a uma ínfima parcela alfabetizada da população: a elite. A parcela instruída da sociedade dedicava-se uma parte à política, aos afazeres públicos; e, outra parte à economia, à agricultura de exportação monocultora, uma vez que o nosso modelo de urbanização, característico de uma área de economia colonial e periférica perpassava à transição da sociedade rural para urbana, não se ajustando ao modelo clássico urbano:

O uso da mão de obra escrava, a auto-suficiência do latifúndio, o baixo padrão de vida do trabalhador livre restringiram a expansão do mercado interno, inibindo o desenvolvimento do artesanato, das manufaturas e do comércio interno, limitando as funções urbanas.¹²⁴

No interior do quadro escrito acima, numa sociedade com preocupações essencialmente agrárias e escravistas, podemos notar a pouca dedicação à cultura e à instrução.

Uma ilha de letrados num mar de analfabetos¹²⁵. Literalmente, a comparação que José Murilo de Carvalho faz parece-nos pertinente. A “ilha” refere-se aos proprietários de terras e seus descendentes, aos religiosos, aos estrangeiros que aqui se instalaram após 1808 e aos profissionais liberais que passariam a ser formados nos recentes cursos superiores criados por D. João VI logo após a sua chegada.

O autor aprofunda suas análises sobre a educação como um fator essencial de coesão, enfatizando aí o papel central da Universidade de Coimbra, sobretudo para aquela geração que esteve à frente do Estado até 1850. Isso porque os estudos feitos em Coimbra

¹²³ JÚNIOR, Caio Prado. *História Econômica do Brasil*. 33ª ed. São Paulo: Ed. Brasiliense. 1986. p.138.

¹²⁴ COSTA, Emília Viotti da. *Da Monarquia à República: momentos decisivos*. São Paulo: Fundação Editora UNESP, 2007.p.238.

¹²⁵ CARVALHO, José Murilo. *A Construção da Ordem: A elite Política Imperial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, cap. 03, 2003.

representavam a continuidade do forte vínculo de dependência entre a metrópole e a colônia. Para a geração seguinte, as escolas de Direito de São Paulo e do Recife foram decisivas.

Parece-nos relevante salientar que quase todos os membros pertencentes à elite política possuíam estudos superiores, ao contrário dos indivíduos fora dela. A educação superior imperial se concentrava na formação de juristas, sucedida da formação de médicos e engenheiros, onde a formação dos seus membros se dava, na sua grande maioria, sempre nas mesmas instituições, mais numerosamente no bacharelado em Direito.

Emília Viotti da Costa observa que a porção de bacharéis no espaço urbano muitas vezes representava a figura do proprietário rural, e, em algumas vezes se convertia até mesmo em proprietário. Estes intelectuais viviam às voltas com as oligarquias. Alguns chegam a enveredar pelos movimentos Republicanos e Abolicionistas liberais, enquanto “outros que ultrapassam esses limites são incapazes de formalizar outros tipos de aliança e seu radicalismo se esgota num verbalismo pouco eficiente”.¹²⁶

Nas páginas da obra “*Os Meus Romanos*”, escrito por Ina Von Binzer, uma educadora alemã que esteve no Brasil de 1881 a 1884, averigua-se nas observações compostas nas cartas, a repulsa do brasileiro, branco, pelo trabalho e por quem vinha dele, representado pela mão de obra negra:

Neste país, os pretos representam o papel principal; acho que no fundo, são mais senhores do que escravos dos brasileiros. Todo o trabalho é realizado pelos pretos, toda riqueza é adquirida por mãos negras porque o brasileiro não trabalha [...]. Todo o serviço doméstico é feito por pretos [...] gostaria de saber o que fará essa gente, quando for decretada a completa emancipação dos escravos.¹²⁷

Em toda parte, no entanto, nos lugares onde havia brancos e negros, os primeiros representavam sempre a elite.¹²⁸ E esses mesmos brasileiros que negligenciavam o trabalho, em sua maioria proprietários de terras com pouca ou nenhuma instrução, para assombro da educadora alemã, eram chamados de “doutores”:

Dr. Rameiro veio buscar-me. Não sei porque o chamam de “doutor” e duvido muito que ele próprio saiba encontrar a razão desse tratamento. A única explicação verossímil seria de que todo o brasileiro bem colocado na vida já nasce com direito a esse título, o que em parte me parece um falta de modéstia; mas adiante da realidade, seria estúpido que eles o fossem conquistar à custa de estudos tão difíceis quanto desnecessários.¹²⁹

¹²⁶ COSTA, Emília Viotti da. *Da Monarquia à República: momentos decisivos*. São Paulo: Fundação Editora UNESP, 2007.p.270.

¹²⁷ BINZER, Ina Von. *Os meus Romanos: alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil*, 3ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, p. 34.

¹²⁸ COSTA, Emília Viotti da. *Da Monarquia à República: momentos decisivos*. São Paulo: Fundação Editora Unesp, 2007.p.249.

¹²⁹ BINZER, Ina Von. *Os meus Romanos: alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil*, 3ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.p. 17-18.

Como podemos observar o estranhamento da professora não pode ser visto como algo tão fora de foco. O que era nitidamente fora de foco era o tipo de tratamento dado à educação no século XIX, onde vigoravam formas vis de elucubração da cultura ocidental européia em terras rudes, agrárias e, ao mesmo tempo, aprazíveis e formosas. Há uma elite composta por proprietários rurais, tidos como “doutores” em terras onde a riqueza era obtida das mãos escravas. Título vindo de onde?- exclama Ina Von Binzer.

Logo em seguida a educadora observa a nítida realidade brasileira: de que não havia a mínima necessidade de se ter instrução para conquistar títulos, bastava possuir terras, propriedades e claro, ser branco!¹³⁰ Sidney Barbosa, no artigo em que avalia a educação no Brasil do século XIX, faz a crítica do período e enfatiza o percurso percorrido sob a forma de caminhos e, ou descaminhos:

Não é de se estranhar, pois, que buscando a história da educação desse período, fique-se constrangido pela quase nula atuação popular nas organizações educacionais do século XIX. Falar de educação nesse período é tratar de assunto praticamente restrito às classes dominantes. O povo em momento algum e em qualquer nível é sujeito desse processo.¹³¹

O desnivelamento cultural entre as classes sociais existentes no Brasil colônia que se arrasta durante todo Brasil Império contribui para o distanciamento cada vez maior daqueles que possuíam e daqueles que não possuíam o saber. Na constituição da educação no nosso país destacou-se a ausência de um pensamento coletivo. Fernando de Azevedo que muito se dedicou aos estudos educacionais e de constituição da cultura brasileira, afirma que

[...] certamente, a ausência, na educação do país, de unidade de orientação, não era mais do que uma das expressões do estado flutuante e molecular da sociedade, que resultou do caráter fragmentário de nossa formação social e das divergências fundamentais de interesses e de idéias, ligadas às diferenças de nível cultural e econômico das províncias, como das classes sociais.¹³²

O breve contexto social, cultural, político e econômico figurado ao longo do Brasil Império permitem-nos a reflexão sobre algumas particularidades. Elencar os passos que o país galgou a partir do contato com os costumes da corte remete-nos a algumas

¹³⁰ O eugenismo ocupará espaço nas discussões do interior da classe médica imperial. A escala e o discernimento das raças será foco de algumas teses da Academia Imperial de Medicina, assim como o higienismo, que trataremos a seguir.

¹³¹ BARBOSA, Sidney. *Caminhos e Descaminhos da Educação brasileira no século XIX*. In: O Ateneu: retórica e paixão / organização Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Brasiliense: Editora da Universidade de São Paulo: 1998, p. 60.

¹³² AZEVEDO, Fernando de. *A Cultura Brasileira*. 5ª ed. São Paulo. Melhoramentos, editora da USP, 1971.p. 575.

considerações. Notamos anteriormente, ao observar a educação, algo fora de foco quanto ao grau de instrução das elites e a pouca preocupação com a educação elementar, se comparada à relevância dada ao ensino superior. Contudo em se tratando das idéias alimentadas a partir das influências européias possivelmente tratava-se de “idéias fora do lugar”.¹³³

No interior da literatura de Roberto Schwarz encontramos exemplos da reprodução da realidade local, que enfoca muito da exaltação à fidalguia e aos moldes rebuscados dos costumes decorrentes da mentalidade que os produziam:

Essa impropriedade de nosso pensamento, que não é acaso, como se verá, foi de fato uma presença assídua, atravessando e desequilibrando até no detalhe a vida ideológica do Segundo Reinado. Frequentemente inflada, ou rasteira, ridícula ou crua, e só raramente justa ao tom, a prosa literária do tempo é uma das muitas testemunhas disso.¹³⁴

Apesar da falta de autenticidade na elaboração da identidade brasileira, ao longo do Império encontram-se tentativas de organizar as idéias pedagógicas, mesmo que importadas, e de colocá-las em seu devido lugar. A sucessão hereditária dos monarcas que aqui se presenciou permite-nos observar que as efetivas mudanças educacionais só aconteceriam a partir do segundo reinado. Será sob os cuidados de D. Pedro II que algumas das medidas discutidas entre os dois partidos (conservadores e liberais), começaram a tomar vulto.

Para tanto, a análise de Florestan Fernandes em “A Educação e sociedade no Brasil” permite-nos afirmar que o descaso com a educação remete-se a comprovações históricas:

Desde o passado colonial até o fim da 1ª República, o seu conteúdo positivo se evidenciou através de um horizonte cultural que só podia atribuir funções sociais construtivas deveras acanhadas às escolas dos diversos níveis do ensino. A socialização do homem para a vida se fazia, de modo quase que exclusivo ou preponderante, independentemente, e acima as instituições escolares. Só nas elites das camadas dominantes a escola possuía alguma importância, como veículo de adestramento em técnicas letradas, de transmissão de hábitos intelectuais conspícuos ou como símbolo social da condição de civilizado (ou seja, de pessoa “instruída, culta). [...] Em suma, era acanhado o uso que se fazia da educação escolarizada.¹³⁵

Uma forma de comprovação da estagnação educacional é encontrada na análise da legislação do período e nas propostas de reformas elencadas pelos partidos que se

¹³³ SCHWARZ, Roberto. *Idéias fora do lugar*. Revista Estudos CEBRAP, n.º. 03. São Paulo. Editora Brasiliense, 1976.

¹³⁴ Ibid. p. 152.

¹³⁵ FERNANDES, Florestan. *A educação e sociedade no Brasil*. São Paulo: Dominus Editora, USP, 1996, p. 72.

revezavam no poder. Nos compêndios das obras de Primitivo Moacyr¹³⁶, principalmente àqueles que tratam da Instrução e o Império, constata-se a análise de documentos importantes para a compreensão da instrução pública do período, dentre eles, pareceres, projetos de reforma, leis, planos, sugestões e informações.

Apoiado na documentação oficial, o autor se utiliza de excertos dos relatórios dos Ministros do Império, das propostas de reformas, dos planos e sugestões para a instrução, ou seja, das idéias que circulavam pelo parlamento brasileiro, procurando mostrar de que forma eram tratados os debates sobre a instrução pública nacional. A intervenção do Estado na educação nacional, a obrigatoriedade, a laicidade de ensino, a precária formação, a escassez de professores, a inspeção deficitária, a falta de prédios próprios e adequados para as escolas, a falta de verbas destinadas à educação e os programas e métodos de ensino estavam entre os temas principais das discussões nas últimas décadas do Império. Dentre os muitos projetos de reforma, citaremos os mais relevantes, e que permearam o ensino secundário.

Em meados do século, em 1854, O Ministro do Império Couto Ferraz, elabora o regulamento para a reforma do ensino primário e secundário do Município da Corte. Dentre os temas abordados aparecem os da inspeção dos estabelecimentos públicos e particulares de instrução primária e secundária, da instrução pública secundária, do ensino particular primário e secundário, das faltas dos professores e diretores de estabelecimentos públicos e particulares, e das condições para o magistério público, nomeação e demissão.

Percebe-se que dentre os temas acima mencionados há o destaque para a instrução primária, de forma a alcançar a instrução pública provincial, como já mencionado, foi desvinculada do Estado após o Ato Adicional. Principalmente com a adoção do princípio de obrigatoriedade, a “idéia de um sistema nacional de ensino começa a delinear-se mais claramente a partir dessa reforma.”

Num dos eixos de transformação na educação, está a mudança metodológica do ensino que, com o artigo 73 “enuncia que o “método no ensino nas escolas será, em geral, o simultâneo”. A Reforma Couto Ferraz afasta oficialmente do método do ensino mútuo, presente na legislação do país desde 1972, quando foram instituídas as Escolas de Primeiras Letras”.¹³⁷

¹³⁶ Primitivo Moacyr (1868-1942) atuou como professor primário em Lençóis - BA e formou-se em Direito pela faculdade do Rio de Janeiro. Como advogado, ingressou na Secretaria da Câmara dos Deputados, foi procurador da Saúde Pública no governo de Rodrigues Alves, prestando serviços até mesmo a Osvaldo Cruz e realizou extensas pesquisas sobre a instrução pública no Brasil.

¹³⁷ SAVIANI, Demerval. *A História das idéias pedagógicas no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2007, p. 131.

O ministro Paulino de Souza, em 1870, atesta em seus relatórios, que a inspeção escolar é deficitária e propõe que sejam criados os cargos de inspetores de distritos remunerados. Mais adiante, em 1874, o ministro João Alfredo através de mais uma proposta, objetiva reorganizar o ensino primário e secundário no Município da Corte e autoriza o governo a promover e auxiliar a instrução pública nas províncias.

Dentre as propostas consideradas mais relevantes está a reforma de 1879, de Leôncio de Carvalho, decretada em abril do mesmo ano. Consiste em tornar livre o ensino, elevar o magistério à altura de um sacerdócio, reorganizar as escolas normais existentes, criar outras nas províncias, estabelecer Conferências Pedagógicas, bibliotecas e museus pedagógicos. Já reforma Almeida Oliveira, em 1882, reclama a organização do ensino público primário e estabelece que o Estado contribua com metade das despesas que as províncias tiverem com o ensino público.

Demerval Saviani, em *História das Idéias Pedagógicas no Brasil*, inicia a discussão da Reforma Leôncio de Carvalho e ao mesmo tempo arquiteta uma interligação do ideal higiênico presente no conteúdo escrito da reforma: “é completamente livre o ensino primário e secundário no município da Corte e o superior em todo o Império, salva a inspeção necessária para garantir as condições de moralidade e higiene.”¹³⁸ Remete-se aí à necessidade de inspeção não somente da qualidade dos professores ou dos conteúdos disciplinares ministrados, como também à necessidade de que a higiene, acompanhada da moralidade dos colégios, fosse condição especial na educação.

Nestas reformas, com exceção da Couto Ferraz e Leôncio de Carvalho que foram transformadas em decretos-lei, a maioria não saiu do papel. Muitos dos relatos que Primitivo Moacyr descreve em suas obras terminam com a seguinte observação: “este projeto não teve andamento na Câmara dos deputados, nem mesmo na comissão de instrução” ou “o próprio executivo não tomou nenhum interesse em resguardá-la”.¹³⁹

No ponto sobre as origens das instituições escolares, Fernando de Azevedo concilia com os mesmos pressupostos de Primitivo Moacyr ao enfatizar a importância das duas reformas citadas, porém, apesar do conteúdo inovador, mantiveram os velhos alicerces:

“Se tivermos, porém, o cuidado de examinar essas e outras reformas, desde as de Couto Ferraz, o organizador, até as de Leôncio de Carvalho, o inovador, que mais se afastou dos moldes da Universidade de Coimbra, não nos será possível reconstituir, através delas, as diversas fases ou as variações de uma política definida de educação. [...] Faltava solidez à própria base dessas iniciativas oficiais que, limitadas ao ensino superior do Império e ao ensino primário e secundário da corte,

¹³⁸ Ibid, p. 136.

¹³⁹ MOACYR, Primitivo. *A instrução e o Império (Subsídios para a história da educação no Brasil) 1854-1889*. 3º vol. São Paulo: Cia. Editora nacional, 1936. (Série Brasileira, n. 66), p.442.

eram como que empresas que se propusessem a levantar, sobre velhos alicerces de pouca profundidade, uma larga e pesada construção.”¹⁴⁰

Dessa forma, os autores denunciam o porquê da ausência de um sistema nacional de ensino no Brasil Imperial: a falta de entrosamento entre as propostas de melhorias existentes e a iniciativa de colocá-las em prática. Não é por menos que, até mesmo em relatos de estrangeiros encontramos a notória observação de que nenhum país tinha mais oradores e nem melhores programas, contudo uma coisa lhe faltava, a prática desses belos discursos!¹⁴¹

A importância dada à arte da eloquência se mostra significativa a partir de meados do século, quando expressões do pensamento filosófico ficam nítidas no pensamento brasileiro. Neste momento o Positivismo se apresenta na possibilidade da sociedade brasileira libertar-se da tutela secular da teologia católica e enveredar-se por outros caminhos, os da ciência.¹⁴²

O foco dado a essa influência para a ilustração do país foi interrompido pela característica cultural do Império de não se deixar levar totalmente por uma única doutrina, predominando o ecletismo de posições. Uma vez que “o espírito do brasileiro não me parece inclinado à rigidez doutrinária e nem se dá bem com a algazarra das teorias”¹⁴³. Ficando à grande maioria daqueles considerados adeptos da filosofia de Augusto Comte apenas com o espírito cientificista da época. O positivismo surgiu no Brasil como um guia destinado à renovação dos padrões da cultura e da política nacionais.¹⁴⁴

¹⁴⁰ AZEVEDO, Fernando de. *A Cultura Brasileira*. 5ª ed. São Paulo. Melhoramentos, editora da USP, 1971, p. 607.

¹⁴¹ AGASSIZ. *Viagem ao Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1880.

¹⁴² HOLANDA, Sérgio Buarque de (dir.). *História geral da civilização brasileira: o Brasil monárquico: O pensamento brasileiro sob o Império*. 2 ed., tomo II, vols. 3. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967, p. 332.

¹⁴³ AZEVEDO, Fernando de. *A Cultura Brasileira*. 5ª ed. São Paulo. Melhoramentos, editora da USP, 1971, p. 608.

¹⁴⁴ HOLANDA, Sérgio Buarque de (dir.). *História geral da civilização brasileira: o Brasil monárquico: O pensamento brasileiro sob o Império*. 2 ed., tomo II, vols. 3. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967, p. 332. O primeiro manual de instrução pública, *Instruction Publique au Brésil - Historie et Législation*, escrito pelo médico José Ricardo Pires de Almeida em 1889, representou um marco da trajetória positivista na escrita da história da educação no Brasil. Mais detalhes sobre essa obra pode ser encontrada nos artigos: “A instrução Pública e a Primeira História Sistematizada da Educação Brasileira”, de autoria de Clarice Nunes e, “Sem Deus nem Rei? O Positivismo na escrita da Educação Brasileira” de José Gonçalves Gondra, com o intuito de reflexão e fechamento da influência do movimento positivista na educação do Império brasileiro.

2.2 O ENSINO SECUNDÁRIO

Embora no século XIX não tenha existido nenhum plano conciso de organização nacional da educação, foram tomadas algumas medidas, a priori, de cunho mais incentivador do que empreendedor. Uma das conseqüências do impulso dado ao ensino superior profissional e ao regime de descentralização instituído pelo Ato Adicional foi o grande desenvolvimento do ensino secundário particular em quase todas as províncias e nas capitais.¹⁴⁵

Certamente capazes de conceber planos de estudos em função das condições do meio brasileiro já em transformação, *os estadistas do Império*, imbuídos de fórmulas jurídicas e penetrados de cultura européia, montaram um instituto de ensino secundário de primeira ordem, mas aristocrático, que tendia a separar o menino de seu meio, a afastar o homem das funções úteis, técnicas e econômicas, e, a influir poderosamente, em colaboração com os colégios e seminários, como um instrumento de seleção e de classificação social.¹⁴⁶

Era prática comum a retirada dos jovens, pertencentes à elite rural, no interior, dos seus lares para começar uma nova vida, cercada de estudos, nas capitais das províncias. No estudo sobre a intimidade das famílias do interior fluminense,¹⁴⁷ observamos um trecho do diário da Viscondessa do Arcozello, Maria Isabel de Lacerda Werneck, casada com o médico português radicado no Brasil Joaquim Teixeira e Castro. As descrições do cotidiano familiar permitem-nos constatar a transição dos estudos domiciliares para as instituições do ensino secundário. Com a dispensa da preceptora do domicílio na fazenda, relata: “O Castro falou hoje com D. Sara que não queria continuar com os meninos estudando em casa, que iam para o colégio”¹⁴⁸

A proposta de reforma de Leôncio de Carvalho, de 1879, favoreceu o aparecimento e proliferação da iniciativa particular no ensino secundário. Com o objetivo de preparar os alunos para os exames de passagem para o ensino superior, o ensino secundário imperial ficou característico pelo seu caráter propedêutico. A partir daí verificamos a explosão de instituições particulares que:

Nunca, na história da educação nacional [...] teve tanto relevo e granjeou tamanha autoridade como nesses e outros institutos que foram os pontos de apoio iniciais em que se assentou, para tomar impulso, o ensino secundário no país, e que

¹⁴⁵ AZEVEDO, Fernando de. *A Cultura Brasileira*. 5ª ed. São Paulo. Melhoramentos, editora da USP, 1971.p. 576.

¹⁴⁶ Ibid, p. 580.

¹⁴⁷ NOVAIS, Fernando; ALENCASTRO, Luis Felipe (org). *História da Vida Privada no Brasil*. vol. 2, São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

¹⁴⁸ Ibid, p. 215.

contribuíram para aperfeiçoá-lo, na sua constituição orgânica, desenvolvê-lo e enquadrá-lo no sistema nacional de educação.¹⁴⁹

Entre as principais instituições de ensino secundário podemos destacar o Colégio Caraça em Minas Gerais¹⁵⁰; o Colégio Pedro II, modelo educacional da elite imperial fundado na capital; o Ginásio Baiano e o Colégio Abílio no Rio de Janeiro, ambos dirigidos pelo médico e pedagogo Barão de Macaúbas¹⁵¹. Por terem participação direta e indiretamente na biografia do intelectual Raul Pompéia, ficaremos com uma breve história da constituição das três últimas instituições.

Anos após a abdicação da coroa, em 1837, Bernardo Pereira de Vasconcelos, em tempos regência de Pedro Araújo Lima, futuro marquês de Olinda, resolveu mudar o quadro da educação no Rio de Janeiro, fazendo uma reforma capaz de satisfazer as exigências do país. Era criado o Imperial Colégio de Pedro II, de instrução secundária, por decreto de 02 de dezembro do mesmo ano. Tratavam-se os três primeiros artigos:

Art. 1º. - O Seminário de São Joaquim é convertido em Colégio de instrução secundária.

Art. 2º. - Este Colégio é denominado Colégio de Pedro II.

Art. 3º. - Neste Colégio serão ensinados as Línguas Latina, Grega, Francesa e Inglesa, Retórica e os princípios elementares da Geografia, História, Filosofia, Zoologia, Mineralogia, Botânica, Química, Física, Aritmética, Álgebra, Geometria e Astronomia.¹⁵²

Durante a inauguração, em março de 1838, estiveram presentes na cerimônia: o jovem imperador, suas irmãs, o regente Pedro de Araújo Lima, assim como todos os Ministros do Estado. As presenças ilustres demonstram a importância política do colégio que viria desempenhar demais papéis além da instrução.¹⁵³

A preocupação da instituição como função modeladora de cidadãos dedicados ao futuro nacional é revelada através da ênfase dada à civilidade no discurso de inauguração: “... porque o espírito das nações, a índole dos povos e a civilização das cidades ha de reverlarse nesses hieroglyphos de pedra.”¹⁵⁴

¹⁴⁹ AZEVEDO, Fernando de. *A Cultura Brasileira*. 5ª ed. São Paulo. Melhoramentos, editora da USP, 1971.p. 578.

¹⁵⁰ Fundado em 1820, pelos padres lazaristas. Colégio de formação tipicamente tradicional, organizados aos moldes do ensino jesuítico.

¹⁵¹ Abílio César Borges (1824-1896) deixou a Academia de Medicina baiana para se dedicar à educação. São de sua autoria a maioria dos materiais pedagógicos divulgados nos colégios do Império da corte e nas províncias.

¹⁵² NISKIER, Arnaldo. *Educação brasileira: 500 anos de história*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1989, p. 111.

¹⁵³ A forte influência do Colégio Pedro II como modelo de ensino secundário e de função aglutinadora dos ideais para formação de cidadãos provindos da aristocracia rural e de sua adequação como futuros profissionais liberais da corte.

¹⁵⁴ ALMEIDA, Francisco Manuel Raposo de. *A origem do colégio Pedro II*. *Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro*, São Paulo, t. XIX. 1856, p. 66.

O Colégio Pedro II recebeu atenções especiais em sua organização e orientação. Buscava-se apoio daqueles que compunham a boa sociedade, dependiam de bons governantes, de bons administradores e de bons agentes civilizadores como, a exemplo, das figuras do médico, do romancista, e do professor de História. Afinal, era uma instituição aristocrática destinada a oferecer a cultura básica necessária às elites dirigentes, ou seja, à boa sociedade, formada pela parcela da sociedade branca, livre e proprietária de escravos e de terras. Enquanto a população brasileira girava em torno de 8.800.000 habitantes, apenas 1,2% eram de alunos matriculados nas escolas do Império.¹⁵⁵

A Instituição, símbolo de civilidade mantida pelo Imperador, transformou-se em padrão de ensino secundário e a única instituição a realizar os exames que possibilitavam o ingresso nos cursos superiores. Quando o aluno completava seu curso recebia o título de Bacharel em Ciências e Letras com livre acesso direto às Academias. D. Pedro II costumava se referir ao colégio como o “seu colégio”, escolhia os professores, assistia às provas e até mesmo conferia as médias.

O regulamento do Colégio é datado de 31 de janeiro de 1838 contendo 239 artigos, dentre os itens, Joaquim Manoel de Macedo destaca:

[...] marcando as funções do reitor, vice-diretor, professôres e todos os empregados, estabelecendo o plano de estudos, dividindo o ensino em oito aulas ou anos letivos, em que se devia ensinar gramática portuguesa, latim, grego, francês, inglês, geografia, história, retórica e poética, e filosofia. Matemáticas, compreendendo aritmética, álgebra, geometria, trigonometria e mecânica. Astronomia, História natural, compreendendo zoologia, botânica e mineralogia. Ciências físicas, compreendendo física e química. Desenho e música vocal. Especificando o enxoval dos alunos, as condições para o bacharelado, o regime econômico e tudo, enfim, quanto era de mister que fôsse regulado.¹⁵⁶

Na primitiva organização do Colégio Pedro II, apesar de constar na grade curricular disciplinas que correspondiam a real necessidade das grandes nações, no que tange ao ensino científico, ainda assim, há a predominância do ensino literário clássico. Tratava-se de um grande colégio de humanidades. Quanto ao estudo, foi dividido em oito aulas sendo que cada classe não poderia exceder o número de 35 alunos. Aulas que ficavam subdivididas a uma média de 25 lições cada, dependendo do grau de evolução das lições.

O Colégio, conhecido pelos estudos literários e desinteressados manteve a mesma forma em todas as transformações, ou seja, a cultura básica necessária às elites

¹⁵⁵ Até o final do Império, segundo informações de Fernando de Azevedo, em *A Cultura Brasileira* (1971), para uma população de quase 14 milhões, a matrícula geral nas escolas primárias era pouco mais de 250 mil alunos, não chegando a 300 mil ou a menos da sétima parte da população em idade escolar o número de estudantes matriculados em todas as escolas dos diversos tipos e graus, existentes no país.

¹⁵⁶ MACEDO, Joaquim Manuel. *Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro*. 2. ed. Rio de Janeiro: Garnier, 1967, p.262.

dirigentes do país. Fernando de Azevedo classifica que toda a preocupação com a preparação da formação da base elitista do Império formava cidadãos despreparados para uma contribuição à vida nacional:

Certamente, essa elite, de uma mentalidade política e retórica, imbuída de idéias gerais, desarticulada, pela própria formação, das realidades da vida nacional, e habituada a examinar os problemas concretos ou de um só ponto de vista, estreito porque profissional, ou pelos seus aspectos mais gerais e teóricos, não estava preparada para resolver os grandes problemas técnicos e econômicos do país.¹⁵⁷

A primeira parte do regulamento qualifica o regime literário e científico, ficando a segunda parte com o regime econômico. Fixemos nossa atenção a alguns itens da primeira parte:

Ao funcionário de maior respeitabilidade, o reitor, cabia: inspecionar tudo o que dizia respeito à religião, aos costumes, à ordem e aos estudos; visitar sempre o refeitório e inspecionar a comida dos alunos; visitar diariamente os dormitórios e demais partes do colégio. Ficava a cargo dos funcionários subjugados ao reitor (vice-reitor, professores, inspetores de alunos e serventes) redigir, diariamente, um relatório sobre a rotina e possíveis infrações ocorridas. Se pelo exame do relatório, o reitor julgasse conveniente, poderia chamar os alunos para “castiga-los severamente, repreendê-los ou exorta-los”.¹⁵⁸ Assim como também era de costume mandar de três em três meses aos pais dos alunos informações resumidas dos relatórios semanais, sobre o procedimento, progressos e estado de saúde dos filhos. Para obter um maior resultado fazia-se periodicamente uma espécie de mapa escolar onde era vasculhada toda falta e qualquer procedimento positivo ou negativo relacionado ao discente.

Art. 4º. Remeterá no fim do 5º e 10º mês do ano escolar ao Ministro do Império um relatório sobre a disciplina, estudos, e geralmente sobre o estado moral do Colégio, ajuntando-lhe notas circunstanciadas sobre cada um dos Alunos, tanto internos, como externos.¹⁵⁹

Indicarão essas notas seus nomes, naturalidades, idades, estado de seus pais, empregos, a que se destinam, lugares, que têm obtido nas aulas, e observações particulares sobre os seus progressos.¹⁶⁰

Ao vice-reitor era incumbida a tarefa de vigiar pessoalmente o levantar e o deitar dos alunos, a entrada e saída das aulas, do refeitório e do locutório. Ficaria a seu cargo a inspeção imediata a qualquer sinal de indisciplina. Buscava-se através da rigidez disciplinar fortalecer a formação moral e cívica dos alunos:

¹⁵⁷ MACEDO, Joaquim Manuel. *Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro*. 2. ed. Rio de Janeiro: Garnier, 1967. p.591.

¹⁵⁸ Regulamento Nº 08, de 31 de dezembro de 1838. p. 109.

¹⁵⁹ *Ibid*, p. 110.

¹⁶⁰ *Ibid*, p. 110.

Art. 13. Compete aos Professôres:

Parágrafo 1º. Não só ensinar a seus Alunos as Letras, a e as Ciências, na parte que lhes competir, como também, quando se oferecer ocasião, lembrar-lhes seus deveres para com Deus, para com seus Pais, Pátria, e Govêrno.¹⁶¹

Os alunos seriam admitidos com idade entre 08 e 12 anos, deveriam trazer consigo um atestado de bom procedimento dos professores ou diretores das escolas que já tivessem freqüentado. Quanto ao estudo, foi dividido em 8 aulas, onde cada classe não poderia exceder o número de 35 alunos. Aulas que ficavam subdivididas a uma média de 25 lições cada, dependendo do grau de evolução das lições.

Podemos verificar nas tabelas retiradas do próprio regulamento quais as disciplinas e número de lições que continham cada um desses graus, ou aulas.¹⁶²

Para completar as determinações do ensino do colégio, foi adotado um sistema de estudos simultâneo. Com isso, os alunos seriam obrigados a estudar diversas matérias cujo número se acumularia à medida que subissem para os anos superiores. Para o período e segundo os dirigentes, essa forma se enquadrava na mais adequada e útil, porque ao mesmo tempo em que “facilita o progresso das inteligências felizes, faz com que desanimem no princípio da carreira literária os desfavorecidos da natureza, os pobres de espírito”.¹⁶³

Contudo, o caráter padrão do Colégio Pedro II não viria somente do corpo docente e da carga disciplinar. Um principal aspecto, no qual desencadeará os demais a serem focados diz respeito à disciplina. É interessante observar as afinidades existentes entre os princípios esclarecedores das atividades no interior da Instituição e a classe médica. Segundo o discurso normatizador higiênico a boa educação da mocidade muito contribuiria para a evolução do Estado e, conseqüentemente, o novo homem e a nova sociedade começariam a ser construídos no colégio.

Pela pedagogia higiênica procurava-se atingir os adultos. O interesse pelas crianças era um passo na criação do adulto adequado à ordem médica. Produto de hábitos, este indivíduo não saberia nem quando, nem como, nem por que começou a sentir e a reagir da maneira que sentia ou reagia. Tudo em seu comportamento deveria parecer à sua consciência como normal, conforme a lei das coisas ou a lei dos homens.¹⁶⁴

¹⁶¹ Ibid, p. 111.

¹⁶² Ver anexo 04: Plano de ensino do Colégio Pedro II (1838)

¹⁶³ MACEDO, Joaquim Manuel. *Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro*. 2. ed. Rio de Janeiro: Garnier, 1967, p. 270.

¹⁶⁴ COSTA, Jurandir Freire. *Ordem Médica e Norma Familiar*. Rio de Janeiro: Graal, (Biblioteca de Filosofia e História das Ciências v. 5, 1999, p.175.

Nota-se, que o Colégio Pedro II abrigou de forma sintética e modelar os aplicados esforços de uma elite nacional, não apenas com o intuito da formação adequada de seus componentes, mas também com condições para que se desenvolvesse e se consolidasse a cultura nacional, aprofundada dentro dos ímpetus iniciados com a cruzada civilizatória, num momento de consolidação do Estado brasileiro.

Podemos dizer que D. Pedro II, em relação às poucas medidas colocadas em prática no que diz respeito à instrução do Império, mais incentivou do que empreendeu. Sua dedicação à cultura do país fora muito válida, porém:

“Nenhuma concordância, de fato, entre as atitudes pessoais do Imperador e a política imperial de educação. Nenhum esforço realmente fecundo que lograsse inclinar a atenção do público intelectual para as ciências da natureza e para o trabalho científico”

As pupilas dos olhos do Imperador sempre estiveram voltadas para a formação de profissionais liberais.¹⁶⁵

Anteriormente à estratégia de medicalização do espaço urbano, a estrutura de ensino era focada aos interesses locais criados pelas correntes políticas regionalistas descomprometidas com os valores da unidade nacional. É exatamente esse déficit nacionalista que denota a importância destinada a invocação das instituições de ensino dentro do movimento higiênico, visto que uma das temáticas preferidas do discurso médico oitocentista foi a educação da mocidade.¹⁶⁶

Não é por acaso que foram mantidos médicos permanentes durante todo o século XIX, incumbidos de zelar pelos aspectos higiênicos. Havia dois professores de Saúde, um responsável pela visitação à enfermaria pelo menos uma vez ao dia e outro que seria chamado quando o reitor e o Assistente necessitassem de seus conselhos. Além do mais, o regimento nos diz que na área responsável pela saúde dos alunos também era obrigatória a entrega de relatórios mensais ao reitor, dando indicativos das doenças, temperamentos, moléstias, causas prováveis e seus resultados.

Ainda dentro desta mesma temática, outro dado que também mereceu a atenção dos profissionais de saúde foi a organização dos colégios em geral. Podemos considerar através da observação da organização do Colégio Pedro II, reflexos da temática higienista utilizada no período. No trabalho “O Discurso Higiênico da Educação do Rio de Janeiro Imperial: Colégio Pedro II (1838-1857)” verifica-se que os colégios eram vistos como:

¹⁶⁵ AZEVEDO, Fernando de Azevedo. *A cultura brasileira*. 5ª ed., São Paulo: Melhoramentos, Editora da USP, 1971. p. 615.

¹⁶⁶ FRANÇA, Jean Carvalho. *A higienização do povo: Medicina social e alienismo no Rio de Janeiro oitocentista*. 1990. 114 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – FFCH – UFMG, 1990, p. 86.

[...] uma espécie de prolongamento da casa paterna, agindo como um auxiliar indispensável na formação das crianças que um dia viriam a servir a pátria. Visando o futuro da nação, o colégio teria que satisfazer uma série de exigências que obedecessem à ordem, à localização, à moralidade do corpo docente e a uma pedagogia rígida que correspondessem aos padrões da família higiênica. Quanto ao último aspecto, recomendava-se: o controle do tempo, a vigilância de conduta, constante avaliação curricular, e o incentivo à atividade física através da prática ginástica.¹⁶⁷

Pelo decreto de 24/10/187, o colégio divide-se em externato e internato, marcando um novo plano de estudos. Tal medida exemplifica a atenção focada para a disciplina, pois a vigilância não acontecia sempre integralmente e, dessa forma, evitaria o inconveniente provocado pela comunicação entre os alunos internos e externos. As atenções dedicadas a eles se diferenciavam pelo fato de quase não se encontrarem e, nem o podiam. O contato com o “mundo externo” era restrito mesmo com outros alunos. Neste momento o internato pode ser considerado como um espaço único para a disciplina do corpo.

A questão do cotidiano dos colégios e suas regras de conduta também foram tema de teses médicas que enfatizaram justamente:

Convém, pois, estabelecer como regra fundamental que os educandos não saiam do interior do colégio senão depois de acabada sua educação; ou que caso saiam não possam apresentar-se nele senão como alunos externos, para receberem a instrução comum. Os pais ou correspondentes dos alunos internos terão permissão de vir de quinze em quinze dias visitá-los durante suas recreações. Se esta regra, apesar de sua imensa importância e utilidade, parecer demasiado severa, dever-se-á proibir a saída ao menos durante o curso letivo e restringi-la ao tempo de férias. Mas então será preciso dar aos pais uma instrução particular sobre o que devem fazer para não contrariarem o sistema de educação que se segue.¹⁶⁸

Desse modo, a instrução da camada mais abastada da sociedade ficou, nos primeiros anos da criança, a cargo dos pais ou de tutores, em geral estrangeiros através de aulas domiciliares. Quando atingiam a idade considerada adequada, passavam a freqüentar colégios, em geral internatos, que funcionavam como locais de formação e afirmação da liderança cultural da província.

As escolas particulares afloraram progressivamente durante o Império devido principalmente à ausência de fiscalização e de uma estrutura organizacional de qualidade para que os filhos da elite pudessem seguir seus estudos. Maria Mariotto Haidar que dedicou-se à evolução do ensino secundário no Império, exprime a ausência de fiscalização devido à adoção de uma política “doméstica” que partia do princípio que os próprios pais de família

¹⁶⁷ BERCHO, Carolina Fuzaro. *O Discurso Higiênico na Educação do Rio de Janeiro Imperial: Colégio Pedro II (1838-1857)*. Trabalho de Conclusão de Graduação em História, FHDSS- UNESP Campus Franca-SP, 2006, p.56.

¹⁶⁸ COSTA, Jurandir Freire. *Ordem Médica e Norma Familiar*. Rio de Janeiro: Graal, (Biblioteca de Filosofia e História das Ciências v. 5, 1999, p. 172-173.

seriam os verdadeiros fiscais a esse respeito.¹⁶⁹ Da mesma forma, Fernando de Azevedo acrescenta que,

A livre concorrência e rivalidade que se estabeleceu entre os colégios, favorecendo florescimento das instituições particulares e fazendo saltar na nebulosa do ensino uma constelação de valôres, contribuíram ainda para introduzir, no jogo da vida educacional do país, forças pedagógicas novas, acasteladas, como em pequenos redutos de reação, nos estabelecimentos leigos de ensino devidos à iniciativa privada.¹⁷⁰

A liberdade ilimitada de ensino abriu espaço para que surgissem variadas instituições dispostas a oferecer educação, mas nem sempre com aptidões satisfatórias para um ambiente escolar. A autora utiliza do discurso de figuras influentes do Império para salientar o aspecto que marcou a iniciativa do ensino particular. Em meados do século XIX, Torres Homem¹⁷¹ descreveu relatórios sobre a necessidade de uma melhoria no ensino público e uma maior fiscalização dos colégios particulares:

Encontramos ao lado de alguns bons colégios, mas em diminuto número, um aluvião de outros colégios e escolas pessimamente dirigidos, e que o espírito de simples negócio havia aberto em cada rua e em cada canto da cidade. [...] Todo aquele a quem falta uma profissão e que se sente inabilitado para qualquer outro modo de vida, abre uma escola, a qual apresenta a mor parte das vezes o aspecto de uma espelunca, sem que para isso seja mister autorização do governo, nem exame de capacidade, nem provas de moralidade.¹⁷²

E mais:

Em geral, os abusos que se deveriam temer da ilimitada liberdade de ensino, nós os encontramos quase todos verificados na mor parte desses estabelecimentos improvisados pela especulação, e onde não só o ensino, a educação moral e religiosa, como a sua higiene ofereciam matéria a gravíssimas censuras.¹⁷³

Ainda segundo Haidar, a Reforma Couto Ferraz de 1854 sanou a insatisfação quanto à fiscalização dos estabelecimentos de educação, ao mesmo tempo em que garantiu a qualidade de participação do ensino particular no desenvolvimento de ensino elementar e médio de todo o Império. Seria mister que se propagassem os colégios particulares para o cumprimento de estratégia estatal; fornecendo educação de qualidade para os filhos de elite,

¹⁶⁹ HAIDAR, Maria de Lourdes Mariotto. *O ensino Secundário no Brasil Império*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1972, p. 163.

¹⁷⁰ AZEVEDO, Fernando de Azevedo. *A cultura brasileira*. 5ª ed., São Paulo: Melhoramentos, Editora da USP, 1971, p.599.

¹⁷¹ Francisco de Sales Torres Homem foi por duas vezes Ministro da Fazenda do Império, além ter contribuído para a cultura nacional exercendo outras atividades como advogado, escritor, médico, jornalista e diplomata.

¹⁷² Ibid, p. 166-167.

¹⁷³ Ibid, p. 166.

formavam cidadãos de qualidade para a manutenção do poderio Imperial e das classes a ele atreladas.

A fiscalização rigorosa da iniciativa particular instaurada por Couto Ferraz na Província do Rio de Janeiro e por ele decretada para o Município da Corte em 1854, longe, portanto, de visar à minimização da contribuição privada pretendia, ao contrário, habilitá-la para o cumprimento da importante missão que se lhe pretendia confiar. O Regulamento de 17 de fevereiro de 1854, inspirado em tais idéias, ao mesmo tempo em que colocava os estabelecimentos particulares de ensino sob a supervisão imediata dos poderes públicos, inaugurava oficialmente na Corte uma política de subvenção às escolas privadas.¹⁷⁴

O ensino secundário manteve-se, no Império, quase que exclusivamente nas mãos de particulares, com pequeno número de escolas, porém suficientes para suprir a pouca procura que havia na época.

O Ginásio Baiano não fugia à regra. Fundado em Salvador em 1858 pelo Dr. Abílio César Borges, por ele passaram homens de destaque na história brasileira, como Rui Barbosa e Castro Alves. Este colégio inaugurou algumas das inovações educacionais que repercutiram em todo o Império. Uma disciplina branda, novos processos de aprendizagem e de leitura e a abolição dos castigos corporais na coação da aprendizagem fazem parte de algumas inovações. As inovações propostas e colocadas em prática por Abílio César Borges nos institutos de educação por ele dirigidos atingiu a maioria das províncias do Império através da divulgação dos materiais pedagógicos de sua autoria.

Abílio César Borges¹⁷⁵, em 1846 transferiu-se para a corte visando a conclusão do curso iniciado na Faculdade de Medicina da Bahia e, embora sua maior dedicação profissional tenha sido à educação¹⁷⁶, sua tese entregue em 1846 intitulou “Proposições sobre as Ciências Médicas”. Neste período a educação ainda não fazia parte de suas preocupações, porém sua biografia nos indica a dedicação exclusiva à “educação da mocidade da corte”.

Personagem marcante da educação imperial, Abílio nasceu na cidade de Rio das Contas, na Bahia em 1824 vindo a residir em Salvador em 1838, onde fez o curso de humanidades e matriculou-se na faculdade de Medicina. Transferiu-se depois para o Rio de Janeiro veio a diplomar-se em 1847, preferindo seguir carreira no magistério. Foi com este objetivo que criou o Instituto Literário da Bahia, e, mais tarde em 1858 fundou o Ginásio Baiano, dirigindo-o por quase quatorze anos.

¹⁷⁴ Ibid, p. 172.

¹⁷⁵ Abílio César Borges e sua participação na educação durante o Império será descrita no 3º capítulo deste estudo, principalmente suas ações dedicadas ao Colégio Abílio no Rio de Janeiro, devido à sua dedicação inflamada ao Ensino Secundário Particular do Império e, à sua participação atrelada ao personagem do diretor Aristarco no romance O Ateneu, de Raul Pompéia.

¹⁷⁶ Alguns autores tratam a educação como uma simples vocação de Abílio César Borges. O médico e pedagogo baiano dedicou-se ao magistério ao mesmo tempo em que cursava a Faculdade de Medicina da Bahia.

Das diversas viagens à Europa, aperfeiçoou seus conhecimentos originários aos métodos de educação aplicados também no Colégio Abílio da Corte a partir de 1871. Este Instituto, considerado um dos melhores para acolher a mocidade carioca e de outras províncias contava em seu Plano de Estudos¹⁷⁷, com algumas das já citadas prescrições médico-higiênicas para a educação. No estudo de Maria de Lourdes Mariotto Haidar sobre a instrução secundária no Império, encontramos a divisão dos estudos do Colégio Abílio em duas sessões: primária e secundária, sendo que em ambas estão salientadas disciplinas higiênicas voltadas para o aprimoramento físico do aluno como a dança, a natação e a ginástica. Assim, na divisão dos estudos secundários observamos¹⁷⁸:

Secção da instrução secundária:

Esta secção dura regularmente sete anos, podendo, entretanto, ser reduzida a 4 ou 5, ou estendida a mais, conforme a inteligência e a aplicação dos alunos; e compreende os preparatórios exigidos para a matrícula nas diversas faculdades do Império, assim como a prática de falar as línguas francesa e inglesa, e o ensino teórico na língua alemã, para aquêles que quizerem aprender esta língua. Nesta secção divide-se o ensino por anos, como segue:

1º ano:

Latim: Gramática e princípios de versão. História Sagrada e composições freqüentes, em que tenham aplicação as regras de gramática já aprendidas.

Francês teórico: Gramática e versão de prosa. Composições freqüentes, em que tenham aplicação as regras de gramática já aprendidas.

Francês prático: Continuação da aula especial prática de conservação.

Inglês: Ensino exclusivamente prático de leitura e conversação, feito durante a aula, sem preceder estudo da lição.

Geografia Física e Cosmografia: Continuação das lições orais á vista das esferas terrestres, celeste, e armilar, e das cartas murais.

História Geral: Cronologia dos fatos principais, pelo método Zaba, sem prévio estudo da lição. (Este método não é destinado a ensinar toda a história universal propriamente dita, como alguém o há entendido mal. Seu fim é unicamente familiarizar os meninos, sem os fatigar, e antes, causando-lhes gosto, com os fatos principais da história e suas respectivas datas, este fim preenche-o de maneira admirável).

Religião: Conferências.

Gramática portuguesa: Conferências semanárias de análise sobre trechos ditados pelo professor e escritos pelos alunos.

Curso Prático de Aritmética.

Desenho, Dança, Música Vocal, Ginástica e Natação: Continuação.¹⁷⁹

A estrutura dos colégios supervisionados por Abílio representava perfeitamente as práticas higienistas investigadas por José Gonçalves Gondra, onde educar e civilizar converge-se para um único fim: o de eliminar os fatores adversos e produzir um futuro novo e grandioso, para os indivíduos, para a sociedade e para o Estado. Esta finalidade só seria atingida caso a educação escolar funcionasse como um verdadeiro programa civilizador,

¹⁷⁷ Ver anexo 04: Plano de ensino do Colégio Abílio (1871)

¹⁷⁸ HAIDAR, Maria de Lourdes Mariotto. *O ensino Secundário no Brasil Império*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1972, p. 225-228.

¹⁷⁹ A indicação para as disciplinas Dança, Ginástica e Natação aparecem seguem em sucessivamente do 1º ao 7º ano, por isso não julgamos necessário a presença das demais citações no corpo do texto.

instituindo nos trópicos uma réplica complexa do que, então era considerado como um padrão civilizatório a ser disseminado e adotado no mundo ocidental.¹⁸⁰

O padrão higiênico do Colégio Abílio da Corte foi notado por olhares da imprensa do final do Império. Em perfil panfletário, publicado em 1896, no volume I da “*Opinião da Imprensa*”, verifica-se a descrição:

O Colégio está localizado na praia de Botafogo, no palacete e chácara que pertencera ao Sr. Barão do Aleggrete. O lugar é bem conhecido pela sua salubridade, e a casa como primeira do Império onde funcionaram estabelecimentos desta ordem. Muito distante da cidade; banhada pelo mar ao nascente, abrigada do sol e do poente por morros elevados; sempre batida por ventos frescos e limpos, a Praia de Botafogo reúne todas as condições de imunidade para as epidemias que se desenvolvem no Rio de Janeiro, no tempo mais quente do ano. A casa, edificada com todas as condições habitação nobre e ampla, dividida em pavimentos colocados muito acima do solo, composta de salões extensos em superfície e altura, muito ventilados, fornece aos alunos dormitórios em condições de completa isenção para infecções provenientes das grandes aglomerações de habitantes. Debaixo das prescrições higiênicas mais severas, os dormitórios, em número de 06, podem comportar 300 camas, separadas por um metro e meio em largura e 2 metros em comprimento.¹⁸¹

Já a pesquisadora Maria Terezinha C. T. Santos no estudo *De como a Educação escolar torna-se palco no Romance Brasileiro*, resgata o caráter propedêutico do ensino secundário do Colégio Abílio, que:

[...] era referendado pelo controle indireto dos “exames preparatórios”, e/ ou a uma reprodução superficial do que se considera cultura, e as predominâncias ou prioridades ficam restritas a estes pólos superficiais, reveladores muito mais de um baixo nível cultural, do que propriamente de uma diferenciação substancial a nível ideológico.¹⁸²

Ainda assim, na observação do Plano de Estudos evidencia-se a preocupação com a organização, o controle e a avaliação do ensino, denotando seriedade com a estrutura educacional. Este aspecto contrapõe-se à realidade da época, classificada como insuficiente e descompromissada. Sob este ponto de vista Maria Terezinha C. T. Santos reforça:

Diante destes contrastes e polaridades, há que se enxergar nitidamente o Colégio Abílio em toda a sua intencionalidade e organização como exceção à regra, como uma tentativa reformista (conjuntural), numa estrutura totalmente diversa e em ritmo diferente de desenvolvimento.¹⁸³

¹⁸⁰ VALDEZ, Diane. *Mens Sana in Corpore Sano: Os colégios do Dr. Abílio César Borges, o barão de Macahúbas (1858-1891)*. In: Revista eletrônica HISTEBR – FE- UNICAMP.

¹⁸¹ GONDRA, José Gonçalves. Abílio César Borges. In: FAVERO, M. L. A.; BRITTO, J.M. (org). *Dicionário de Educadores do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/MEC-Inep, 1999, p.35.

¹⁸² SANTOS, Maria Terezinha da Consolação Teixeira. *De como a Educação escolar torna-se palco no Romance Brasileiro*. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: São Paulo, 1988, p.49.

¹⁸³ Ibid, p.61.

Neste capítulo procuramos fazer um coeso esboço de determinados acontecimentos marcantes na educação durante o Brasil Imperial, de forma a entender um pouco da estrutura organizacional da educação brasileira durante o Império e suas conseqüências acarretadas no ensino secundário da corte, no Rio de Janeiro.

Desenvolvemos a escrita até aqui, com o objetivo de alicerçar como se formou a educação secundária e higiênica no Brasil Império, principalmente na Corte. O ensino secundário será revelado na ficção retratada por Raul Pompéia através do Colégio O Ateneu, considerado um retrato de lembranças de momentos vividos pelo próprio autor no Colégio Abílio da Corte. Nas páginas do romance, encontramos personagens inspirados em sua trajetória de vida, tais como o personagem do diretor Aristarco, como Abílio César Borges, o barão de Macahúbas.

Partimos do pressuposto de que na educação Imperial foram inseridas as regras tendentes para a higiene exterior e interior dos colégios. Vimos que os colégios secundários da corte, a exemplo do Colégio Pedro II¹⁸⁴ e o Colégio Abílio apresentam algumas dessas regras em seus regimentos.

Desta forma, o discurso médico adentra o interior da sociedade, afetando principalmente a formação da mocidade. A educação higiênica estruturada gradativamente durante todo o século XIX acompanhou a conquista e legitimação do saber médico em solos cariocas. Sua influência na educação da sociedade da corte nos últimos anos do segundo império¹⁸⁵ será analisada através das páginas desencadeadas por Raul Pompéia no estudo que se segue.

¹⁸⁴ As tendências higiênicas aplicadas ao Colégio Pedro II estão presentes em Trabalho de conclusão de Curso de graduação em História, de minha autoria, intitulado Discurso Higiênico na educação do Rio de Janeiro Imperial: O colégio Pedro II-RJ (1829-1850)

¹⁸⁵ Optamos por desenvolver o discurso da pesquisa partindo de um recorte amplo (o Brasil Império como um todo) para depois afunilar a proposta de pesquisa até chegarmos ao curto período retratado por Raul Pompéia no romance: os anos finais do Segundo Império. Foi escolhida esta proposta cronológica para que o leitor pudesse se situar em relação à toda construção do higienismo no Brasil até à sua relação com a estrutura escolar secundária implantada em institutos particulares, como os colégios de Abílio César Borges.

3. HIGIENISMO E EDUCAÇÃO EM O ATENEU

No presente capítulo propõe-se discutir o fechamento das idéias que apresentamos até este momento na pesquisa. Todo o caminho percorrido desde as origens do higienismo no início do Brasil Imperial, passando pelas considerações acerca da educação pode ser apurado através das fontes principais já anunciadas: as teses de conclusão de curso de dois médicos recém formados da Academia Imperial de Medicina do Rio de Janeiro e o romance produzido no final do Segundo Reinado: O Ateneu.

Será nos discursos presentes no interior desses documentos que nos debruçaremos nesta parte da discussão. Não temos o intuito de fazer deste um capítulo maçante composto apenas da compra-posição dos excertos de ambos os documentos, para isso considera-se relevante primeiramente conhecer um pouco mais sobre o autor da obra literária O Ateneu. Afinal, quem foi Raul Pompéia? Qual papel relevante este jovem intelectual desempenhou na sociedade carioca do final do século XIX?

Serão exatamente essas respostas que se procura esboçar a seguir. Além de aspectos da vida biográfica do autor e seu perfil literário, as aproximações da sua vida escolar durante sua estadia no Colégio Abílio da Corte entre aproximadamente 1873 a 1878. Este último aspecto, no entanto, já faz parte do conteúdo imprescindível para elucidar as relações escolares esboçadas na ficção por Raul Pompéia e que coincidem com suas memórias vividas por quase seis anos de sua infância num regime de internato.

O estudo de José Gonçalves Gondra, *o Arquivamento da vida escolar: Um estudo sobre o Ateneu* se orienta nas questões levantadas pelo pesquisador com o intuito de observar a escrita do romance por parte de seu autor. Parte-se do pressuposto de uma análise de arquivamento de memórias cotidianas colocadas no papel, que, ao contrário de cartas formais ou correspondências soltas, foram transformadas num livro: “uma crônica de saudades”.

Propomos ampliar a visão sobre o autor com dados biográficos de Raul Pompéia escritos por Camil Capaz e Eloy Pontes, em duas obras de grande relevância que propõem detalhar a vida deste intelectual de relevo para a literatura brasileira do final do Segundo Império.

Resgata-se um documento sobre a obra de Eloy Pontes, *A vida inquieta de Raul Pompéia*. Trata-se de um recorte de jornal encontrado no interior da obra adquirida em um sebo em Bota Fogo, no Rio de Janeiro, mantida em perfeito estado há 75 anos. O documento consta do anexo 06 e torna-se relevante por conter a crítica do livro biográfico de Raul

Pompéia por Plínio Barreto, redator do jornal O Estado de São Paulo de 1935 e figura influente no jornalismo e na política brasileira do início do XX.

Já artigo de autoria de Diane Valdez intitulado *Mens Sana in Corpore Sano: os colégios do Dr. Abílio César Borges, o Barão de Macahúbas*, será utilizado para compor as aproximações entre o colégio da ficção: O Ateneu, e o da vida real: o Colégio Abílio, no intuito de nos acometer aparições reais do cotidiano presenciado pelo autor, considerado como um reflexo elitista da sociedade imperial oitocentista carioca.

As ilustrações de autoria do próprio Raul Pompéia presentes no anexo 07 se encaixam na demonstração dos recortes higiênicos do romance e do cotidiano escolar vivenciado pelo autor. Foram selecionadas 12 das 43 imagens que compõe as primeiras edições do romance, incluída na 3ª edição, de 1905, adquirida devido aos traços históricos que o tempo não leva e que acabam tomando uma notoriedade particular para a composição da dissertação como um todo.

Debruça-se sobre as já citadas e, às demais obras relevantes contidas na bibliografia, enfocando o cenário literário e político do período vivenciado pelo autor, na década anterior e posterior à Proclamação da República.

E finalmente, a segunda parte do capítulo será preenchida pela contraposição relevante dos excertos da teses médicas e do romance, com o intuito de comprovar as aproximações contidas em ambos os discursos, sobre a atuação do discurso médico na vida escolar refletida na instituição secundária do século XIX.

3.1- RAUL POMPÉIA: A VIDA IMITA A ARTE?

Raul Pompéia nasceu em 12 de abril de 1863, filho de Antonio d'Ávila Pompéia, juiz municipal, e Rosa Teixeira Pompéia, rica proprietária de terras da região, passou a infância toda num ambiente de recato, dominado pelo patriarcalismo do genitor.

Mudou-se com a família para o Rio de Janeiro e iniciou-se seus estudos no Colégio Abílio da Corte, então dirigido pelo renomado Dr. Abílio César Borges, o Barão de Macaúbas. Durante o período que esteve como interno no Colégio Abílio da Corte, redigiu o jornal manuscrito *O Archote*, onde expunha através de artigos, o sistema de privilégios do internato.

Durante a quarta série do ensino secundário, foi transferido para o Colégio Dom Pedro II, onde se aproximou das idéias abolicionistas dos colegas e com as teorias científicas da época, inclusive as de Darwin¹⁸⁶. Também foi um dos fundadores e mais freqüentes colaboradores da revista *As Letras* do grêmio estudantil “Amor ao Progresso”, publicando textos que revelariam seu estilo subjetivo. Em páginas do romance *O Ateneu*, vêem-se as impressões de Raul Pompéia através do personagem Sérgio em suas experiências no Grêmio estudantil:

Assistente infalível saía cheio com a notícia espigada, que ia espalmar, prensando no dicionário, conservas de espírito, relíquia inapreciável do Belo.

A dificuldade que encontrava um estudante para forrar-se ao privilégio de gremista, fazia-me mais fundo venerá-lo.” (referindo-se a Aristarco)

[...] Entre os honorários figurava Aristarco, presidente, colaborando sempre no periódico com a transcrição em avulso das máximas de parede, e mandando sempre para a quarta página um anúncio garrafal do Ateneu, que pagava para auxiliar a empresa. Na interessante publicação apareciam quadrinhas mística do Ribas e sonetos lúbricos do Sanches. Barreto publicava meditações, espécie de harpa do crente em prosa arrebatada.

O rodapé-romance era uma imitação d'O Guarani, emplumada de vocábulos indígenas e assinada – Aimbiré.¹⁸⁷

Ao concluir o ensino secundário já possuía de certo prestígio nas letras, sucesso que muito se desenvolveria em 1881, ano em que, segundo desejo do pai, passou a cursar a Academia de Direito de São Paulo. Lá Raul deparou-se com a propaganda abolicionista dos colegas. Naquela época, a Academia de Direito representava um foco da intelectualidade do país numa região que dependia de grande número de escravos para expansão da cultura de café. Segundo o biógrafo, em São Paulo:

¹⁸⁶ Do qual chegou a escrever uma tradução incompleta de sua obra *Origem das Espécies*.

¹⁸⁷ POMPÉIA, Raul. *O Ateneu*. Coleção O Estado de São Paulo: Klick editora, 1997, p.70.

O encontro de moços, oriundos de toda a parte, cheios de ideais, poetas, escritores, romancistas, muitos iniciados nos labirintos das ciências e familiares dos enlevos da filosofia, tinha de modificar a cidade, metamorfoseando-a em laboratório inquieto de discussões, numa colméia de arte, num formigueiro soberbo de curiosidades, dirigidas em todos os rumos do saber. O fenômeno seria assinalado por uma série de jornais e revistas, com colaborações magníficas, em prosa e verso, e por uma constante impaciência, que os discursos e as palestras literárias evidenciavam. Depressa os grupos de estudantes divergiram dos de lentes e apareceram os conflitos.¹⁸⁸

Plínio Barreto, redator do jornal O Estado de São Paulo, em época do lançamento do livro de Eloy Pontes (1936): “A vida inquieta de Raul Pompéia” escreveu na coluna “Livros Novos”, a indicação da literatura e resgata alguns aspectos da biografia do intelectual Raul Pompéia quanto ao precoce interesse abolicionista:

Na primeira phase da sua existência, quanto estudante, a princípio, no Imperial Collegio Pedro II, depois da Academia de São Paulo, e na do Recife, o que lhe assignalou a individualidade foi a Campanha Abolicionista. Tinha 17 annos quando se alistou publicamente entre os adversários da escravidão.¹⁸⁹

Impulsionado pelo gênio panfletário da Academia de São Paulo, Raul publicou em folhetim na Gazeta de Notícias, *As Jóias da Coroa*, sátira à família real brasileira, o qual a assinou anonimamente dado à crítica de seu conteúdo, não gozou de uma recepção favorável da crítica.

Na academia de Direito de São Paulo, os mestres conservadores, que há muito andavam descontentes com suas idéias republicanas, viram com maus olhos suas recentes publicações. Como resultado, o reprovaram ao final do ano, assim como a diversos outros jovens que partilhavam das mesmas atitudes e ideais. Devido ao incidente, noventa e quatro estudantes abandonaram São Paulo e seguiram para a Academia de Direito do Recife de modo a concluir o curso.

Afastada do núcleo escravocrata do país, a faculdade de Direito Pernambucana era um legítimo celeiro de discussões filosóficas, literárias e jurídicas, sob a influência do ilustre Tobias Barreto. Este severo crítico da retrógrada tradição escolástica do ensino reuniu ao seu redor um número de seguidores, inclusive Sílvio Romero. A Escola do Recife, como ficou conhecida, deu-se no sentido da crítica e da análise social.

¹⁸⁸ CAPAZ, Camil. *Raul Pompéia: Biografia*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2001, p. 64-65.

¹⁸⁹ BARRETO, Plínio. *Livros Novos: A vida inquieta de Raul Pompéia*. In: O Estado de São Paulo, 1936, trecho 01.

Raul Pompéia, concentrado em vencer os dois anos de curso restantes em apenas um e ainda acompanhar as leituras divulgadas pelo grupo citado¹⁹⁰, pouco produziu durante sua estadia no Recife. Neste momento sofre influência do impressionismo dos irmãos Goncourt, atentando-se mais para o mundo exterior. Aflora o sensacionalismo que o acompanhou desde seus primeiros contos. Segundo Camil Capaz:

[...] dali por diante, os seus textos já não seriam mais os mesmos: um novo ritmo, vibrante, cheio de alternativas, de uma cadência peculiar, percorreria suas frases com nuances imprevisas de luz, de som e de cores, para as quais não lhe bastavam as variadas cores do espectro.¹⁹¹

Segundo Eloy Pontes, os primeiros esboços de seu romance *O Ateneu* começaram a ser feitos neste período, conforme apontamentos no caderno de notas íntimas de Pompéia. Menciona-se que pouco produziu entre 1886 e 1887: onze textos aproximadamente, entre contos, crônicas e poemas em prosa. Desocupando-se de suas seções na *Gazeta da Tarde* e de seu cargo no *Jornal do Comércio*, o autor alimentou seu tempo ocioso para amadurecer o projeto de um romance de memórias, cujo cenário, o Rio de Janeiro, seria o pano de fundo para a crítica ao sistema de ensino brasileiro. Nascia assim um marco da literatura brasileira: *O Ateneu*.¹⁹²

No romance o autor evoca o personagem Sérgio, menino de 11 anos, (que seria a própria representação de Raul Pompéia), e narra dois anos de sua vida no interior de um internato para meninos, localizado no Rio de Janeiro Imperial, dirigido pelo médico e educador Abílio César Borges, o barão de Macaúbas.

No estudo o *Arquivamento da vida escolar: um estudo sobre O Ateneu*, José Gonçalves Gondra resgata aspectos do romance enquadrados segundo a óptica da representação das memórias do intelectual, na tentativa de reescrever um período da sua história:

O adulto Pompéia, em seu texto-documento, acaba revelando aspectos freqüentemente silenciados na historiografia da educação que aborda o período da monarquia, tais como as estratégias de controle moral, físico e das relações pessoais estabelecidas no cotidiano escolar de um internato para meninos. Com isso, colabora para construir uma visão negativada da escola do final do século XIX no Brasil.¹⁹³

¹⁹⁰ Uma postura diversa da aqui apresentada é defendida por Brito Broca em “Raul Pompéia”, que nega qualquer aproximações entre Pompéia e a “Escola do Recife” a partir do que considera um caráter politicamente reacionário das idéias por ela difundidas: alheios à questão abolicionista.

¹⁹¹ CAPAZ, Camil. *Raul Pompéia: Biografia*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2001, p.70.

¹⁹² POMPÉIA, Raul. *O Ateneu*. Coleção O Estado de São Paulo: Klick editora, 1997.

¹⁹³ GONDRA, José Gonçalves. Abílio César Borges. In: FAVERO, M. L. A.; BRITTO, J.M. (org). *Dicionário de Educadores do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/MEC-Inep, 1999, p.34.

Percebe-se a imagem negativa de escola passada por Raul Pompéia ao narrar o dia a dia no colégio, suas amizades e inimizades, a descrição de situações hostis vivenciada entre o personagem Sérgio, os professores e o diretor. Em sua coluna no Jornal O Estado de São Paulo, Plínio Barreto resgata:

A animosidade de Raul Pompéia contra os professores datou da sua entrada para o primeiro collegio, o velho e famoso Collegio Abílio, no Rio. Mal os viu pela primeira vez, brigou com os professores e começou a detestal-os, cordialmente. O “Atheneu” é, visto de certo ângulo, um pelourinho de professores.¹⁹⁴

Em páginas do próprio romance, na imagem de infância, era comum nas descrições o uso de adjetivos hostis:

Cada rosto amável daquela infância era a máscara de uma falsidade, o prospecto de uma traição. Vestia-se ali de pureza a malícia corruptora, a ambição grosseira, a intriga, a bajulação, a covardia, a inveja, a sensualidade brejeira das caricaturas eróticas, a desconfiança selvagem da incapacidade, a emulação deprimida do despeito, da impotência, o colégio, barbaria de humanidade incipiente, sob o fetichismo do mestre. Confederação de instintos em evidência, paixões, fraquezas, vergonhas, que a sociedade exagera e complica em proporção de escala, respeitando o tipo embrionário, caracterizando a hora presente, tão desagradável para nós, que só vemos azul passado, porque é ilusão e distância.¹⁹⁵

Um romance com características autobiográficas expõe-se na riqueza de detalhes apresentados ao leitor, onde o resgate da vida escolar é construído em forma de arquivamento e produção de memórias individuais do escritor, onde:

[...] destaca-se o que podemos chamar de uma intenção autobiográfica pois, aí, poderia ser evidenciado um movimento do indivíduo para preservar aquilo que julga mais relevante em sua trajetória e, desta forma, selecionar aquilo por intermédio do qual gostaria de ser (re) conhecido.¹⁹⁶

Desta forma, analisa-se as impressões do autor sob seu período escolar de estudos secundários vivido no Colégio Abílio da Corte, chamado na ficção sob o nome de O Ateneu. Raul Pompéia fazia parte da camada abastada da sociedade carioca, que juntamente com ele compunham a “fina flor da mocidade brasileira”¹⁹⁷, segundo suas próprias palavras. Pode-se confirmar essa informação em mais um trecho da descrição publicada em 1896, no volume I da “*Opinião da Imprensa*”, sobre os alunos que freqüentavam o colégio Abílio:

Os alunos, aproximadamente de 07 a 15ª anos de idade, elevam-se a 150 e pertencem, pela maior parte, às melhores famílias do Rio de Janeiro. E sendo tal massa a ser envolvida nos tipos mais saudáveis, mais

¹⁹⁴ BARRETO, Plínio. *Livros Novos: A vida inquieta de Raul Pompéia*. In: O Estado de São Paulo, 1936, trecho 02.

¹⁹⁵ POMPÉIA, Raul. *O Ateneu*. Coleção O Estado de São Paulo: Klick editora, 1997, p.98.

¹⁹⁶ GONDRA, José Gonçalves. Abílio César Borges. In: FAVERO, M. L. A.; BRITTO, J.M. (org). *Dicionário de Educadores do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/MEC-Inep, 1999, p.34.

¹⁹⁷ *Ibid*, p.13.

felizes e mais elevados possíveis na natureza humana no círculo da cidade tropical da palmeira real [...]¹⁹⁸

Os colégios, tanto o da “ficção” (como veremos na segunda parte do capítulo), quanto o da “realidade”, atendiam as normas previstas pelo Estado, quanto à sua organização moral, intelectual e higiênica. Diane Valdez, em estudo sobre os Colégios dirigidos por Abílio César Borges, salienta a aprovação do Colégio Abílio pela Inspeção Geral de Higiene Pública de 1887:

O Colégio foi descrito com precisão no *Parecer dos Delegados da Inspectoria Geral de Hygiene sobre o Collegio Abílio da Corte (1887)*, que o definiu, primeiramente, de forma incontestável, como o primeiro de seu gênero e o “único” que satisfazia dentre todos os estabelecimentos visitados na *Freguesia da Lagoa* as exigências da higiene escolar moderna. A imensa chácara, dividida em dois pavimentos, localizava-se no centro da Corte (Bota Fogo), porém longe do barulho e rumor.¹⁹⁹

Esse fator indica a total adequação e credibilidade que os colégios de “Abílio” passavam à sociedade carioca. A comprovação de um perfil educacional de acordo com todas as regras faz-se uma exceção se comparado ao exibido nas demais instituições do Império. “Raul Pompéia colabora para reforçar uma interpretação recorrente na historiografia da educação brasileira que identifica, e produz uma espécie de “vazio” no que se refere ao processo de escolarização deste período.”²⁰⁰

Eloy Pontes, um dos biógrafos de Raul Pompéia, em 1935 dedica um capítulo da biografia do escritor, “A Vida Inquieta de Raul Pompéia”, para o estudo e análise de *O Ateneu*. Afirma ter sido a recepção da obra um sucesso frente ao público: “O aparecimento do *Ateneu* foi um grito na multidão. Os espectadores voltaram-se, a crítica apresentou armas, o naturalismo grosseiro sorriu... O romance era novidade”²⁰¹. Analisando o romance, o biógrafo retomou conceitos e apontou na personalidade subjetivista de Pompéia o fundamento da obra, que assume, por sua vez, um caráter de “quase autobiografia” ao materializar as impressões e sentimentos do escritor no drama psicológico do personagem Sérgio.²⁰²

¹⁹⁸ GONDRA, José Gonçalves. Abílio César Borges. In: FAVERO, M. L. A.; BRITTO, J.M. (org). *Dicionário de Educadores do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/MEC-Inep, 1999, p.35.

¹⁹⁹ VALDEZ, Diane. *Mens Sana in Corpore Sano: Os colégios do Dr. Abílio César Borges, o barão de Macahúbas (1858-1891)*. In: Revista eletrônica HISTEBR – FE – UNICAMP, p.10.

²⁰⁰ GONDRA, José Gonçalves. *Arquivamento da vida escolar: um estudo sobre O ATHENEU*. In: VIDAL, Diana Gonçalves, SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano de Souza. (org) *A memória e a sombra: A escola brasileira entre o Império e a República*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p.34

²⁰¹ PONTES, Eloi. *A vida inquieta de Raul Pompéia*. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio, 1935.p.191.

²⁰² Ibid, p. 192.

Antonio Candido e José Aderaldo Castello em um breve levantamento dos elementos mais relevantes do romance em “*Presença da literatura brasileira*”²⁰³ destacam o caráter memorialístico; a íntima relação entre personagem e autor; o enredo fluido, sem tessitura dramática; e o papel predominantemente subjetivo do ângulo de visão de Sérgio-Pompéia pelo qual a história é narrada, sobrepondo ao tempo objetivo a duração interior.

Como aspectos fundamentais da obra, os críticos citam o intelectualismo e o psicologismo resultantes da aproximação autor-personagem e a plasticidade da linguagem, que chegam a atingir aspectos próprios de caricaturas.

O biógrafo posterior a Eloy Pontes, Camil Capaz, em 2001 relata um estudo sobre o romance no sexto capítulo de sua biografia do autor. Inicialmente, o biógrafo aceita uma possível intenção original de Pompéia em fazer um “relato fiel dos seus tempos de internato”, mas logo contrapõe que, “à medida que o trabalho ia avançando, o imaginário do romancista foi-se sobrepondo às suas lembranças, com os dados ficcionais prevalecendo sobre as referências bibliográficas”²⁰⁴.

Salientam-se as referidas referências literárias com o objetivo de dimensionar o romance segundo afirmações que alimentam o aspecto psicológico de um verdadeiro resgate de memórias, para que, desta forma, o tratamento dado à fonte, como uma possível representação da realidade, se expresse cada vez mais fiel.

Plínio Barreto expõe suas impressões sobre o caráter literário da obra, desta forma:

O seu conceito do romance reflectia bem a pureza do seu espírito e dos seus costumes: O romance são palavras suas, não deve ser uma série desordenada de scenas chocantes. Não deve haver da parte do escriptor a menor intenção prévia de armar ao efeito, maltratando brutalmente a sensibilidade do leitor. Deve ser o desenho minucioso, tanto mais bem acabado quanto maior for a pericia do artista, dos diversos caracteres humanos, variadíssimo enredo das circunstancias da vida... As armadilhas literárias.²⁰⁵

E mais adiante indica a leitura da obra ao público leitor do O Estado de São Paulo de 1936:

Se querem ver a figura inteira e a galeria completa de personagens curiosas onde Ella se encontra, leiam o livro. Leiam-no que ficarão conhecendo bem, não só o soberbo escriptor que foi Raul Pompéia, como uma infinidade de homens ilustres, que se cruzaram com elle na existência, e alguns episódios da nossa historia literária e política que já caminhavam para o esquecimento.²⁰⁶

²⁰³ CANDIDO, Antonio; CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da literatura brasileira*. 7 ed. São Paulo: Difel, 1978. v.2.

²⁰⁴ CAPAZ, Camil. *Raul Pompéia: Biografia*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2001, p. 105-106.

²⁰⁵ BARRETO, Plínio. *Livros Novos: A vida inquieta de Raul Pompéia*. In: O Estado de São Paulo, 1936, trecho 03.

²⁰⁶ Ibid, trecho 04.

Em 1888, a divulgação do romance de memórias *O Ateneu* acompanhou-se da promulgação da Lei Áurea pela princesa Isabel em 13 de maio, iniciando um período sereno na vida do autor. A partir de junho do mesmo ano, Raul retomou suas contribuições diárias na imprensa e passou a escrever sobre os mais diversos assuntos, desde notícias cotidianas a resenhas literárias.

Ao abolicionismo vitorioso para o qual tão profundamente Raul Pompéia se entregara, seguiu-se o acaso das instituições monárquicas em 1889. “Os que na véspera pareciam contentar-se com a abolição, pediam, no dia seguinte, a República. Perdera o trono o apoio da grande propriedade, por ele desamparada”²⁰⁷. Antevendo neste impasse o fim iminente da monarquia, Raul assumiu em abril o cargo de redator no jornal republicano *A Rua*, ao lado de Olavo Bilac e Pardal Mallet.

A República foi proclamada em 1889, o que para Raul Pompéia fora a concretização de um ideal almejado desde os tempos de colégio. Contudo o autor foi se tornando gradualmente obcecado pelo imperativo do equilíbrio político, dedicando-se cada vez menos à literatura e mais à manutenção do regime republicano no Brasil

Consumido pela idéia da manutenção da ordem nacional ainda após o final do mandato de Floriano Peixoto. Com a morte do marechal, em 1895, em seus pêsames, à frente do então presidente eleito da República Prudente de Moraes, preparou um discurso de exaltação florianista. Vendo-se traído pela opinião pública, entrou numa fase de depressão.

Luís Murat escreve o artigo intitulado Um Louco no Cemitério, publicado no jornal Comércio de São Paulo em 1895, que zombava ferinamente de seu discurso. Tomando conhecimento do acontecido somente dois meses depois de sua publicação, Raul Pompéia vê-se incapaz de defender sua honra. Em 25 de dezembro de 1895 comete o suicídio.

Os intelectuais lastimam sua morte. O pesquisador Rubens Correa, em estudo sobre o Ateneu, *Literatura e Identidade Nacional*, menciona a homenagem de Machado de Assis, quatro dias após o suicídio, na crônica “A Semana” na Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro:

[...] Raul Pompéia, deixou a vida inesperadamente, aos trinta e dois anos de idade. Sobravam-lhe talentos, não lhe faltavam aplausos nem justifica aos seus notáveis méritos. Estava na idade em que se pode e se trabalha muito. A política, é certo, veio a caminho para lhe dar aquele rijo abraço que faz do descuidado transeunte ou do adventício namorado um amante perpétuo. A figura é manca; não diz esta outra parte da verdade – que Raul Pompéia não seguiu a política por sedução de um

²⁰⁷ CALMON, Pedro. *História do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, v.05, 1961, p.181.

partido, mas por força de uma situação. Como a situação ia com o sentimento e o temperamento do homem, achou-se ele partidário exaltado e sincero, com as ilusões todas – das quais se deve perder metade para fazer a viagem mais leve, - com as ilusões e os nervos.²⁰⁸

Após um breve relato da vida, obra, aspirações literárias e políticas do intelectual e sua principal obra, faz-se pertinente, neste momento, a necessidade de pontuar as considerações em que se esbarram no trabalho da literatura como fonte.

Ainda no estudo o *Arquivamento da vida escolar: um estudo sobre o Atheneu*, José Gonçalves Gondra pontua o limites de se trabalhar a literatura como fonte de pesquisa. Para o autor, o pesquisador pontua pontes limítrofes, cujas adequações se esbarram em como o narrador evoca suas experiências passadas, e, como ele representa aquilo que consegue evocar.

A pesquisa em História utilizando representações da realidade, através da literatura, é discutida desde o século XVIII, quando primeiramente passou-se a discutir este tipo de fonte como base de reconstrução do passado. Já no Brasil do século XIX, a literatura brotou primeiramente em folhetins, ganhando espaço entre as mocinhas leitoras do Império.

No início do século XX a historiografia francesa abrange um novo sentido, com a *Escola dos Annales*²⁰⁹. Cria-se uma nova vertente de estudos chamada História das Mentalidades em que a literatura passa a participar ativamente como parte do corpo documental consultado pelos historiadores. Como exemplo, podemos citar Philippe Áries em seu estudo sobre as famílias e escolas durante o Antigo Regime, onde resgata a inexistência de um sentimento de infância durante a Idade Média em que “os estudos nessa área muito contribuíram para estabelecer uma ponte entre a história das mentalidades baseada em fontes literárias (por exemplo, o *Rabelais* de Le Febvre), e a história social, que negligenciava o estudo de valores e atitudes”.²¹⁰

A partir daí, o pesquisador preocupa-se não simplesmente com a recomposição do passado e sim com o pensamento dos homens que haviam vivido no passado, ou seja, o discurso proferido por estes homens também passa a ser aceito como fonte de pesquisa para a reconstrução do passado.

Devido à restrição de fontes para a análise do passado baseada na história do cotidiano do homem comum, surge a “micro história”, tendência historiográfica cujos objetivos restritos correspondem ao uso da literatura como fonte documental fidedigna,

²⁰⁸ CORREA, Rubens Arantes. *Literatura e Identidade Nacional: Raul Pompéia e os percalços do nacionalismo brasileiro*. São Carlos: UFSCar, 2001. 181p. Mestrado (Sociologia Política).

²⁰⁹ BURKE, Peter. *A escola dos Annales: 1929-1989*. São Paulo: UNESP, 1997.

²¹⁰ Ibid, p.83.

devido a riqueza de detalhes contida em seus textos. Passa-se a também estudar “o mundo através de um grão de areia, ou, [...], o oceano através de uma gota d’água.”²¹¹

Podemos avaliar que Raul Pompéia constrói todo um universo fictício. Essa construção, contudo, baseou-se em fatos concretos. O que não invalida sua importância como fonte, uma vez que representa a interpretação do autor acerca de uma época. Ao historiador, diante da literatura como fonte, cabe o reordenamento da leitura do mundo feita pelo autor, a seleção dos fatos de interesse histórico e a separação da narrativa poética.²¹²

Segundo a análise dos pesquisadores Anelise Carvalho e Marcelo Florio em páginas do estudo sobre a importância da literatura como documento histórico:

[...] é necessário ter presente que em cada obra existe um autor que tem um determinado projeto e filosofia de vida, e que traduza a realidade a seu modo, ou seja, de maneira singular. Este autor deixa fluir intermitentemente imaginação, medo, desejos, angústias, aspirações, paixões, emoções, e dá voz a diferentes sujeitos sociais.²¹³

Para Antonio Candido, qualquer que seja o gênero textual, a estrutura narrativa repousa:

[...]sobre a organização formal de certas representações mentais, condicionadas pela sociedade em que a obra foi escrita”, espelhando um nível da realidade e um nível de elaboração da realidade, [...] e também a diferença de perspectiva dos contemporâneos da obra, inclusive o próprio autor, e da posteridade que ela suscita, determinando variações históricas de função numa estrutura que permanece esteticamente invariável.²¹⁴

Conclui-se que se faz possível a construção de um saber científico mesclado à literatura. Para que a narrativa histórica possa contribuir para o entendimento da conjuntura do presente, a construção do saber científico, não só é possível como é necessária. A cientificidade da história é tão valiosa como em qualquer outra área do saber humano, não podendo ser dispensada de modo algum. Em consequência, a mescla do rigor do método científico com teor literário da narrativa, também não pode se deixada de lado.

Entretanto, não se trata de simplificar a análise histórica, mas sim de complexificá-la, enriquecer seu rigor metodológico através da aceitação de seu papel literário e, simultaneamente, do valor da literatura como fonte complementar.²¹⁵

²¹¹ Ibid, p.98.

²¹² RAMOS, Fábio Pestana. *História e Literatura: ficção e veracidade*. Domínios de Linguagem II, 2003, p.03-04.

²¹³ CARVALHO, Anelise Maria Muller de & FLORIO, Marcelo. *A literatura como documento histórico*. In: revista D’art. nº 02. São Paulo: Prefeitura de São Paulo/Secretaria Municipal de Cultura, 1998, p.40-44.

²¹⁴ MELLO E SOUZA, Antonio Candido. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Publifolha, 2000, p.98.

²¹⁵ RAMOS, Fábio Pestana. *História e Literatura: ficção e veracidade*. Domínios de Linguagem II, 2003. p.10.

Deste modo, verifica-se que o *Ateneu*, clássico da literatura brasileira, se legitima como fonte de pesquisa dentro da história da educação, uma vez que remete às próprias memórias do autor, através da análise crítica da sociedade e da educação secundária de final do Império, corroborando com a proposta de discussão que observada na continuação deste capítulo. Veremos a seguir quais os aspectos do higienismo foram retratados por Raul Pompéia na educação de *O Ateneu*.

3.2- ASPECTOS DO HIGIENISMO NO AMBIENTE ESCOLAR DA FICÇÃO: O ATENEU

O início do romance nos apresenta o rompimento dos laços com a família e o ingresso ao internato do personagem Sérgio. O ambiente de apresentação de suas memórias premedita o aspecto rigoroso do novo ambiente, deixa-se a afetividade e zelo familiar e inicia-se uma nova fase para sua mocidade:

Vais encontrar o mundo, disse-me meu pai, à porta do Ateneu. Coragem para a luta.”
Bastante experimentei depois a verdade deste aviso, que me despia, num gesto, das ilusões de criança educada exoticamente na estufa de carinho que é o regime do amor doméstico, diferente, do que se encontra fora, tão diferente, que parece o poema dos cuidados maternos em artifício sentimental, com a vantagem única de fazer mais sensível a criatura à impressão rude do primeiro ensinamento, têmpera brusca da vitalidade da influência de um novo clima rigoroso.²¹⁶

Segundo a perspectiva da análise discursiva higiênica, no ingresso ao ambiente escolar é reconhecido o comprometimento com o ordenamento e, recolhimento da mocidade, a partir daquele momento, distante de toda influência exterior. Na obra *Danação da Norma*, em sua análise sobre a influência higiênica dos colégios, Roberto Machado observa:

Mas sem dúvida, o objeto privilegiado da atenção médica é o jovem estudante. Chegando à porta da escola, ele passa a ser domínio médico, igualando-se a todos os outros. Sua sujeição a uma instância de decisão dotada de ciência é condição essencial para que a função conhecedora e transformadora da medicina se exerça: representa o despojamento de qualquer relação com o externo, de qualquer poder que o estudante poderia, por sua riqueza e família, ter.²¹⁷

E a visão do aluno Sérgio, diante do novo ambiente:

[...] distanciava-me da comunhão da família, como um homem! Ia por minha conta empenhar a luta dos merecimentos; e a confiança nas próprias forças sobrava. Quando me disseram que estava a escolha feita da casa de educação que me devia receber, a notícia veio achar-me em armas para a conquista audaciosa do desconhecido.²¹⁸

O rompimento do vínculo familiar remete-nos diretamente à figura materna. Logo de início, o projeto higiênico fez da mulher, a aliança preciosa motivadora e receptora dos ideais higiênicos para a sociedade. Antenor Guimarães, ao relacionar a aliança da figura da mãe com a medicina menciona que “felizmente está a ciência de acordo com o amor

²¹⁶ POMPÉIA, Raul. *O Ateneu*. Coleção O Estado de São Paulo: Klick Editora, 1997, p.11.

²¹⁷ MACHADO, Roberto. *Danação da norma: medicina social e construção da psiquiatria no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1978, p.301.

²¹⁸ POMPÉIA, Raul. *O Ateneu*. Coleção O Estado de São Paulo: Klick Editora, 1997, p.12.

materno; tem ambos a missão de conservar os meninos débeis, e de os igualar, se possível, aos fortes.”²¹⁹

Trata-se de uma Instituição de ensino secundário, vista com bons olhos pela sociedade da Corte da época. Seu público era considerado a “fina flor da mocidade brasileira”,²²⁰ segundo palavras do próprio autor, Raul Pompéia.

Ateneu era o grande colégio da época. Afamado por um sistema de nutrido reclame, mantido por um diretor que de tempos em tempos reformava o estabelecimento, pintando-o jeitosamente de novidade, como os negociantes que liquidam para recomeçar coma artigos de última remessa; O Ateneu desde muito tinha consolidado crédito na preferência dos pais, sem levar em conta a simpatia da meninada, a cercar de aclamações o bombo vistoso dos anúncios.²²¹

Sobre as condições para a matrícula e a idade ideal para iniciarem seus estudos em colégios, Dr. Andrada Júnior prescreveu:

Antes de sujeitarmos o menino aos regulamentos e às privações de um collegio, convêm, cedermos à natureza o tempo necessario para nelle fazer desabrochar as primeiras flores da intelligencia, que o tornem apto a comprehender as matérias que lhe forem leccionadas, para donta-lo com a origanisação capaz de resistir à influencia de condições tão diversas daquellas com quem até então se havia medido.

[...] já pelo que acabamos de dizer se póde concluir que a idade própria ao desenvolvimento de cada uma de nossas faculdades não é a mesma em todos os indivíduos, há organizações precoces [...]; a outros acontecem o contrario: não admira pois que meninos de 07 a 07 annos se achem em melhores condições de intellectualidade, mesmo no estado de saúde, que outros de 08 a 10 e vice-versa.²²²

Sérgio, acompanhado por seu pai durante a visita ao diretor Aristarco para tratamento de sua matrícula, foi apresentado à D. Ema, sua esposa. Neste trecho, verificamos o enfoque da idade do personagem ao adentrar o Ateneu:

Houve apresentações de cerimônia, e a senhora como um nadinha de excessivo desembaraço sentou-se no divã perto de mim.

- Quantos anos tem? perguntou-me.
- Onze anos...
- Parece ter seis, com estes lindos cabelos.
- Eu não era tão desenvolvido. A senhora colhia-me o cabelo nos dedos.²²³

²¹⁹ GUIMARÃES, Antenor Augusto Ribeiro. *Esboço de uma hygiene dos collegios applicável aos nossos; regras principaes tendentes à conservação da saúde e ao desenvolvimento das forças physicas e intellectuaes, segundo as quaes se devem regular os nossos collegios*. Rio de Janeiro: Typografia Imparcial de J. M. Nunes Garcia, 1858, p. 07.

²²⁰ POMPÉIA, Raul. *O Ateneu*. Coleção O Estado de São Paulo: Klick Editora, 1997, p.13.

²²¹ Ibid, p.13.

²²² ANDRADA JR, José Bonifácio Caldeira. *Esboço de uma hygiene dos collegios applicável aos nossos; regras principaes tendentes à conservação da saúde e ao desenvolvimento das forças physicas e intellectuaes, segundo as quaes se devem regular os nossos collegios*. Rio de Janeiro: typografia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve, 1855, p. 09-11.

²²³ POMPÉIA, Raul. *O Ateneu*. Coleção O Estado de São Paulo: Klick editora, 1997, p. 21.

A função designada ao diretor na predisposição para a matrícula era indicada como exemplar:

Convem que os directores se compenetrem muito e muito na ligação íntima e necessária que existe entre o moral e as faculdades *physicas* e *intellectuaes*, [...] não contentes com o destruir os trabalhos da natureza para o aperfeiçoamento de uma organização que desabrocha, cortão logo ao nascer os primeiros vôos de uma intelligencia que apenas se revela, e aniquilão as mais bellas esperanças de um futuro proveitoso à pátria e à família.²²⁴

No momento da matrícula, notamos que a ruptura com o convívio familiar brotava em Sérgio a ansiedade e expectativas para adentrar ao novo ambiente:

É fácil conceber a atração que me chamava para aquele mundo tão altamente interessante, no conceito das minhas impressões. Avaliem o prazer que tive, quando me disse meu pai que ia ser apresentado ao diretor do Ateneu e à matrícula. O movimento não era mais a vaidade, antes do legítimo instinto da responsabilidade ativa; era uma conseqüência apaixonada da sedução do espetáculo, o arroubo de solidariedade que me parecia prender à comunhão fraternal da escola.²²⁵

A índole e sabedoria daquele que irá guiar a mocidade nos colégios teria que ser indiscutível. De acordo com a tese médica do Dr. Andrada Júnior, competia ao diretor:

A educação nos collegios não será limitada à cultura da intelligencia, e o seu director deverá dipôr de um fundo de erudição sufficiente, não só para poder incutir com facilidade nos tenros corações dos seus discipulos o amor do bello e do justo, como também para saber conservar-lhes a integridade funcional, sem o que a custo supporta o homem o pesado fardo da vida; a influencia que sobre o moral e a intelligencia exercem as condições *physilógicas* do nosso corpo, é razão bastante para que assim nos pronunciemos; [...] ²²⁶

O perfil do diretor Aristarco atendia às expectativas das prescrições médicas, uma vez que a figura que supostamente apontamos como historicamente inspiradora, O barão de Macaúbas, também havia se formado em Medicina. Ele contou com o embasamento médico atrelado aos seus conhecimentos pedagógicos para construir um perfil, uma espécie de símbolo moral:

Dr. Aristarco Argolo de Ramos, da conhecida família do Visconde de Ramos, do Norte, enchia o Império com seu renome de pedagogo. [...]

²²⁴ ANDRADA JR, José Bonifácio Caldeira. *Esboço de uma hygiene dos collegios applicável aos nossos; regras principaes tendentes à conservação da saúde e ao desenvolvimento das forças *physicas* e *intellectuaes*, segundo as quaes se devem regular os nossos collegios*. Rio de Janeiro: typografia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve, 1855, p.10.

²²⁵ POMPÉIA, Raul. *O Ateneu*. Coleção O Estado de São Paulo: Klick editora, 1997, p.18.

²²⁶ ANDRADA JR, José Bonifácio Caldeira. *Esboço de uma hygiene dos collegios applicável aos nossos; regras principaes tendentes à conservação da saúde e ao desenvolvimento das forças *physicas* e *intellectuaes*, segundo as quaes se devem regular os nossos collegios*. Rio de Janeiro: typografia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve, 1855, p.12.

[...] Não se admira que em dias de gala ou íntima ou nacional, festas do colégio ou recepção da coroa, o largo peito do grande educador desaparecesse sobre constelações de pedraria, opulentando a nobreza de todos os honoríficos berloques. [...]

[...] Os gestos calmos, soberanos, eram de um rei – o autocrata excelso dos silabários; a pausa hierática do andar deixava sentir o esforço, a cada passo, que ele fazia para levar adiante, de empurrão, o progresso do ensino público; o olhar fulgurante, sob a crispação áspera dos supercílios de mostro japonês, penetrando de luz as almas circunstantes – era a educação da inteligência; o queixo severamente escanhado, de orelha a orelha, lembrava a lisura das consciências limpas – era a educação moral.²²⁷

E sob a óptica das impressões de Sérgio:

Conheci-o solene na primeira festa, jovial na segunda; conhecia-o mais tarde em mil situações, de mil modos; mas o retrato que me ficou para sempre do meu grande diretor, foi aquele – o belo bigode branco, o queixo barbeado, o olhar perdido nas trevas, fotografias estáticas, na ventura de um raio elétrico.²²⁸

[...] era a educação da inteligência; o queixo, severamente escanhado, de orelha a orelha, lembrava a lisura das consciências limpas – era a educação moral. [...] – teremos esboçado, moralmente, materialmente o perfil do ilustre diretor.²²⁹

Durante a chamada segunda infância, período que segundo a medicina dava-se após os sete anos de idade, trazia como conseqüências modificações para o corpo: maxilares, crânio, músculos, ossos. Dr. Antenor Guimarães analisa o período em que a maioria dos alunos adentravam às instituições de ensino secundário, para felicidade ou infortúnio dos egressos:

É que se abre uma nova era de existência, que se denomina a idade da razão. Esta segunda infância é um período de actividade circulatória e muscular durante a que a constituição concentra suas forças para resistir ao choque da puberdade. É de sete à quatorze annos que ambos os sexos mais necessitam de cuidados; é nesta ocasião que a sua boa ou má educação lhes prepara muitos annos de felicidade ou infortúnio.²³⁰

Um mundo destinado ao estudo. Nas instituições secundárias integrais o tempo era dividido em horas de estudo, exercícios físicos, alimentação e descanso. Devia-se brotar o gosto para as aptidões:

É em conseqüência de um systema absurdo de apresentar o estudo sob uma fôrma árida e secca que nasceo a crença de que a mocidade é naturalmente preguiçosa e que só pode ser guiada por meio de severos castigos ou fortes estímulos.

²²⁷ POMPÉIA, Raul. *O Ateneu*. Coleção O Estado de São Paulo: Klick editora, 1997, p.13.

²²⁸ Ibid, p.13.

²²⁹ Ibid, p.12.

²³⁰ GUIMARÃES, Antenor Augusto Ribeiro. *Esboço de uma hygiene dos collegios applicável aos nossos; regras principaes tendentes à conservação da saúde e ao desenvolvimento das forças phisicas e intellectuaes, segundo as quaes se devem regular os nossos collegios*. Rio de Janeiro: Typografia Imparcial de J. M. Nunes Garcia, 1858, p.39.

O gosto pelo estudo deve resultar sobre tudo do interesse que inspira ao objeto e do sentimento de utilidade que pôde tirar para si e para seus semelhantes e finalmente da maneira racional que preside a elle.

Os meios de apresentar aos alumnos os objetos de instrução são intimamente ligados com os que devem ser empregados para desenvolver o seu desejo natural de conhecer. D'este modo dever-se-há nas classes seguir o mesmo princípio que tem por fim especial fazer nascer o gosto e as aptidões.²³¹

A princípio, nesta fase, inicia-se a busca pelo conhecimento. Encontramos na tese do Dr. Antenor Guimarães, a nítida preocupação com a instrução, devia-se chegar a um conhecimento progressivo:

A instrução deve ser progressiva: isto é, deve acompanhar as forças dos discípulos. Deve-se marchar do conhecido para o desconhecido. Não se deve ser muito apressado nesta marcha, para não cançar ou fazer a defeituosa. Deve-se estar bem senhor de um degrau antes de galgar o superior. As analogias facilitarão muito as passagens de uma noção para a outra; a ideia de um objecto facilitará a compreensão de outro. Tudo se acha com effeito mais ou menos ligado na natureza; todos os objectos e todos os phenomenos do universo formão uma vasta cadeia cujo primeiro anel communica com o ultimo por meio dos intermediários.²³²

Durante o discurso da solenidade de abertura das aulas, professor Venâncio, enaltece a figura do professor e do estadista como símbolo moral da mocidade e coloca o colégio como complemento dos valores do ambiente doméstico.

[...] O mestre, perorou Venâncio, é o prolongamento do amor paterno, é o complemento da ternura das mães, o guia zeloso dos primeiros passos, na senda escabrosa que vai às conquistas do saber e da moralidade. [...] A família é o amor no lar, o estado é a segurança civil; o mestre, como o amor forte que ensina e corrige, prepara-nos para a segurança íntima inapreciável da vontade.²³³

Verificamos a apresentação do discurso médico para a higiene dos colégios demonstrado através das aproximações encontradas com o discurso literário. Em 1855, Dr. Andrada Jr. Apresenta-nos o porquê da necessidade de uma boa higiene nos colégios:

O menino que acaba de trocar pela austera disciplina de uma casa de educação aos descuidosos jogos da infância, vê-se, por assim dizer, arrojado a um mundo inteiramente estranho; tudo para elle é novo, novos ares, novos alimentos; outras vão ser as suas ocupações, e os adejos do mesmo pensamento têm de versar sobre ideias bem differentes daquellas com que até então se havia embalado.

[..]A facilidade com que os meninos contraem certas molestias contagiosas, como a bexiga, o sarampão, a escarlatina, etc., facilidade esta devida à maior energia das suas absorções, é mais uma razão para que as prescrições da hygiene lhes sejam diretamente applicadas.²³⁴

²³¹ Ibid, p.61.

²³² Ibid, p.62.

²³³ POMPEIA, Raul. *O Ateneu*. Coleção O Estado de São Paulo: Klick editora, 1997, p. 14-15.

²³⁴ ANDRADA JR, José Bonifácio Caldeira. *Esboço de uma hygiene dos collegios applicável aos nossos; regras principaes tendentes à conservação da saúde e ao desenvolvimento das forças physicas e intellectuaes*,

No discurso das teses da Academia Francesa de Medicina, um dos modelos de classificação higiênica seguido foi o do médico Becquerel, em *Traité elementare d'hygiene*, escrito em 1854. Becquerel divide em seis as preocupações principais das regras de higiene a serem seguidas nos colégios. Essa mesma classificação foi seguida pelos médicos brasileiros nas análises em suas teses. Em páginas da tese do Dr. Andrada Júnior, de 1855, ao iniciar o capítulo “*da hygiene dos collegios propriamente dita*”, encontramos:

Nessa segunda parte da nossa pequena dissertação compreenderemos o resumo das *regras tendentes à conservação e ao desenvolvimento das faculdades physicas, intellectuaes e affetivas* nas circunstâncias de que falla o nosso ponto. Para maior facilidade de exposição, adoptaremos a classificação seguida por Becquerel nos seus tratados de hygiene, como a mais simples e preciosa, afastando-nos sómente naquillo que for incompatível com a especialidade de que tratamos. Assim, teremos successivamente a tratar: 1º, dos modificadores comprehendidos sob a denominação de *Circumfusa*; 2º, dos *Applicata*; 3º, dos *Ingesta*; 4º, dos *Gesta*; 5º, dos *Excrecta*; 6º, dos *Percepta*.²³⁵

Percebe-se a notória preocupação com as forças “*physicas, intellectuaes e affetivas*”²³⁶ dos conteúdos e das regras a serem aplicadas nos colégios. As seis classificações mencionadas por Becquerel foram seguidas à risca pela Academia Médica brasileira e adaptadas segundo às necessidades do cenário natural e cultural da Corte.

Apresenta-se por *Circumfusa* o conjunto de agentes físicos externos tais como a atmosfera, o clima e as habitações. Devemos incluir este conceito ao conjunto de significados que o ambiente externo escolar pode nos proporcionar. Desta forma, a classificação *Circumfusa* diz respeito a todo ambiente que rodeia o espaço dos colégios desde o espaço ideal para sua construção à estrutura e conservação do seu ambiente interno.

Segundo argumentos médicos, a estrutura do núcleo urbano da corte não satisfazia as indicações ideais para abrigar um ambiente de ensino e as condições do ambiente da corte, muitas vezes insalubre, corroboram com esta prescrição. A influência geográfica e climática era perniciososa e desaconselhável às instituições que iriam cuidar dos “frutos e do futuro da nação.”²³⁷ Desta forma, prescreve Dr. Andrada Júnior:

Infelizmente contamos com um grande numero de collegios no coração mesmo da nossa cidade, em ruas acanhadas e tortuosas, pela maior parte pouco assejadas, o que, à vista das nossas condições hygrometricas e de temperatura, e da pouca

segundo as quaes se devem regular os nossos collegios. Rio de Janeiro: typografia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve, 1855, p.08.

²³⁵ Ibid, p.15.

²³⁶ Optamos a nos referir à moral, como sinônimo das preocupações que aferiam à *afetividade* conforme consta na citação.

²³⁷ GONDRA, José G. *Artes de civilizar: medicina, higiene e educação escolar na Corte Imperial*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004, p.167.

elevação do solo em que repousamos, não pôde deixar de exercer uma influência fatal sobre a saúde dos educandos.

Um terreno refractario à humidade, uma posição regularmente batida dos ventos e dos soes, longe dos mangues, das praias immundas e das excavações dos montes, ruas largas e asseiadadas, uma atmosphaera emfim limpa de exhalações miasmáticas, taes são os dados que devem presidir à escolha da localidade para estabelecimentos desta ordem; nos arrabaldes da nossa cidade, em algumas mesmo das nossas formosas collinas, pôde-se encontrar a maior parte das condições que viemos de apresentar.²³⁸

A atenção dada à localização dos colégios mostra-nos que a educação deveria exercer-se distante do mundo urbano, por isso a educação preconizada era a dos colégios-internatos, onde havia o isolamento não só do mundo urbano, mas principalmente de outras crianças. O contato com diferentes idades, sexos, vícios e cultura desviaria a educação segundo a moral e os bons costumes.

Philippe Ariès, ao elencar o perfil da criança e da família entre os séculos XVIII e XIX, enfatiza que educar requeria certo isolamento do ambiente urbano. Em relação às instituições, o modelo de convento se impôs pouco a pouco; o internato aparece como regime de educação senão o mais freqüente, pelo menos o mais perfeito.²³⁹ O “enclausuramento”, neste momento, fazia-se uma necessidade:

A despeito de muitas reticências e retardamentos, a criança foi separada dos adultos e mantida à distância numa espécie de quarentena, antes de ser solta no mundo. Essa quarentena foi a escola, o colégio. Começou então um longo processo de enclausuramento das crianças (como dos loucos, dos pobres e das prostitutas) que se estenderia até nossos dias, e ao qual se dá o nome de escolarização.²⁴⁰

Da mesma forma, toda a estrutura interior do edifício já instalado nas colinas, longe dos “miasmas da baixada”, passaria por toda série de indicações, a contar com os tamanhos dos cômodos, a iluminação, a ventilação dos dormitórios, a enfermaria, e a cozinha. Nos detalhes que se preconizava a educação higiênica:

O edifício deve ter as proporções necessárias para accomodar, sem constrangimento, um número dado de discípulos, para permitir com facilidade a renovação do ar e alguma insolação para seu interior. As salas de estudo devem ser vastas e arejadas, com repartições para assentos mais livres e folgadas do que geralmente se usa; todas as outras divisões do edifício devem achar-se em relação com o número dos seus habitantes.²⁴¹

²³⁸ ANDRADA JR, José Bonifácio Caldeira. *Esboço de uma hygiene dos collegios applicável aos nossos; regras principaes tendentes à conservação da saúde e ao desenvolvimento das forças physicas e intellectuaes, segundo as quaes se devem regular os nossos collegios*. Rio de Janeiro: Typografia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve, 1855; p.16.

²³⁹ ARIÈS. Philippe. *L'Enfant et la famille*, 1960, p. 308-313.

²⁴⁰ ARIÈS. Philippe. *História social das crianças e da família*. Tradução: Dora Flaksman. 2ª edição. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981, p. 05.

²⁴¹ ANDRADA JR, José Bonifácio Caldeira. *Esboço de uma hygiene dos collegios applicável aos nossos; regras principaes tendentes à conservação da saúde e ao desenvolvimento das forças physicas e intellectuaes, segundo*

Assim seguia-se uma determinada ordem homogênea no interior do ambiente escolar, composta por sujeitos com idades biológicas semelhantes. Historicamente, a ordenação do espaço escolar, se fez:

[...] Pouco a pouco – mas principalmente após 1762 – o espaço escolar se desdobra; a classe torna-se homogênea, ela agora só se compõe de elementos individuais que vêm se colocar uns ao lado dos outros sob os olhares do mestre. A ordenação por fileiras, no século XVIII, começa a definir a grande forma de repartição dos indivíduos na ordem escolar: filas de alunos na sala, nos corredores, nos pátios; colocação atribuída em cada um em relação a cada tarefa e cada prova; colocação que obtém de semana em semana, de mês em mês, de ano em ano; alinhamento das classes de idade umas depois das outras; sucessão de assuntos ensinados, das questões tratadas segundo uma ordem de dificuldade crescente.²⁴²

Dr. Antenor Guimarães enfoca as conseqüências dos ares e sua importância para o estabelecimento do organismo:

Não se pode determinar um ar, uma água ou localidade, que convenha à todos os organismos. Aonde um tira a sua maior força e vigor, um outro póde encontrar a sua consumpção e aniquilamento. Importa muito aos que tem de dirigir a educação da infância algumas noções hygiênicas a respeito das circumstancias exteriores favoráveis ou desfavoráveis à cada constituição.

[...] Á frente dos agentes exteriores, que convem para a manutenção da vida acha-se o ar athmosphérico: elle póde ser útil ou prejudicial segundo a sua composição, sua temperatura e seu estado hygrométrico.

[...] Todo mundo sabe que o ar e as vias respiratórias são as principaes propagadoras das epidemias, febres intermitentes, typhos, dysenterias e uma multidão de moléstias chronicas.

[...] Em um aposento frio e humido há sempre o desagradável cheiro de mofo, a insalubridade se patentea no aspecto dos moveis e paredes e no semblante de seus desgraçados habitantes; sua saúde é alterada pelas funções da pelle e as do pulmão que se executão com um ar carregado de água e de miasmas.

[...] A humidade é causa ainda de outras moléstias como o rheumatismo, ulceras nas extremidades inferiores, etc., etc.²⁴³

E acrescenta:

[...] Seria de summa importância a fundação de collégios dignos de confiança nas diferentes províncias para destarte attender-se às condições hygienicas convenientes, aos diversos temperamentos: para ao sanguineo ministrar-se um ar secco e doce; ao lymphatico, o ar vivo e frio das montanhas que estimularia seo appetite, daria energia a seos músculos e fal-o-hia procurar exercicio.²⁴⁴

as quaes se devem regular os nossos collegios. Rio de Janeiro: Typografia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve, 1855; p.16.

²⁴² FOUCAULT, *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*; tradução de Raquel Ramallete. 36. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p.134.

²⁴³ GUIMARÃES, Antenor Augusto Ribeiro. *Esboço de uma hygiene dos collegios applicável aos nossos; regras principaes tendentes à conservação da saúde e ao desenvolvimento das forças physicas e intellectuaes, segundo as quaes se devem regular os nossos collegios.* Rio de Janeiro: Typografia Imparcial de J. M. Nunes Garcia, 1858, p. 18-19.

²⁴⁴ *Ibid*, p.23.

Em relação à localização das instituições, tanto melhor seria com a sua proximidade entre as montanhas:

Não lhe convém climas quentes e enervadores, um ar molle, mas logares rudes e montanhosos. Ahi os ventos frios e fortes endurecerão sua pelle delicada, estimularão seo apetite caprichoso, darão energia à seos músculos, cançarão seos sentido, causarão o repouso decante a noite e communicarão riqueza à sua circulação e calor ao seo peito; em pouco tempo a porção vegetante de seo ser, sobrepujará as paixões de sua alma; uma existência livre favorecerá à evolução dos órgãos, salvando o systema nervoso das excitações de uma vida sedentaria.²⁴⁵

No romance é descrita a localização e parte externa do colégio próxima à vegetação e colinas, de acordo com a prescrição higiênica.

O Ateneu estava situado no Rio Comprido, extremo ao chegar aos morros. As eminências de sombria pedra e vegetação selvática debruçavam sobre o edifício um crepúsculo de melancolia, resistente ao próprio sol a pino dos meios-dias de novembro. Essa melancolia era um plágio ao detestável pavor monarcal de outra casa de educação, o negro Caraça de Minas. Aristarco dava-se palmas desta tristeza aérea – a atmosfera moral da meditação e do estudo, definia, escolhida a dedo para maior luxo da casa, como um apêndice mínimo da arquitetura.²⁴⁶

E na paisagem das redondezas do colégio no dia das festividades de ginástica:

[...] O arvoredo do imenso jardim, entretecido a cores por mil bandeiras, brilhava ao sol vivo com o esplendor de estranha alegria; os vistosos panos, em meio da ramagem, fingiam flores colossais, numa caricatura extravagante de primavera; os galhos frutificavam em lanternas venezianas, pomos de papel enormes, de uma uberidade carnavalesca.

[...] Em frente, um gramal vastíssimo. Rodeava-o uma ala de galhardetes, contentes no espaço, como o pitoresco de tons enérgicos cantando vivo sobre a harmoniosa surdina do verde das montanhas. [...] Acima do estrado, balouçavam docentemente e sussurravam bosquetes de bambu, projetando franjas longuíssimas de sombra pelo campo de relva.²⁴⁷

Na localização da sala do Prof^o Manglio, que ministrava o curso superior em primeiras letras podemos observar, mais uma vez, a localização do prédio entre uma vasta vegetação:

A sala do professor Manglio era ao nível do pátio, em pavilhão independente do edifício principal, com duas do curso primário, o alojamento da banda de música e o salão suplementar de recreio, vantajoso em dias de chuva. [...] No fundo desta caixa desmedida de paredes, dilatava-se um areal claro, estéril, íspido como a alegria obrigatória, algumas árvores de cambucá mostravam, em roda, a folhagem fixa, com o verdor morto das palmas de igreja, alourada a esmo na senilidade precoce dos ramos que sofrem, como se não coubesse a vegetação no internato; a um canto, esgalgando cipreste subia até às goteiras, tentando fugir pelos telhados.²⁴⁸

²⁴⁵ Ibid, p.23.

²⁴⁶ POMPÉIA, Raul. *O Ateneu*. Coleção O Estado de São Paulo: Klick editora, 1997, p.15.

²⁴⁷ Ibid, p.15-16.

²⁴⁸ Ibid, p.29.

E diante da localização salubre do colégio circundada pela vegetação das cordilheiras, Sérgio descreve um dos seus passeios contaminado pela melancolia campestre da paisagem:²⁴⁹

A neblina da melancolia, baixada sobre o colégio da altura da cordilheira, repercussão da tristeza verde das matas, pesava-me aos ombros como a loba de um seminarista, como o voto de um frade; eu passeava na circunscrição do recreio como um claustro, olhando as paredes, brancas como túmulos caiados, [...]

A referência da paisagem também aparece nas atividades extracurriculares de lazer, tal como os piqueniques:

Os passeios eram depois do jantar. À noitinha voltávamos, dando balanço às notas de sensações, um deslumbramento verde de floresta, um retalho de afogueado crepúsculo, um canto de cidade ao longe diluído em fumaça cor de pérola, ou olhar de uma dama e o sorriso de outra, projéteis inofensivos de namoro que na hipótese de andar a gente em forma têm o defeito da incerteza, se vêm expressamente a nós, se ao vizinho, e a nós apenas por uma causalidade de ricochete – o ciúme eterno dos cerra-filas que a Praia Vermelha conhece.

Os novos passeios foram mais consideráveis.

Primeiro ao Corcovado, assalto ao gigante, hoje domado pela vulgaridade da linha férrea.

Aristarco rompia a marcha, valente como um mancebo, animando a desfilada como Napoleão nos Alpes.²⁵⁰

E, principalmente a higiene nos colégios da corte deveria atender exatamente a localização montanhosa, distante dos miasmas da baixada, em um ambiente onde os ares circulassem livremente, evitando-se a facilidade de contaminações infecciosas.

Muitas condições higienicas são prejudiciaes qualquer que seja o temperamento, o vigor ou a fraqueza do individuo e entre ellas nota-se principalmente as seguintes: - A habitação em um terreno humido, sujeito a influencias miasmáticas, desprovido de águas boas e potáveis e exposto ou a grandes frios ou a grandes calôres.

Consideramos assim má a situação de collégios nas grandes povoações; e portanto não podemos deixar de lastimar que, aqui na corte, aquelles collegios, que por maior numero de razões merecem justamente a confiança dos pais de família se achem collocados mesmo no centro da cidade. Nomeando o imperial Collegio de Pedro Segundo que deveria servir de norma, os collegios Marinho, Tautphoeus e sobre tudo o collégio Victorio, não podemos deixar de increpar-lhe a situação nos centos populosos e manufatureiros, onde o ar facilmente se altera e não se póde aproveitar as vantagens dos banhos e da gymnastica, que offereceria um vasto espaço cercado de árvores e visinho de rios ou do mar.

[...] Seria de summa importância a fundação de collégios dignos de confiança nas diferentes províncias para destarte attender-se às condições higienicas convenientes, aos diversos temperamentos: para ao sanguineo ministrar-se um ar secco e doce; ao lymphatico, o ar vivo e frio das montanhas que estimularia seo appetite, daria energia a seos músculos e fal-o-hia procurar exercicio.²⁵¹

²⁴⁹ Ibid, p.47-48.

²⁵⁰ Ibid, p.101.

²⁵¹ GUIMARÃES, Antenor Augusto Ribeiro. *Esboço de uma hygiene dos collegios applicável aos nossos; regras principaes tendentes à conservação da saúde e ao desenvolvimento das forças physicas e intellectuaes, segundo as quaes se devem regular os nossos collegios*. Rio de Janeiro: Typografia Imparcial de J. M. Nunes Garcia, 1858, p.23.

Na descrição da localização da sala do Prof^o Manglio, do curso superior em primeiras letras, podemos observar, mais uma vez, a localização do prédio entre uma vasta vegetação.

A sala do professor Manglio era ao nível do pátio, em pavilhão independente do edifício principal, com duas do curso primário, o alojamento da banda de música e o salão suplementar de recreio, vantajoso em dias de chuva. [...] No fundo desta caixa desmedida de paredes, dilatava-se um areal claro, estéril, íspido como a alegria obrigatória, algumas árvores de cambucá mostravam, em roda, a folhagem fixa, com o verdor morto das palmas de igreja, alourada a esmo na senilidade precoce dos ramos que sofrem, como se não coubesse a vegetação no internato; a um canto, esgalgando cipreste subia até às goteiras, tentando fugir pelos telhados.²⁵²

A 2^a classificação do médico francês Becquerel, a *Applicata*, foca a atenção para o corpo dos alunos. Um aluno saudável deve ser munido de explicações de forma a cobrir seu corpo, protegê-lo e limpá-lo segundo as adequações higiênicas.

Quanto às vestimentas, teriam que ser compostas preferencialmente por tecido de algodão, sendo as compostas por lã, indicadas apenas para o período de inverno. As roupas diurnas e noturnas deveriam ser folgadas de maneira a permitir os movimentos durante os exercícios físicos e a livre renovação do ar entre as vestes e a pele. As vestimentas, ao mesmo tempo em que cobrem o corpo, protegem-no de possíveis alterações ambientais nocivas ao bom funcionamento do organismo.

Dentre um dos dias de festividades no Ateneu, observamos a descrição do uniforme de festa:

A bela farda negra dos alunos, de botões dourados, infundia-me a consideração tímida de um militarismo brilhante, aparelhado para as campanhas da *ciência do bem*.²⁵³

No que se refere à manutenção da limpeza das vestes, era indicada a troca do uniforme duas vezes por semana, acompanhada das indicações da frequência dos banhos:

Os banhos domiciliares devem ser nos collegios empregados ao menos duas vezes por semana na estação dos calores e uma no inverno. As abluções ou banhos parciaes convêm todos os dias pela manhã e à noite. [...] [...] Os banhos de mar ou rio, mórmente quando acompanhados do exercício da natação, reúnem às vantagens dos primeiros, aquellas que deduzem de um exercício ao ar livre; [...] O diretor escolherá para estes banhos o dia que mais apropriado lhe pareça pela observação atmosphérica, e acompanhará elle mesmo os seus discípulos, para que tudo se faça em boa ordem, ou far-se-há representar por pessoa de confiança.²⁵⁴

²⁵² POMPÉIA, Raul. *O Ateneu*. Coleção O Estado de São Paulo: Klick editora, 1997, p.29.

²⁵³ Ibid, p.14.

²⁵⁴ ANDRADA JR, José Bonifácio Caldeira. *Esboço de uma hygiene dos collegios applicável aos nossos; regras principaes tendentes à conservação da saúde e ao desenvolvimento das forças físicas e intellectuaes*,

Ademais, Dr. Andara Jr. também classifica os banhos quanto à temperatura: frios, mornos e quentes. Referindo-se especificamente aos internatos no Brasil, faz-se a indicação de banhos frios de tanque ou de rio desde que moderados e feitos somente depois de terminada a digestão. Durante todo o processo, a espreita vigilante do diretor deveria fazer-se presente.

Através dessas medidas tornou-se diário o hábito do asseio nas crianças. Projeto enfático do discurso médico com ação principalmente no interior das instituições escolares, uma vez que a conquista da higiene íntima pode-se representar a formação gradativa do adulto higiênico.

Antecipando a entrada no colégio, durante a reunião com Aristarco, D. Ema e o pai de Sérgio, foi-lhe pedido que cortasse o cabelo. O corte dos cachinhos de Sérgio, ao mesmo tempo em que significava a perda da infância, indicava o maior asseio e cuidado higiênico com os cabelos dos alunos uma vez dentro da instituição.²⁵⁵

Logo após o desmaio em seu primeiro dia de aula, Sérgio foi levado a um dos cômodos onde cuidavam dos enxovais dos internos. De lá podemos compartilhar sua observação quanto à estrutura dedicada aos cuidados com as roupas, lavatórios, higiene pessoal, etc.

A rouparia ocupava grande parte do subchão do imenso edifício, entre o vigamento do assoalho e a terra cimentada. Outra parte era destinada aos lavatórios, centenas de bacias, ao longo das paredes e pouca acima num friso de madeira os copos e as escovas de dentes. Terceiro compartimento, além destes, acomodava o arsenal dos aparelhos ginásticos e os dormitório da criadagem. Da rouparia para o recreio central atravessava-se obliquamente o saguão das bacias.²⁵⁶

E logo após um dia tumultuado na primeira revelia às perturbações do colega Barbalho, vemos, nas minuciosas descrições de Sérgio, um pouco do aspecto do seu dormitório, quanto à cama e o enxoval: “uma hora mais tarde, na *cama de ferro* do salão azul, compenetrado de tristeza de hospital dos dormitórios, fundos na sombra de gás mortício, trincando a *colcha branca*, meditava o retrospecto do seu dia.”²⁵⁷

Em meio à saída de guardar o totem, uma santa de estimação, na gaveta de um móvel do seu dormitório, Sérgio descreve alguns objetos de asseio diário.

segundo as quaes se devem regular os nossos collegios. Rio de Janeiro: typografia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve, 1855, p. 20.

²⁵⁵ POMPEIA, Raul. *O Ateneu*. Coleção O Estado de São Paulo: Klick editora, 1997, p.20

²⁵⁶ Ibid, p.27.

²⁵⁷ Ibid, p.30.

O projeto caiu pela dificuldade das flores. Pagando a um criado, mal conseguia um bogari, um botão qualquer por dia. Tive de acomodar a gravura na gaveta do móvel que possuíamos no dormitório, perto da cama, para as escovas e os pentes.²⁵⁸

No episódio do plano de vingança do colega de Sérgio aos alunos do Ateneu, havia programado que no próximo banho cortariam-lhes os pés com cacos de vidro. O plano não vingou, e, justificaram a troca do espaço devido às várias utilizações de uma mesma água durante os banhos:

"Que horas são?" perguntei. "Seis horas, responderam. Chegamos agora mesmo do banho." Tinham os cabelos empastados sobre os olhos. "E os cacos?!" gritei espavorido. Examinei os pés dos companheiros. Nas chinelas com que desciam ao banho não via sangue! Esclarecia-se: *houvera ordem de banhos de chuva no competente banheiro, alojado em um dos cômodos baixos do Ateneu, pelo motivo de ter servido seis vezes a água da natação.* Graças ao Senhor! Vinha-me do céu esta solução de águas sujas, alcançada pela minha prece. Dilatou-se-me a alma em ditoso alívio.²⁵⁹

Em outro momento, verifica-se a falta de higiene no quarto da enfermaria a qual Sérgio ficou submetido por alguns dias:

A uma das extremidades do comprido salão, armava-se o biombo do Silvino, grande caixão de pinho a meia altura do teto, com uma porta e uma janela de palmo quadrado. Donde saíam emanações de roupas suadas e várias outras, cheiros indecifráveis de pouco asseio; donde saíam mais, durante a noite, crescendo, um roncar enorme, fungado de narigudo.²⁶⁰

A ingestão de alimentos se mostra pertinente no discurso do Dr. Andrada Jr. durante demonstração da terceira classificação: *a Ingesta*. Uma discussão específica sobre a rotina alimentar dos colégios se faz necessária já que segundo os higienistas, os hábitos de alimentação não estavam suficientemente amadurecidos na sociedade. Além da fronteira familiar, o ambiente escolar era responsável por vigiar e abastecer com indicações adequadas a manutenção de um corpo “são”. A ingestão inadequada dos alimentos surtiria efeitos funestos não só para a saúde física, a inteligência e o aproveitamento nos estudos também eram afetados.

A palavra de ordem era “moderação”. Seguida ao pé da letra nas prescrições quanto à quantidade e qualidade de ingestão de alimentos e bebidas. Era necessário moderar para não exagerar. Os extremos: “pouco e muito” faziam parte do rol de indicações banidas da lista de costumes alimentares higiênicos:

A alimentação não deve ser muito abundante, nem também demasiadamente escassa. [...] Uma alimentação insuficiente traz consigo a magreza e a queda das forças, faz nascer uma tendência muito manifesta a contrahir moléstias, a absorver todos os princípios miasmáticos e contagiosos; [...]

²⁵⁸ Ibid, p.47.

²⁵⁹ Ibid, p.35.

²⁶⁰ Ibid, p.124.

Quanto à qualidade, convém que os alimentos sejam escolhidos d'entre os mais substanciaes, e ao mesmo tempo de mais fácil digestão; [...]

O regime alimentar, tanto o quantitativo como o que diz respeito à qualidade, devêra achar-se subordinado às estações e à idade, ao sexo, a constituição e ao temperamento de cada um dos alumnos; a execução deste preceito não poderá desgraçadamente ter lugar em toda a sua generalidade.²⁶¹

É válido ressaltar que para cada “tipo social” – feminino, masculino, idade, temperamento - as indicações quanto às quantidades e a qualidade de alimentos e seus condimentos variavam.

[...] Seria de summa importância a fundação de collégios dignos de confiança nas diferentes províncias para destarte attender-se às condições hygienicas convenientes, aos diversos temperamentos: para ao sanguineo ministrar-se um ar secco e doce; ao lymphatico, o ar vivo e frio das montanhas que estimularia seo appetite, daria energia a seos músculos e fal-o-hia procurar exercício.²⁶²

Dr. Antenor Guimarães prescreve os hábitos alimentares para a mocidade:

Uma condição ainda acreditamos necessária para que seja completa a alimentação, queremos fallar da preparação, que deve ser de modo a agradar ao paladar e a facilitar a digestão. E nesta condição me parece não ser bem preenchida nos nossos collegios.

As refeições não devem ser mui prolongadas; será bom que nunca excedão de meia hora e depois de cada uma dellas será sempre conveniente um exercício que não seja violento. Abandonemos (em relação aos meninos, que pelos estudos precoces, não estão sujeitos à fadigas corporaes) as idéias dos physiologistas que reprovão a agitação depois das refeições: é bom que endureção os corpos: a sociedade necessita de homens de ferro.

As três refeições deverão ser distribuídas do modo seguinte:

A primeira que deverá ser ligeira e composta no verão de chá e pão ou de uma sopa, e no inverno de mais um pouco de carne terá lugar às 8 horas da manhã; a segunda que deverá ser a mais distante do somno e ter de reparar as maiores fadigas à 1 ou às 2 horas; esta será muito variável; e a ultima também, ligeira ás 8 horas intermediando-se entre ella e o dormir uma hora ao menos.²⁶³

E os cuidados que se exige com a segunda dentição:

A ablação por meio de um palito das partículas de alimentos que ficam adherentes ás anfractuosidades da arcada dentária. A fermentação, que ahí entretém, póde determinar a carie dos dentes. A Ablação do tártaro com uma escova e um pó dentifricio.

Quase todas as pessoas do estomago débil e cujas digestões são longas e penisas são dotados de má dentadura; o mesmo se tem notado nos que abitão lugares humidos e baixos onde as condições insalubres multiplicão as dores de garganta, inflamações e as affecções chornicas do estomago.²⁶⁴

²⁶¹GUIMARÃES, Antenor Augusto Ribeiro. *Esboço de uma hygiene dos collegios applicável aos nossos; regras principaes tendentes à conservação da saúde e ao desenvolvimento das forças physicas e intellectuaes, segundo as quaes se devem regular os nossos collegios*. Rio de Janeiro: Typografia Imparcial de J. M. Nunes Garcia, 1858, p. 22-23.

²⁶² Ibid, p.23.

²⁶³ Ibid, p.42.

²⁶⁴ Ibid, p.40.

No Ateneu, verifica-se a divisão dos afazeres diários: a subseqüência dos hábitos alimentares e exercícios físicos. Sérgio menciona em um dos dias que tinha “acabado de jantar e corria como sempre a recreação, precedida da hora da ginástica.”²⁶⁵ A cozinha é mencionada na seguinte passagem:

A cozinha do Ateneu, além dos alojamentos da copa, era espaçosa como salão. Às paredes cintilava o trem completo de cobre areado, em linha as peças redondas como uma galeria de broqueis. No centro uma comprida mesa servia o refeitório à criadagem.²⁶⁶

Segundo a análise de José Gondra, “a produção de um colégio higienicamente organizado aparece como um imperativo na ordem médica, pois o mesmo, entendido como lugar de formação, é também, lugar de intervenção no mundo que lhe é exterior”²⁶⁷. A defesa desses procedimentos funcionou como estratégia de legitimação dos saberes, criados e compartilhados pela higiene. Saberes compartilhados também através da quarta classificação de Becquerel: *a Gesta*.

Por *Gesta* designou-se os exercícios para o corpo em geral. Dr. Andrada Jr, salienta em sua tese que “um exercício corporal bem compreendido na sua parte verdadeiramente higienica, é uma das primeiras condições para o desenvolvimento dos órgãos e o aperfeiçoamento de todas as faculdades do corpo e do espírito.”²⁶⁸

Robustecer o corpo. Dentro desta medida estavam toda atividade física indicada para enrijecer o corpo elencadas para o bom desenvolvimento humano. A valorização do físico da infância estava contida na tese de que os indivíduos que nasciam deveriam ser mais saudáveis do que aqueles que os geraram. Acresce-se a essa idéia a participação da religião nas leituras iniciais prescritas, uma vez que a leitura sagrada torna-se referência de uma boa leitura. E, se o exemplo de moral estivesse implícito num corpo saudável, não sobraria tempo para a mocidade gastar suas energias com valores vãos e destrutivos ao corpo:²⁶⁹

[...] Um exercício corporal, bem como compreendido na sua parte verdadeiramente higiênica, é uma das primeiras condições para o desenvolvimento dos órgãos e o aperfeiçoamento de todas as faculdades do corpo e do espírito.²⁷⁰

²⁶⁵ POMPÉIA, Raul. *O Ateneu*. Coleção O Estado de São Paulo: Klick editora, 1997, p.63.

²⁶⁶ Ibid, p.63.

²⁶⁷ GONDRA, José G. *Artes de civilizar: medicina, higiene e educação escolar na Corte Imperial*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004, p. 200.

²⁶⁸ ANDRADA JR, José Bonifácio Caldeira. *Esboço de uma hygiene dos collegios applicável aos nossos; regras principaes tendentes à conservação da saúde e ao desenvolvimento das forças phisicas e intellectuaes, segundo as quaes se devem regular os nossos collegios*. Rio de Janeiro: typografia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve, 1855, p.25-26.

²⁶⁹ Exemplo da prática do “onanismo”, ou masturbação, tão vigiada no interior dos internatos.

²⁷⁰ ANDRADA JR, José Bonifácio Caldeira. *Esboço de uma hygiene dos collegios applicavel aos nossos; regras principaes tendentes à conservação da saúde e ao desenvolvimento das forças phisicas e intellectuaes, segundo*

Zelar pelo corpo físico. Esse tipo de preocupação não se qualifica apenas ao discurso higienizador profetizado e divulgado pelos médicos. O principal intelectual do século XIX, no que tange ao modelo de educação burguesa, Emile Durkheim, em um dos seus célebres textos voltados à educação, utiliza-se do historicismo e da sua influência no meio social para adentrar o espaço dedicado à preservação do corpo higiênico diante da sociedade moderna:

[...] Se o estado do meio social inclina a consciência pública para o ascetismo, a educação física será relegada a plano secundário. É o que se produziu, em parte, nas escolas da Idade Média; e esse ascetismo era necessário, porque a única maneira de adaptação às concepções da época era tê-lo em apreço. Tal seja a corrente da opinião, a educação física será de uma ou de outra espécie. Em Esparta, tinha por objetivo, especialmente, enrijar os membros para resistir à fadiga; em Atenas, era um meio de tornar os corpos belos à vista; nos tempos da cavalaria, pediam-lhe guerreiros ágeis e flexíveis; em nossos tempos, não tem senão um fim higiênico, preocupando-se especialmente, em corrigir os efeitos danosos da cultura intelectual muito intensa. Desse modo, mesmo quando as qualidades pareçam à primeira vista espontaneamente desejadas pelos indivíduos, refletem já as exigências do meio social que se prescreve como necessárias.²⁷¹

Da mesma forma, Dr. Andrada Júnior, ainda na tese de destaque, utiliza-se de nomes consagrados da História Clássica como modelos de conduta, amparado na tese de que o bom desenvolvimento intelectual não aconteceria se não fosse acompanhado de um bom desenvolvimento físico durante a infância.

[...] o amor dos Athenienses pelas sciencias e artes era uma demonstração pratica da influencia da robustez do corpo sobre a força da intelligencia. Carlos XII não teve a educação Molle, permitta-se-me a expressão, da maior parte dos ricos e poderosos, e ao passo que enriquecia seu espírito, fortalecia o corpo por meio de exercícios adequados; o valoroso Henrique IV, enviado desde criança ao castello de Bearn para lá ser educado como os meninos do lugar, trajava as suas vestes, usava da mesma alimentação simples e substancial, e muitas vezes descalço sahia a correr por entre os rochedos. Também todas *as façanhas destes grandes homens* se resentião da intrepidez por elles adquirida com *os exercícios da sua infancia*.²⁷²

Mais uma vez, as palavras de ordem da racionalidade médica fazem-nos lembrar de um meio termo de equidade, ou seja, de equilíbrio. A receita de saúde vem à tona na parceria de moderação quanto a dedicação intelectual e física. Se ambas fossem trabalhadas em demasia e, ou sozinhas, não teriam proveito:

as quaes se devem regular os nossos collegios. Rio de Janeiro: Typografia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve, 1855, p. 26.

²⁷¹DURKHEIM, Emile. *Educação e sociologia*. Trad. Lourenço Filho, Edições. Melhoramentos, São Paulo, 4ª ed., 1955, p.34-35.

²⁷²ANDRADA JR, José Bonifácio Caldeira. *Esboço de uma hygiene dos collegios applicável aos nossos; regras principaes tendentes à conservação da saúde e ao desenvolvimento das forças physicas e intellectuaes, segundo as quaes se devem regular os nossos collegios*. Rio de Janeiro: typografia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve, 1855, p.27.

Entre nós ainda não se pôde comprehender que o problema da educação consiste no equilíbrio das forças phisicas e das faculdades intellectivas, que o desenvolvimento exclusivo de umas traz constantemente o definhamento das outras.²⁷³

Para tanto, o ambiente físico escolar abre prioridade para grandes espaços onde os alunos exercessem os mais diversos tipos de atividades físicas. Há o destaque para alguns exercícios físicos em particular como passeio a pé, a dança, a natação, o canto, e a luta, o salto e a ginástica propriamente dita.

[...] o passeio a pé é um dos exercícios mais hygienicos e o que mais convem immediatamente depois da comida; compõe-se de movimentos lentos e compassados; faz-se sem constrangimento e cansa pouco.

[...] O exercício da natação devera hoje se achar mais em uso em nossos collegios, elle põe igualmente em actividade um grande número de músculos, aos quaes dá por conseguinte tom e energia, as tracções que pelo seu mecanismo exercem sobre o thorax os braços e a necessidade das inspirações profundas, a bem d diminuir o peso específico do corpo favorecem consideravelmente a ampliação daquela cavidade.”²⁷⁴

A atividade física era prezada entre as atividades intelectuais, como uma forma de descanso da mente, como para também repelir atos e exageros próprios da adolescência. Num corpo ocupado com afazeres é diminuta a imoralidade. Os itens da tríade pedagógica se interligam para benefícios mútuos, onde se utilizava a educação intelectual aliada a educação física, obtendo - se, como resultado a qualidade vital do organismo em todos os aspectos. A indicação era:

Em todos os collegios haverão áreas ou jardins destinados aos trabalhos gymnasticos dos alumnos, os quaes terão lugar em horas determinadas e nos intervallos das lições. Não convem o ensino violento imediatamente depois as refeições; os movimentos rudes e exagerados durante a repleição do estomago reduzem- o à impotência, revertendo toda a vitalidade para os órgãos em que elles se produzem.²⁷⁵

Era plenamente indicada a atuação ginástica:

Uma circumstancia convem apontar muito importante e que importa uma falta na educação: é não exercitar um membro, deixando outros em inação, é não atrophiar um órgão em proveito de outros, pois que assim se romperia na maquina humana um equilíbrio muito precioso para se conservar ou para se estabelecer se não existir. Quereríamos aqui apresentar alguns exercícios mais convenientes, aproveitando-nos das idéias de MM. Bouillon e Piosin, professor de gynástica em Grenoble, mas julgando pouco proveitoso tudo que pudéssemos expender de explicações puramente theoricas, limitamo-nos a aconselhar aos directores dos collégios – a instituição de gymnasios em seos collegios, dirigidos por hábeis mestres, como fértil manancial de saúde e vigor para seos educandos.²⁷⁶

²⁷³ Ibid, p.27.

²⁷⁴ Ibid, p.27.

²⁷⁵ Ibid, p.26.

²⁷⁶ GUIMARÃES, Antenor Augusto Ribeiro. *Esboço de uma hygiene dos collegios applicável aos nossos; regras principaes tendentes à conservação da saúde e ao desenvolvimento das forças phisicas e intellectuaes, segundo as quaes se devem regular os nossos collegios*. Rio de Janeiro: Typografia Imparcial de J. M. Nunes Garcia, 1858, p.44.

O médico Antenor Guimarães discorre sobre a adolescência, e estipula diferenças entre cada gênero, e o aspecto positivo da educação física para o organismo do adolescente:

Se ao que levamos dito juntarmos que a mulher tem raramente antes dos dezoito annos forças necessárias para a gestação e o aleitamento e que o homem só aos vinte e cinco annos possui o vigor que deve transmitir a sua descendência, podemos concluir que deve ser um dos fins da educação physica retardar a crise da puberdade.

Incorre-nos pois a obrigação de apontar prescrições que em razão das diferenças orgânicas dos dous sexos não poderão ser mais communs.²⁷⁷

Pode-se observar nas festividades para amostras de educação física, a desenvoltura dos corpos sadios produzidos no Ateneu: “Logo depois da festa da educação física, que foi alguns dias depois da grande solenidade dos prêmios, eu adoecei. Saramos, sem mais nem menos.”²⁷⁸ E no ordenamento das atividades, era reservada uma hora do dia específica dedicada aos exercícios corporais.

Os exercícios corporais efetuavam-se à tarde, uma hora depois do jantar, hora excelente, que habituava a digestão a segurar-se no estômago e não escorrer pela goela quando os estudantes se balançavam à barra fixa, pelas curvas.²⁷⁹

Em período posterior ao início das aulas, o Ateneu recebe um novo aluno, chamava-se Nearco da Fonseca, um pernambucano que encantou a todos com suas habilidades ginásticas:

Nearco deixou a forma, rompendo a marcha com o pé esquerdo, segundo a regra, mãos à ilharga, sério como um bispo, e encaminhou-se para o trapézio com o passo medido das emas, imperturbável como quem sabe profundamente a técnica de marchar. Perto do aparelho, sempre de mãos à cinta volta a volver! Virou-se para o colégio teso, e quebrou para nós um duro salamaleque, conservando para, conservando para segundos a efração angular das figurinhas delineadas, representando a lavoura, na cantaria histórica do Egito.

[...] Faltava a sorte do fim. Nearco espichou quanto pôde a lamentável ausência de músculos e deu-nos... uma sereia! A sereia é tudo que há de mais elementar, de mais pulha, de mais totalmente ostentoso em matéria de aparelhos. O sujeito segura as cordas, levanta os pés pelas mãos e de cabeça para terra empurra o ventre. O pobre Nearco, desabrigado, não tinha ventre para empurrar.²⁸⁰

O incentivo à construção de uma estrutura que abrigasse a combinação entre ginásios e horto agrícola para o incentivo dos saberes da lavoura e a fortificação do corpo sadio foi salientado pelo Dr. Antenor Guimarães:

Outra necessidade importante é bem combinar nos collégios e casas de educação as mais sábias disposições de architectura e de hygiene. Um gymnásio, como já

²⁷⁷ Ibid, p.48.

²⁷⁸ POMPÉIA, Raul. *O Ateneu*. Coleção O Estado de São Paulo: Klick editora, 1997, p.145.

²⁷⁹ Ibid, p.38.

²⁸⁰ Ibid, p.69-70.

dissemos e um horto britannico seriam de immensa vantagem, pois nossos lavradores, que não mandam seus filhos para a escola por não compreenderem a necessidade de saber ler e escrever, correriam após a certeza de que certos exercícios tornariam seus filhos fortes e de que receberiam alguns conhecimentos sobre a lavoura, única coisa que reconhecem útil e importante.²⁸¹

As inovações pedagógicas de Aristarco eram colocadas em prática na sua instituição de ensino. Neste excerto, observamos a exaltação do seu objetivo principal: a transformação moral da sociedade.

[...] Trinta anos de tentativas e resultados, esclarecendo como um farol diversas gerações agora influentes no destino do país! E as reformas futuras? Não bastava a abolição dos castigos corporais, o que já dava uma benemerência passável. Era preciso a introdução de métodos novos, supressão absoluta dos vexames de punição, modalidades aperfeiçoadas no sistema de recompensas, ajeitação dos trabalhos, de maneira que seja a escola um paraíso; adoção de normas desconhecidas cuja eficácia ele pressentia, perspicaz como as águias. Ele havia de criar... um horror, a transformação moral da sociedade!²⁸²

Em 15 de fevereiro, data escrita por Raul Pompéia como o primeiro dia de Sérgio no Ateneu, observamos atentamente as descrições do material pedagógico exposto e da divisão interior dos cômodos do colégio.

[...] O edifício fora caiado e pintado durante as férias, como os navios que aproveitam o descanso nos portos para uma reforma de apresentação. Das paredes pendiam as cartas geográficas, que eu me comprazia de ver como um itinerário de grandes viagens planejadas. Havia compras coloridas em molduras negras, assuntos de história santa e desenho grosseiro, ou exemplares zoológicos e botânicos, que me revelavam direções de aplicação estudiosa em que eu contava triunfar. Outros quadros vidraçados exibiam sonoramente regras morais e conselhos meus conhecidos de amor à verdade, aos pais, e temos a Deus, que estranhei como um código de redundância. [...] Visitamos o refeitório, adornado de trabalhos a lápis de alunos, a cozinha de azulejo, o grande pátio interno dos recreios, os dormitórios, a capela...²⁸³

Aristarco apresenta seu discurso sobre sua árdua tarefa de educar a mocidade segundo os auspícios da moral e dos bons costumes segundo os requisitos da composição tríade pedagógica médico higiênica:

[...] Moderar, animar, corrigir esta massa de caracteres, onde começa a ferver o fermento das inclinações; encontrar e encaminhar a natureza na época dos violentos ímpetos; amordaçar excessivos ardores; retemperar o ânimo dos que se dão por vencidos precocemente; espreitar, adivinhar os temperamentos; prevenir a corrupção; desiludir as aparências sedutoras do mal; aproveitar os alvoroços do sangue para os nobres ensinamentos; prevenir a depravação dos inocentes; espiar os sítios obscuros; fiscalizar as amizades; desconfiar das hipocrisias; ser amoroso, ser violento, ser firme; triunfar dos sentimentos de paixão para ser correto; proceder com segurança, para depois duvidar; punir para pedir perdão depois... Um

²⁸¹ GUIMARÃES, Antenor Augusto Ribeiro. *Esboço de uma hygiene dos collegios applicável aos nossos; regras principaes tendentes à conservação da saúde e ao desenvolvimento das forças physicas e intellectuaes, segundo as quaes se devem regular os nossos collegios*. Rio de Janeiro: Typografia Imparcial de J. M. Nunes Garcia, 1858, p.64.

²⁸² POMPÉIA, Raul. *O Ateneu*. Coleção O Estado de São Paulo: Klick editora, 1997, p.21.

²⁸³ *Ibid*, p.23.

labor ingrato, titânico, que extenua a alma, que nos deixa acabrunhados ao anoitecer de hoje, para recomençar com o dia de amanhã... Ah! meus amigos, concluiu ofegante, não é o espírito que em custa, não é o estudo dos rapazes a minha preocupação... É o caráter! Não é a preguiça o inimigo, é a imoralidade! [...] Ah! Mas eu sou tremendo quando a desgraça nos escandaliza. Não! Estejam tranqüilos os pais! *No Ateneu a imoralidade não existe!* Vejo pelas canduras das crianças como se fossem, não digo meus filhos: minhas próprias filhas! O Ateneu é um colégio moralizado!²⁸⁴

No excerto abaixo, salienta-se a condução dos alunos a um passeio, daqueles comuns para aliviar a rotina, no intuito de encontrarem um descanso para a mente, na dedicação aos estudos; e para exercitar o corpo após a digestão. Após passeio, o diretor Aristarco exige e volta a rotina, e exige a disciplina e a moralidade:

No colégio, tivemos ordem de subir a descanso nos dormitórios. Preventivo louvável de prudência, depois dos excessos e da tempestade sofrida. O descanso foi simplesmente um prolongamento da pândega do passeio. Para cessar a desordem, tocou-se a estudo... Baixamos ao salão geral. Aristarco, reassumindo a dureza olímpica da seriedade habitual, apresentou-se e perguntou asperamente se pretendíamos que a vida passasse a ser agora um piquenique perpétuo na desmoralização. Tacitamente negamos e a tranqüilidade normal entrou nos eixos.²⁸⁵

Fazia-se pertinente que o zelo para ordem na educação se arrastasse para uma combinação austera entre repressão e moralidade. Para que não haja motivos para a repreensão a vigilância teria que ser permanente. Todo movimento era plenamente vigiado, seja pelo diretor da instituição ou pelos inspetores. A exemplo dos dormitórios, onde “o policiamento dos dormitórios competia aos inspetores, convenientemente distribuídos.”²⁸⁶

E o personagem de Aristarco refletia o imperativo com sua espreita vigilante:

A sala geral de estudos tinha inúmeras portas. Aristarco fazia aparições, de súbito, a qualquer das portas, nos momentos em que menos se podia contar com ele. Levava as aparições às aulas, surpreendendo professores e discípulos. Por meio deste processo de vigilância de inopinados, mantinha no estabelecimento por toda parte o risco perpétuo do flagrante como uma atmosfera de susto.²⁸⁷

Dentre os alunos, era escolhido àquele que seria responsável pela vigilância aos demais:

[...] Por amor da regularidade da organização militar, repartiam-se as três centenas de alunos em grupos de trinta, sob o direto comando de um centurião ou *vigilante*. Os vigilantes eram escolhidos por seleção de aristocracia, asseverava Aristarco. [...] Estes oficiais inferiores da milícia da casa faziam-se tiranetes por delegação da suprema ditadura. Armados de sabres de pau com guardas de couro, tomavam a sério a investidura do mando e eram em geral de uma ferocidade adorável. Os sabres puniam severamente as infrações da disciplina na forma: duas palavras ao

²⁸⁴ Ibid, p.23.

²⁸⁵ Ibid, p. 107.

²⁸⁶ Ibid, p.91.

²⁸⁷ Ibid, p.49.

cerra-fila. Perna frouxa, desvio notável do alinhamento. Regime siberiano, como se vê, do que resultava que os vigilantes eram altamente conceituados.²⁸⁸

Em suas reflexões sobre o cotidiano no internato a vigilância sob suas ações incomoda Sérgio.

E na solidão, conspiradas, as adversidades de toda a espécie, falsidade traiçoeira dos afetos, perseguição da malevolência, *espionagem da vigilância*; por cima de tudo, céu de trovões sobre os desalentos, a fúria tonante de Júpiter- diretor, o tremendo Aristarco dos momentos graves.²⁸⁹

Dentre os alunos, era escolhido àquele que seria responsável pela vigilância aos demais:

[...] Por amor da regularidade da organização militar, repartiam-se as três centenas de alunos em grupos de trinta, sob o direto comando de um centurião ou *vigilante*. Os vigilantes eram escolhidos por seleção de aristocracia, asseverava Aristarco. [...] Estes oficiais inferiores da milícia da casa faziam-se tiranetes por delegação da suprema ditadura. Armados de sabres de pau com guardas de couro, tomavam a sério a investidura do mando e eram em geral de uma ferocidade adorável. Os sabres puniam severamente as infrações da disciplina na forma: duas palavras ao cerra-fila. Perna frouxa, desvio notável do alinhamento. Regime siberiano, como se vê, do que resultava que os vigilantes eram altamente conceituados.²⁹⁰

Observa-se a determinação pela disciplina seguindo a divisão das idades até mesmo durante os banhos, no interior da piscina e a presença da fiscalização do inspetor:

Determinava a disciplina a divisão dos banhistas em três turmas, conforme as classes de idade. Mas o descuido da fiscalização permitia que as turmas se confundissem e o inspetor de serviço, com a varinha destinada aos retardatários, vigiava afastado, de sorte que ficavam expostos os mais fracos aos abusos dos marmanjos.²⁹¹

A exigência austera pela disciplina diagnosticava os deslizes dos alunos. Mas a indisciplina não era a única incumbência da vigilância. Proibia-se a descoberta do próprio corpo, numa corrida velada contra a imoralidade. Sobre a prática do Onanismo, discorre o Dr. Antenor Guimarães:

Com effeito é só por uma agitação muscular contínua que se póde efficazmente a predominacia genital tão freqüente nos nervosos; é só assim que se poderá obstar ao formidável vicio do onanismo. O menino ágil e forte é raras vezes dado a este vicio, em quanto que o indolente e fraco só por um milagre escapa á elle. Ao passo que o aparelho genital do primeiro sofre até a época da puberdade uma espécie de atrophia que contrasta com o vigor dos membros e do segundo adquire por uma estímulo incessante um desenvolvimento muitas vezes considerável.²⁹²

²⁸⁸ Ibid, p.32-33.

²⁸⁹ Ibid, p.31.

²⁹⁰ Ibid, p.32.

²⁹¹ Ibid, p. 33.

²⁹² GUIMARÃES, Antenor Augusto Ribeiro. *Esboço de uma hygiene dos collegios applicável aos nossos; regras principaes tendentes à conservação da saúde e ao desenvolvimento das forças physicas e intellectuaes,*

Na fase crucial vivida pela mocidade, principalmente pelos meninos: é na adolescência que se apresenta a susceptibilidade do corpo aos prazeres e, conseqüentemente, às moléstias:

É ordinariamente nos collegios que attingem os meninos á idade da puberdade, no sexo masculino sobretudo. O gráo de susceptibilidade em que nesta melindrosa quadra se achao todas as suas funções, confirma o epitheto que lhe assignamos; a excitação moral por ela produzida, origem de tantas e tão variadas emoções, e já por si uma causa predisponente de moléstias.²⁹³

A inspeção noturna dos rapazes do colégio era feita por um inspetor, o João Nunes, a ele competia a responsabilidade de vigiar o sono e os horários dos alunos de forma a evitar mobilizações durante a noite. Isto, no intuito de evitar o principal ato considerado funesto pela higiene: o onanismo.

De noite, novamente ao lado do Franco, a fatigar-me na tarefa das páginas, tive que ficar até tarde numa das salas do primeiro andar. Pelas dez e meia, o diretor, antes de sair para casa, veio ver-nos. "Ainda escrevem... estes peraltas?..." disse-nos de enorme altura, à guisa de boas-noites, e desapareceu confiando-nos ao amável João Numa, bácoro, inspetor das salas de cima. Na sua qualidade de gorducho, o João não era diligente. Apenas viu parar Aristarco, trancou a última porta do Ateneu e foi dormir.²⁹⁴

Sob este aspecto, Dr. Ribeiro Guimarães salienta:

A julgar pela minha própria experiencia em dez mastubardores em quem a saúde se alterou immediata ou consecutivamente póde-se contar nove que se perdeream no collegio ou em um internato.
 È justamente na segunda infância que a mais leve circumstancia basta para despertar estes perigosos ardores.
 [...]A vigilância continua, muita prudência e reserva nas palavras e relações com a infância são essencialmente necessária para o sucesso desta árdua empreza.
 A moralidade dos seos depositários, a pouca intimidade com os criados de ambos os sexos, a escolha de companheiros, a repressão de desregramentos, as occupações cosntantes e deleitosas e o afastamento de qualquer destas causas que podem excitar os órgãos genitaeas, intellectuaes e physicos serão os melhores preservativos.²⁹⁵

segundo as quaes se devem regular os nossos collegios. Rio de Janeiro: Typografia Imparcial de J. M. Nunes Garcia, 1858, p.24.

²⁹³ ANDRADA JR, José Bonifácio Caldeira. *Esboço de uma hygiene dos collegios applicável aos nossos; regras principaes tendentes à conservação da saúde e ao desenvolvimento das forças physicas e intellectuaes, segundo as quaes se devem regular os nossos collegios*. Rio de Janeiro: typografia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve, 1855, p.08.

²⁹⁴ POMPEIA, Raul. *O Ateneu*. Coleção O Estado de São Paulo: Klick editora, 1997, p.36.

²⁹⁵ GUIMARÃES, Antenor Augusto Ribeiro. *Esboço de uma hygiene dos collegios applicável aos nossos; regras principaes tendentes à conservação da saúde e ao desenvolvimento das forças physicas e intellectuaes, segundo as quaes se devem regular os nossos collegios*. Rio de Janeiro: Typografia Imparcial de J. M. Nunes Garcia, 1858, p.47.

Sob os sistemas considerados por Sérgio, como punições morais, Raul Pompéia explora a cena em que Sérgio e Franco se expuseram durante as refeições com as mãos cheias de sapotis, cumprindo uma pena aplicada por Aristarco. Os castigos morais substituíam os castigos corporais ou físicos, tão repudiados por Aristarco.

Quanto ao requinte da exposição no refeitório, mãos cheias de sapotis, não houve meio de obrigar-me Aristarco. Concordara em ficar de pé; não era pouco. Franco naturalmente submeteu-se e lá esteve, braços abertos, a fazer de fruteira no interesse do sistema das punições morais. Tanto melhor para o sistema.²⁹⁶
[...] Pela vergonha da tentativa de furto e no sistema dos castigos morais, adicionou a observação suplementar: passaríamos, os delinquentes, no outro dia, as horas do almoço e do jantar, ao refeitório, de pé, carregando em cada mão quantos sapotis coubessem.²⁹⁷

Os valores morais acentuavam a presença de um ambiente consciente em persuadir o aluno, de modo a sentirem-se culpados pelas suas ações dadas como incorretas.

A idade em que a maioria dos alunos da corte deixava suas casas coincidia com o início da adolescência, período de dúvidas e de descoberta do próprio corpo. No entanto, a disciplina no interior do internato, calcada na moral religiosa reinante, coibia a satisfação de adentrar a esse novo mundo. Alimentava-se o temor ao próprio corpo, a confusão de sentimentos transformava o período de passagem para a vida adulta no mais conturbado das memórias de cada um.²⁹⁸ Dentre as regras enumeradas, estão os verbos imperativos, sinônimos de correção, ou, até mesmo, de punição:

As regras tendentes a prevenir os estragos e a disseminação do mal entre os freqüentadores de uma pensão serão pouco mais ou menos as seguintes: 1º, *não admitir* no seio da comunidade mancebos de costumes e hábitos suspeitos; 2º, *proibir* aos alumnos a conservação e a leitura de livros eróticos, as palestras levianas, e tudo que possa excitar para mal a sua imaginação ardente; 3º, *repartir* convenientemente os dormitórios, de modo que haja completa separação de idades; 4º, *proibir* uma comunicação muito livre entre os pensionistas e os alumnos externos, quando os hajão de uma e outra classe; 5º, *prevenir* o despertar precoce da sensualidade por meio de exercícios bem dirigidos, pela abolição de alimentos excitantes, etc.; 6º *punir* o culpado reprehendendo-o asperamente, ou, segundo a gravidade do crime, expellindo do collegio; 7º, *medica-lo* se carecer de socorros da arte.²⁹⁹

²⁹⁶ POMPÉIA, Raul. *O Ateneu*. Coleção O Estado de São Paulo: Klick editora, 1997, p.36.

²⁹⁷ *Ibid*, p.53.

²⁹⁸ Exemplo segundo as memórias de Raul Pompéia, do período em que fez estudos no internato do Colégio Abílio da Corte de 1873 a 1879.

²⁹⁹ GUIMARÃES, Antenor Augusto Ribeiro. *Esboço de uma hygiene dos collegios applicável aos nossos; regras principaes tendentes à conservação da saúde e ao desenvolvimento das forças physicas e intellectuaes, segundo as quaes se devem regular os nossos collegios*. Rio de Janeiro: Typografia Imparcial de J. M. Nunes Garcia, 1858, p.30.

Prevenção. Proibição. Punição. Tais imperativos salientam as ações mutiladoras da moral. Proíbiam-lhes de sucumbir aos prazeres, mas, se ainda assim as ações se concretizassem, punições severas os esperavam.

Segundo a análise do filósofo francês Michel Foucault, em seu estudo “Vigiar e Punir”, a medicina, graças à disciplina, alcançou nitidamente o “adestramento dos corpos” infantis de forma a torná-los dóceis e susceptíveis ao modelo de juventude almejada pelo Estado. O “adestramento” aparece como um verdadeiro método minucioso que, atrelado às minúcias das formas de se tratar o corpo, impõe uma relação de docilidade, de utilidade, ou melhor, de disciplina. Dessa forma a disciplina atinge o ponto de vista médico para um espaço único, o escolar:

Encontramo-los em funcionamento nos colégios, muito cedo; mais tarde nas escolas primárias; investiram lentamente o espaço hospitalar; e em algumas dezenas de anos reestruturaram a organização militar. Circulavam às vezes muito rápido de um ponto para o outro (entre o exército e as escolas técnicas ou os colégios e liceus), às vezes lentamente e de maneira mais discreta (militarização insidiosa das grandes oficinas).³⁰⁰

Essa “anatomia política do detalhe”³⁰¹, denominada pelo filósofo de ato disciplinar, coincide amplamente com a perspectiva analítica médica da sociedade da Corte no período analisado. As regras de higiene para os colégios, como podemos observar, se baseiam nos detalhes da conduta do jovem com o seu corpo. Do particular faz-se o geral. Das detalhadas prescrições obtêm-se o adulto higiênico.

No capítulo IV de *O Ateneu* nota-se a observação da imposição da leitura do diário de classe para os alunos. Aristarco declama e deposita olhares e punições para àqueles em que o nome havia sido mencionado pelos professores no diário. No discurso salienta-se o repúdio pelas punições corporais:

Um livro de lembranças comprido e grosso, capa de couro, rótulo vermelho na capa, ângulos do mesmo sangue. Na véspera cada professor, na ordem do horário, deixava ali a observação relativa à diligência dos seus discípulos. [...] Do livro aberto, como as sombras das caixas encantadas dos contos de maravilha, nascia, surgia, avultava, impunha-se a opinião do Ateneu. [...] O temível noticiário, redigido ao sabor da justiça suspeita de professores, muita vez despedidos por violentos, ignorantes, odiosos, imorais, erigia-se em censura irremissível de reputações. O julgador podia ser posto fora por uma evidência conclusiva dos seus defeitos; a difamação estampada era irrevogável. [...] Em compensação, não havia expressamente punições corporais.³⁰²

³⁰⁰ FOUCAULT, *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*; tradução de Raquel Ramallete. 36. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.p.134.

³⁰¹ *Ibid*, p.34.

³⁰² POMPÉIA, Raul. *O Ateneu*. Coleção O Estado de São Paulo: Klick editora, 1997, p. 43 - 44.

Através do perfil vigilante e moralizador do diretor, observam-se as repreensões feitas no dia a dia do colégio:

A hora solene do meio-dia Aristarco aproveitava para distribuir uma merenda de conselhos, depois do canto e antes de outra de fatias, incomparavelmente mais bem recebidas. Muitas vezes não eram só conselhos. Também reprimendas em massa por culpas coletivas, arrecadações de cigarros, ou pequenos processos sumários em que se averiguava a autoria de delitos importantes, como encher de papel picado uma sala, cuspir às paredes, molhar a privada, e mesmo outras muito mais graves.³⁰³

No conteúdo da tese do Dr. Antenor Guimarães, de 1858, no item referente às punições verifica-se a preocupação de como estas seriam aplicadas. Salienta as punições morais em detrimento aos castigos corporais, desde que, não ocasionassem no desânimo das ações intelectuais. Uma vez que fosse aplicado repetidas vezes uma única tarefa, causaria a sua aversão:

Ousamos mesmo esperar para o futuro quando se comprehender os meios de fallar ao espirito e coração dos meninos, que não serão necessários meios coercetivos para impor-lhes obediência. E se temos esta esperança para uma outra época temos também uma convicção adquirida por nossa experiência de que longe ainda vêm o tempo de sua realização, e portanto não se póde admittir a suppressão das punições, que vamos propor na direcção da infância, mas será de certo conveniente uma redução e uma modificação mais accomodadas à dignidade humana. Os meios brutaes e os castigos corporaes devem ser banidos pelos directores dos estabelecimentos. E de feito podemos affirmara que desgraçadamente se encontram certos caracteres, que só attendem a voz do pão, mais fácil é conceber os inconvenientes de um tal meio a disposição dos professores ou de qualquer outra pessoa que se aproveitasse d'elle para saciar sua raiva ou cumprir sua vingança. As prisões e privações com trabalho nas horas de recreação convirão perfeitamente se não fosse de encontro a este fim essencial infuindir-nos meninos amor pelos lugares de estudo e não aversão. Melhor talvez fosse pelo contrario prival-os momentaneamente de participar dos trabalhos escolares. São más as punições que produzem uma humilhação grande, ellas acarretão o desanimo e tirão o sentimento de estima própria e da de seos companheiros.³⁰⁴

Nota-se que a vitalidade buscada nas classificações da literatura médica francesa atinge metas razoáveis na disposição das normas. Na sexta classificação, a *Excreta*, é tratada as possíveis eliminações dos resíduos corporais. A transpiração, considerada como a mais importante das funções da pele, se mostra um perigo, dependendo do ambiente.

A preocupação incessante com a manutenção da vida condizia com o perigo da iminência mórbida, pois as febres intermitentes assombravam a população da corte no Rio de Janeiro, e, o período de altas temperaturas é o que mais preocupava os higienistas:

³⁰³ Ibid, p.50

³⁰⁴ GUIMARÃES, Antenor Augusto Ribeiro. *Esboço de uma hygiene dos collegios applicável aos nossos; regras principaes tendentes à conservação da saúde e ao desenvolvimento das forças physicas e intellectuaes, segundo as quaes se devem regular os nossos collegios*. Rio de Janeiro: Typografia Imparcial de J. M. Nunes Garcia, 1858, p.58

[...] Nos mezes de maior calor a alimentação nos collégios será menos pesada, as vestes mais permeáveis ao ar, os exercícios, tanto do corpo como da intelligencia, mais comedidos. A duração dos feriados, que por este tempo se dão, não está geralmente em harmonia, nas escolas de educação primária, com o que requerem as necessidades do organismo, e apenas se estende de 13 a 20 dias, quando devêra comprehender o ultimo meiado de Dezembro e todo o mez de Janeiro. Pelo menos aqui na corte, onde o calor torna-se às vezes insupportavel; que não se nos objecte com o atraso que para os alumnos poderia seguir-se de uma interrupção de estudos prolongada; há meios de fazer-se com que este tempo não seja inteiramente perdido para elles, sem que se vejam obrigados a permanecerem amarrados a um banco seis ou mais horas por dia, respirando um ar confiando aquecido pelos rigores da estação.³⁰⁵

Aqui vemos a presença do período de férias conhecido até os dias de hoje: o distanciamento dos alunos da escola entre meados do mês de dezembro até finais do mês de janeiro. Ao contrário de que muitos podem relacionar, o amplo período do calendário escolar formulado durante o Império, principalmente na Corte, era definido pelo clima e provinha da necessidade de manter as crianças separadas durante as altas temperaturas. Formula-se que o confinamento escolar durante o verão desencadeia conseqüências maléficas ao organismo da juventude.

Nesta temática, encontra-se a preocupação com a proviniência e utilização das águas:

As duas grandes funcções do animal – a digestão e a circulação – não podem se effectuar sem a intervenção da agua. Ella entra como parte principal na composição do sangue, da lympha, da transpiração e das secreções, e portanto corre-me o dever de apontar os caracteres das águas bôas e potáveis.³⁰⁶

E sobre sua utilidade para os banhos:

As águas não actuão sobre os organismos sómente como bebida; ellas tem ainda uma poderosa influencia uzadas em forma de banho. Os banhos podem ser quentes ou frios.

Os banhos frios principalmente no verão aumentão a força e actividade dos músculos, estimulão as funcções da pelle e dos rins, excitão o apetite e finalmente acompanhados na natação são a origem de uma gymnastica vantajosa.

Esta vantagem reúne o mar a outras não menos importantes onde a água é carregada de princípios estimulantes – taes como o chlorureto de sódio e o iodo.

Os banhos quentes excellentes no inverno desembaração o corpo de impurezas e de suas escamas epidérmicas, activão a transpiração diminuída pleo frio e dão flexibilidade aos membros.

Convém notar que grandes inconvenientes podem resultar do uso dos banhos ou excessivamente frios ou muito quentes.

³⁰⁵ ANDRADA JR, José Bonifácio Caldeira. *Esboço de uma hygiene dos collegios applicável aos nossos; regras principaes tendentes à conservação da saúde e ao desenvolvimento das forças physicas e intellectuaes, segundo as quaes se devem regular os nossos collegios*. Rio de Janeiro: typografia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve, 1855, p.29.

³⁰⁶ GUIMARÃES, Antenor Augusto Ribeiro. *Esboço de uma hygiene dos collegios applicável aos nossos; regras principaes tendentes à conservação da saúde e ao desenvolvimento das forças physicas e intellectuaes, segundo as quaes se devem regular os nossos collegios*. Rio de Janeiro: Typografia Imparcial de J. M. Nunes Garcia, 1858, p.19.

Outros empregos ainda póde ter a água, mas então é mais um agente therapeutico que hygienico.

[...] Esta tão grande influencia, que a agua ou tomada como bebida ou applicada exteriormente, póde exercer sobre a saúde dos meninos e seo desenvolvimento, prova quanto é importante para as famílias e estabelecimentos de educação proverem-se da melhor.³⁰⁷

Em páginas do capítulo III, a natação ou banhos eram indicados periodicamente para afastar os males do intenso calor provocado nos primeiros meses após o início das aulas:

Natação chamava-se o banheiro, construído num terreno das dependências do *Ateneu*, vasta toalha d'água aos rés da terra, trinta metros sobre cinco, com escoamento para o Rio Comprido, e alimentada por grandes torneiras de chave livre. O fundo, invisível, de ladrilho, oferecia uma inclinação, baixando gradualmente de um extremo para o outro. Acusava-se ainda mais essa diferença de profundidade por dois degraus convenientemente dispostos para que tomassem pé as crianças como os rapazes desenvolvidos. Em certo ponto a água cobria um homem.

Por ocasião dos intensos calores de fevereiro e março e do fim de ano, havia aí dois banhos por dia.³⁰⁸

Na sexta e última classificação francesa para a higiene dos colégios está a *Percepta*. Nesta denominação, encontramos a proposta dos sentidos (visão, audição, olfato, paladar e tato) serem moldados segundo as temáticas de educação intelectual e moral.

Segundo o discurso médico higiênico os cinco sentidos possuem funções vitais para as faculdades intelectuais. A preocupação com a visão encontra-se atrelada aos golpes de vista efetuados com as leituras e escritas noturnas. O ideal preconizado era a leitura com boa iluminação noturna e a escrita somente em papel branco.

Quanto à audição, ouvir música de boa qualidade e manter higienizados os receptores auditivos respondia a uma boa conduta. Manter o corpo asseado longe de exageros de cosméticos, respondiam às prescrições do olfato, como também do tato. E, finalmente, as prescrições quanto ao paladar referem-se às já indicadas na classificação **Ingesta**, mantendo o predomínio da moderação na ingestão de alimentos.

Dr. Andrada Jr. aquece suas reflexões através do raciocínio científico salientando a modificação do meio ambiente pelo homem devido às suas necessidades graças à capacidade intelectual. Os preceitos higiênicos para a educação, neste momento, possuem como objetivo principal conservar a lucidez e ampliar a capacidade intelectual dos educandos:

³⁰⁷ Ibid, p.21.

³⁰⁸ POMPEIA, Raul. *O Ateneu*. Coleção O Estado de São Paulo: Klick editora, 1997, p. 32-33.

Uma educação bem dirigida convém à intelligencia, como o exercício ao corpo e a cultura às plantas, a intelligencia deixada a si mesma sem os recursos da educação, seria como um diamante não lapidado que, apesar do elevado preço, não poderá engastar-se no diadema na da nossa civilização para fazer-lhe realçar o lustre.³⁰⁹

Já Dr. Antenor Guimarães analisa a qualidade do ar atmosférico para a respiração, enfocando que ambientes úmidos e insalubres podem ser nocivos à saúde. Remete-se à circulação adequada do ar, junto à topografia da região e estrutura das habitações:

[...] À dos agentes exteriores, que convem para a manutenção da vida acha-se o ar atmosphérico: elle póde ser útil ou prejudicial segundo a sua composição, sua temperatura e seu estado hygrometrico.

[...] Todo mundo sabe que o ar e as vias respiratórias são as principaes propagadoras das epidemias, febres intermittentes, typhos, dysenyerias e uma multidão de moléstias chronicas.

[...] Em um aposento frio e humido há sempre o desagradável cheiro de mofo, a insalubridade se patentea no aspecto dos moveis e paredes e no semblante de seus desgraçados habitantes; sua saúde é alterada pelas funções da pelle e as do pulmão que se executão com um ar carregado de água e de miasmas.

[...] A humidade é causa ainda de outras moléstias como o rheumatismo, ulceras nas extremidades inferiores, etc., etc.³¹⁰

E ainda:

Procurando-se as diversas causas que tornão as habitações humidas alem das já citdas dependentes da presença dos próprios habitantes, encontra-se a sua construcção sobre terrenos pantanosos, baixos ou argilosos e ao rez do chão, a visinhança de um tanque ou de um rio, a pequena capacidade das aberturas, a falta de ventilação e o mau estado dos telhados.³¹¹

Em páginas do romance verificamos a insalubridade do local onde eram aplicadas as penas, e, ou, castigos:

Engaiolava-se o condenado na amável companhia dos remorsos e da execração; ainda em cima, uma tarefa de páginas; para qual o mais difícil era arranjar luz bastante. De espaço a espaço, galopava um rato no invisível; às vezes vinha subir às pernas do condenado os animaizinhos repugnantes dos lugares lóbregos. À soltura surgia o preso, pálido como um reditivo, espantado do ar claro como de uma coisa incrível. Alguns achavam meio de voltar verdadeiramente abatidos. Franco saiu doente.³¹²

³⁰⁹ ANDRADA JR, José Bonifácio Caldeira. *Esboço de uma hygiene dos collegios applicável aos nossos; regras principaes tendentes à conservação da saúde e ao desenvolvimento das forças physicas e intellectuaes, segundo as quaes se devem regular os nossos collegios*. Rio de Janeiro: typografia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve, 1855, p.35.

³¹⁰ GUIMARÃES, Antenor Augusto Ribeiro. *Esboço de uma hygiene dos collegios applicável aos nossos; regras principaes tendentes à conservação da saúde e ao desenvolvimento das forças physicas e intellectuaes, segundo as quaes se devem regular os nossos collegios*. Rio de Janeiro: Typografia Imparcial de J. M. Nunes Garcia, 1858, p.18-19.

³¹¹ Ibid, p.19.

³¹² POMPÉIA, Raul. *O Ateneu*. Coleção O Estado de São Paulo: Klick editora, 1997, p.132.

Ao indicar as melhores formas de organizar a conduta higiênica nas instituições escolares, o médico indica a fundação de novos colégios que atendessem às prescrições:

[...] Seria de summa importância a fundação de collégios dignos de confiança nas diferentes províncias para destarte attender-se às condições hygienicas convenientes, aos diversos temperamentos: para ao sanguineo ministrar-se um ar secco e doce; ao lymphatico, o ar vivo e frio das montanhas que estimularia seo appetite, daria energia a seos músculos e fal-o-hia procurar exercicio.³¹³

Nas indicações de cuidados para com a visão: as indicações para a leitura e escrita nas instituições escolares:

As considerações, que vamos fazer nos forão suggeridas pela observação de meninos nos nossos collegios obrigados às longas horas de estudos, com o auxilio de uma luz artificial.

O meio preservativo mais fácil seria a prohibição de trabalhos prolongados e minuciosos à noite; mas esta medida convimos que não poderia ser adoptada como contraia ao desenvolvimento intellectual da mocidade.³¹⁴

E prescreve a iluminação adequada para o estudo:

A luz artificial é inconveniente por usa coloração vermelha ou amarella e pela sua fraqueza, que obriga os olhos à grandes esforços. Deve-se portanto collocar nas sallas de estudo uma luz fixa, igual, branca e abundante. Mas isto não se conseguirá de certo com os bicos de gaz modernamente introduzidos, que alterão o ar respirável, e releve-se-nos aqui notar que não podemos comprehender como nos collegios, e em pequenas habitações se os tenha admittido. Acreditamos mesmo que o nosso governo cometera uma grave falta permittindo a sua tão prodigiosa dissiminação, quando tem por modelo tantas outras cidades, por exemplo paris, em que semelhante iluminação é somente empregada nos grandes edificios onde existem as condições de ventilação constante e a certeza de que os registros não serão abertos por um menino ou por qualquer imprudente.

[...]

Se não fora o receio de nos tornar por demais prolixos iríamos tirar da educação dos sentidos argumentos irrecusáveis contra o estabelecimento dos collegios dentro de povoações activas. Bastava indagar o que compensa ahi o vasto e variado horisonte dos campos? O que compensa nas grandes cidades o repouso necessário ao ouvido para a abstração das sensações ou vibrações do ar que lhe permitem distinguir as qualidades de timbre e tom? Uma reclusão dos alumnos em quatro paredes, privados do ar commum uso de seos membros, os ruidosos estrépitos da multidão e o rodar dos carros e carroças!³¹⁵

Na descrição de parte da estrutura externa do colégio, remete-se à iluminação à gás vista de fora, onde Sérgio menciona: “[...] O Ateneu, quarenta janelas, resplendentes do gás interior, dava-se ares de encantamento com a iluminação de fora.”³¹⁶

³¹³ GUIMARÃES, Antenor Augusto Ribeiro. *Esboço de uma hygiene dos collegios applicável aos nossos; regras principaes tendentes à conservação da saúde e ao desenvolvimento das forças physicas e intellectuaes, segundo as quaes se devem regular os nossos collegios*. Rio de Janeiro: Typografia Imparcial de J. M. Nunes Garcia, 1858, p. 23.

³¹⁴ Ibid, p.44.

³¹⁵ Ibid, p.45.

³¹⁶ POMPÉIA, Raul. *O Ateneu*. Coleção O Estado de São Paulo: Klick editora, 1997, p.18.

O ensino de música nos colégios localiza-se dentro das atribuições dos cuidados para com os sentidos. A preocupação com a audição e a voz, cumpria compromissos com a futura oralidade; e a palavra, cumpria compromissos com a futura retórica da mocidade:

Para alcançar uma boa articulação deve-se ter muito cuidado na enunciação dos sons, as faltas na articulação posto que muitas vezes dependentes de algum defeito nos órgãos da palavra, são geralmente a consequência da falta de atenção e de mãos exemplos. Uma leitura freqüente de sentenças arranjadas de modo a repetir os sons que são mal expressos será um bom meio de correção.

Entre os agentes capazes de aperfeiçoar a voz, a musica vocal occupa inquestionavelmente o primeiro lugar. Ella dá ao larynge uma maior fluxibilidade, regulariza a respiração e aumenta o volume dos sons. Debaixo da influência da harmonia, as intonações se tornão justas e as transições fáceis; a voz se põe em relação com as palavras por meio do accentu; e pelo instincto musical, vão se fazendo pouco a pouco doces os mais rudes sons.

[...] Se pois é isto certo, e ahi vem a linguagem persuasiva e harmoniosa dos povos do meio dia nol-o confirmar, podemos apregoar como indispensável o emprego de semelhante agente nos nossos collegios.³¹⁷

E o ensino de música no estava presente nos currículos tanto da ficção, tanto da realidade, no Ateneu e no colégio Abílio:³¹⁸

A banda tinha casa própria e um professor bem pago. Os instrumentistas gozavam de particular favor nos relaxamentos de disciplina; nas ocasiões de festa eram mimoseados com um brinde de gulodices, condecoravam-se com distintivos de prata, que nem os harmoniosos concertantes o Orfeão logravam pilhar.³¹⁹

Apesar de notarmos enfaticamente a influência estrangeira nas acepções médicas, verificamos a institucionalização de um projeto nacional, pelo menos no plano escolar. A partir do momento em que as classificações higiênicas de Becquerel são adaptadas ao clima e geografia do Brasil, não podemos mais generalizar a tese de que o transplante de idéias estrangeiras alicerçado até aqui, seja completamente configurado ao cenário cultural nacional:

Ao que tudo indica, os imperativos geográfico, climático e o das funções orgânicas fizeram com que os médicos, membros da elite patrimonial, política e cultural, se sentissem obrigados a modular seus projetos de modo a possibilitar que a conformação escolar por ele composta tivesse condições efetivas de aceitação e, consequentemente, de implementação.³²⁰

³¹⁷ GUIMARÃES, Antenor Augusto Ribeiro. *Esboço de uma hygiene dos collegios applicável aos nossos; regras principaes tendentes à conservação da saúde e ao desenvolvimento das forças physicas e intellectuaes, segundo as quaes se devem regular os nossos collegios*. Rio de Janeiro: Typografia Imparcial de J. M. Nunes Garcia, 1858, p.45-46.

³¹⁸ Verificar o anexo 06, no Plano de Estudos do Colégio Abílio, onde o componente disciplinar “Música” está presente desde o 1º de estudos.

³¹⁹ POMPÉIA, Raul. *O Ateneu*. Coleção O Estado de São Paulo: Klick editora, 1997, p.95.

³²⁰ GONDRA, J. G. *Artes de civilizar: medicina, hygiene e educação escolar na Corte Imperial*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004, p.230.

Desta forma, na tentativa de aceitação do projeto higiênico para os colégios, a mudança de alguns padrões se tornou devidamente pertinente. Desta forma, supomos que o higienismo brasileiro começou a se estruturar no discurso presente nas teses médicas, principal meio de divulgação dos ideais da racionalidade médica na Corte do século XIX.

Ao elencar as classificações baseadas na literatura do médico francês Becquerel, dos autores que tomamos como referência, ambos atentam-se em organizar uma série de prescrições para a adequação das instituições escolares da Corte às regras médico higiênicas no tocante à conduta da educação da mocidade. Vimos que o ensino secundário foi considerado chave mestra para a determinação médica, considerado como guia de instrução para nivelar os futuros sujeitos da sociedade elitizada.

Neste sentido, nas teses médicas é evocada a defesa do formato de internato para as instituições secundárias. Observamos na tese de 1858, que após classificar as sistematizações quanto o intelecto, o físico e a moral, seu autor tece orientações para a constituição de um internato. Segundo Dr. Antenor Guimarães para um internato modelo, temos as seguintes recomendações:

Uma cosinha com todos os apetrechos, um refeitório espaçoso, quartos de banho; latrinas assejadas, largos dormitórios bastante arejados com accommodações para vestuario e para quartos dos professores da vigília – sallas de estudo sufficientes sallas de classes, salla de desenho, de esculptura e de musica, amphitheatro – gabinete de physica de historia natural e de chimica – laboratório de chimica recreios para cada devisão, enfermaria com todos os pertences – um gymnasio aberto – capella – accommodações convenientes para os directores, professores, e mais empregados.

A habitação deve ser construída sobre um sollo calcário e arenoso ou granítico, mas nunca humido e argiloso, circumdado de plantações diversas em diferentes direcções; deve-se evitar muito a proximidade de pântanos e grandes fabricas.

A divisão do tempo poderá ser a seguinte:

Levantar ás seis horas da manhã e deitar as dez da noite – quatro horas de estudo ou de repetições, três horas de curso, dias horas de refeição, uma hora para banhos e cuidados de asseio, uma para musica e artes, uma hora de gymnastica, quatro horas para jogos, esculptura e artes mecânicas.

O regimen não poderá ser uniforme para um grande numero de alumnos, dotados de temperamentos diversos; uma grande devisão entretanto não era possível, ella constará pois de duas espécies de alimentação, uma com predominância do regimen animal e a outra com predominância do regimen vegetal.

A applicação será deduzida dos princípios estabelecidos nas questões – temperamentos e alimentação e o regimen especial de um alumno deverá ser dictado pelo medico do estabelecimento, subordinado entretanto ao gosto d'elle todas as vezes que for possível

No refeitório – deve haver um estremo cuidado a respeito da qualidade dos alimentos, guardar as condições de asseio e o serviço deverá ser feito por um pessoal sufficiente. Os directores e professores participarão das mesmas refeições que os alumnos.

Os banhos e as vestimentas devem ser regulados pelo bom senso.

[...]Para o somno bastarão sete horas, uma meia hora para se levantarem, e uma outra para se deitarem. A capacidade do dormitório deve ser tal que cada alumno disponha de vinte e cinco metros de ar (aparte o dos meios de ventillação) janellas

sempre abertas durante o dia darão entrada ao ar exterior e durante a noite será illuminado por lâmpadas; os leitos construidos de ferro conterão um colção de clinas e um simples travesseiro: os dormitorios devem ser visitados varias vezes à noite.

As sallas e as classes deverão compor-se de uma só peça, vasta perfeitamente clara e ventilada, os assentos terão a disposição necessária para a vigilância do mestre. A noite a illumination se fará com lâmpadas cercada com um globo de vidro ligeiramente azulado e munidos de um reflectidor metálico, seo numero será variável e deverão pender do tecto para que os raios não offendão aos olhos.³²¹

Nota-se no excerto acima que o médico evoca novamente as medidas de classificação de Becquerel, só que desta vez, em forma de síntese e sem o uso das nomenclaturas: Circumfusa, Applicata, Gesta, Ingesta, Excreta e Percepta. Utiliza-se, da generalidade para refazer as orientações quanto à composição estrutural e metodológica para os colégios de educação secundária da Corte: cozinha, dormitórios, divisão do tempo, alimentação, refeitórios, banhos, sono, iluminação e circulação do ambiente. Podemos considerar como um bom resumo, ou uma síntese transformada em um pequeno manual para a higiene dos colégios.

No Ateneu, o personagem Sérgio passa os seus dias também sob o regime de internato. Este modelo também é defendido por Aristarco, o diretor, e pela pedagogia higiênica por ser o que mais preservava a moral da mocidade. Porém durante este período de reclusão, eram permitidas saídas periódicas:

Os dias de saída eram de quinze em quinze. Partia-se ao domingo, depois da missa; voltava-se à segunda-feira, antes das nove da manhã. Os dias santos de guarda ocasionavam saídas de véspera. O comissário dos gêneros e despenseiro insistia com o diretor afrouxasse mais o sistema de feriados. Os rapazes precisam passear, grifava ele, com a liberdade de mordomo confidente. Aristarco replicava com a invenção cordata dos gêneros de terceira, elasticidade insensível dos orçamentos.

Havia, porém, saídas extraordinárias de prêmio ou de obséquio.³²²

Em momentos antes de concluir o romance, faz-se um discurso a favor do regime de internatos, como sendo a melhor forma de convivência entre alunos e mestres. A reclusão aparece como a única forma viável de aprendizagem para a convivência em sociedade:

O internato com a soma dos defeitos possíveis é o ensino prático da virtude, a aprendizagem do ferreiro à forja, habilitação do lutador na luta. Os débeis sacrificam-se, não prevalecem. Os ginásios são para os privilegiados da saúde. O reumatismo deve ser péssimo acrobata. Erro grave combater o internato.³²³

³²¹ GUIMARÃES, Antenor Augusto Ribeiro. *Esboço de uma hygiene dos collegios applicável aos nossos; regras principaes tendentes à conservação da saúde e ao desenvolvimento das forças physicas e intellectuaes, segundo as quaes se devem regular os nossos collegios*. Rio de Janeiro: Typografia Imparcial de J. M. Nunes Garcia, 1858, p.65-66.

³²² POMPÉIA, Raul. *O Ateneu*. Coleção O Estado de São Paulo: Klick editora, 1997, p.39.

³²³ *Ibid*, p.131.

Em seguida Sérgio tece reflexões sobre a educação e o regime de internato:

Falava uma vez sobre educação.

Discuti a questão do internato. Divergia do parecer vulgar, que o condena.

É uma organização imperfeita, aprendizagem de corrupção, ocasião de contato com indivíduos de toda origem? O mestre é tirania, a injustiça, o terror? O merecimento não tem cotação, cobrejam as linhas sinuosas da indignidade, aprova-se a espionagem, a adulação, a humilhação, campeia e intriga, a maledicência, a calúnia, oprimem os prediletos do favoritismo, oprimem os maiores, os mais fortes, abundam as seduções perversas, triunfam as audácias dos mulos? A reclusão exacerba as tendências ingênicas?

Tanto melhor, é a escola da sociedade.

Ilustrar o espírito é pouco; temperar o caráter é tudo. É preciso que chegue um dia a desilusão do carinho doméstico. Toda a vantagem em que se realize mais cedo.

A educação não faz almas: exercita-as. E o exercício moral não vem das belas palavras de virtude, mas do atrito com as circunstâncias.

A energia para afrontá-las é a herança de sangue dos capazes da moralidade, felizes na loteria do destino. Os deserdados abatem-se.

[...] O internato é útil; a existência agita-se como a peneira do garimpeiro: o que vale mais e o que vale menos, separam-se.³²⁴

E propõe a seguinte discussão: seria a escola o reflexo da sociedade?

Ensaçados no microcosmo do internato, não há mais surpresas no grande mundo lá fora, onde se vão sofrer todas as convivências, respirar todos os ambientes; onde a razão da maior força é a dialética geral, [...]; onde o aviltamento é quase sempre a condição do êxito, como se houvesse ascensões para baixo; onde o poder é uma redoma de chumbo sobre as aspirações altivas; onde a cidade é franca para as dissoluções babilônicas do instinto; onde o que é nulo, flutua e aparece, como no mar das pérolas imersas são ignoradas, e sobre-nadam ao dia as alga mortas e espuma.

[...]

Cada mocidade representa uma direção. Hão de vir os disfarces, as hipocrisias, as sugestões de habilidade, do esclarecimento intelectual; no fundo a direção do caráter é invariável. A constância da bússola é uma, temos todos um norte necessário: cada um leva às costas o sobrescrito da sua fatalidade. O colégio não ilude: os caracteres exibem-se em mostrador da franqueza absoluta. O que tem de ser, é já. E tanto mais exato, que o encontro e a confusão das classes e das fortunas equipara tudo, suprimindo os enganos de aparato, que tanto complicam os aspectos da vida, que no internato apagam-se no socialismo do regulamento.

E não se diga que é um viveiro de maus germes seminário nefasto de maus princípios, que não de arborescer depois. *Não é o internato que faz a sociedade, a sociedade o reflete.* A corrupção que ali viceja, vai de fora. Os caracteres que ali triunfam, trazem ao entrar o passaporte do sucesso, como os que se perdem, a marca da condenação.³²⁵

Encontra-se, em momentos finais do romance, a proposta de discussão sobre o percurso do personagem Sérgio no internato para meninos. A austeridade que transparece em suas palavras finais indica que, embora o internato objetivasse afastar a mocidade dos demais alunos, dos vícios e da insalubridade que permeava a corte, as atitudes que corrompem a moral e os bons costumes permaneciam em seu interior. Quando afirma-se que “a educação não faz almas: exercita-as. E o exercício moral não vem das belas palavras de virtude, mas do

³²⁴ Ibid, p.130-131.

³²⁵ Ibid, p.130-131.

atrito com as circunstâncias.” Portanto, a educação viria do convívio com as situações encontradas dentro e fora do internato.

Para Raul Pompéia, o tempo de reclusão, aproximadamente 02 anos, vividos em regime de internato, serviu para concluir que, embora longe da sociedade, ela estava lá dentro representada: na austeridade do diretor, na vigilância dos atos, na brutalidade dos mais fortes aos mais fracos, na exigência das boas notas e na persuasão dos seus atos. E se “não é o internato que faz a sociedade, a sociedade o reflete”, a implementação do discurso médico-higiênico na educação se encontra devidamente refletida, na comparação minuciosa entre as prescrições das normas higiênicas presentes no discurso dos doutores em medicina, e no resgate das descrições segundo as memórias do intelectual brasileiro Raul Pompéia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações finais possuem como função, alinhar a dissertação exposta até aqui de modo a esclarecer o leitor sob quais premissas se operou durante a elaboração da pesquisa, e, se o objeto exposto como observação foi devidamente trabalhado segundo a apresentação introdutória. Sob estas condições, o higienismo alavancado pela medicina social, o cenário histórico e educacional da corte Imperial, o ensino secundário e o romance de Memórias O Ateneu foram temas tratados e sistematizados pelo viés da História da Educação.

Trataremos agora da finalização:

As transformações sociais advindas com a chegada da Corte portuguesa ao Brasil, em 1808, modificaram o cenário colonial. A criação dos cursos superiores, em especial o de Medicina corrobora com a implementação de uma vertente da medicina, a social.

A preocupação com a sociedade se faz pertinente a ponto dar à Corte, ares de civilidade, para tanto, aspectos de sua estrutura, saneamento e educação tornaram-se prioridade para o Estado, que, amparado numa aliança com o profissional da medicina, forja estratégias de medicalização da população. Com o intuito de transformar a Corte Imperial mais saudável traçaram-se estratégias e buscaram colocá-las em prática.

Medicina, Higienismo e Educação na sociedade Imperial, no primeiro capítulo da pesquisa, vêm abarcar o cenário das relações, primeiramente, dos aspectos gerais da influência da medicina social da Corte, e, em seguida, dos aspectos higienistas direcionados propriamente às medidas educacionais. Prioriza-se a constituição do profissional de medicina em relação às outras formas de cura, até então predominantes do Brasil colônia, e, conjuntamente os dispositivos médicos para a legitimação do saber científico. Neste momento, a Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro e a Academia Imperial de Medicina constituem parâmetros fixos de encontro de produção de manuais e aprimoramento das estratégias médicas.

A exemplo, trabalhou-se com a análise das teses de conclusão de curso da Academia Imperial de Medicina, reflexo do pensamento social para a época e expressão da mentalidade médica e suas exposições sobre parâmetros da sociedade. Vê-se na influência médica francesa, os parâmetros para a adequação das prescrições quanto ao discurso educacional proferido pelos médicos recém formados. O médico francês Becquerel, através do seu *Traité elementare d'hygiene*, escrito em 1854, fez-se guia para os médicos brasileiros nessas determinações. Baseando - se nos preceitos: Circumfusa, Applicata, Gesta, Ingesta,

Excreta e Percepta, foi alicerçado o direcionamento higiênico para as instituições de educação da Corte.

Observou-se que a tríade higiênica permeou os conceitos do médico francês Becquerel, utilizando-se da moral, do intelecto e do físico para guiar a mocidade carioca rumo à formação para a moral e os bons costumes. Esta representação pedagógica não representa novidade nos rumos que a história da Educação percorreu. Sabemos que desde a Grécia Antiga, as determinações acometidas pela *Paidéia*, modelo ideal para a educação, perpassa pelos preceitos morais, intelectuais e principalmente físicos da mocidade.

A educação no cenário Imperial é resgatada no segundo capítulo da pesquisa de forma a elucidar como se erigiu a formação educacional no Brasil, com seus caminhos e descaminhos engendrando prioridade para a educação elitista imperial, de caráter humanístico e propedêutico refletido do ensino particular secundário.

Percebe-se que o cenário educacional no Brasil Imperial encontra-se fora de foco. Ao mesmo tempo em que é colocado em prática inúmeras tentativas de reformas, advindas de fora, a exemplo de modelos franceses e alemães. Percebemos que a intenção educacional, muitas vezes, perdeu-se no contato com a ausência de estrutura e ânimo para a sua continuidade.

A parceria entre “Elitismo” e modelo “Escravocrata” de produção gerou um modelo educacional de “Exclusão” da maioria da população. Os três “es” permaneceram durante todo o século XIX, caracterizando principalmente as ausências e descasos dado ao ensino elementar após o Ato Adicional de 1834, com o desligamento da responsabilidade do governo sob a educação elementar e secundária.

Nesta conjuntura destacou-se as principais instituições secundárias e particulares do período, dando ênfase ao Colégio Pedro II (1838), e ao Colégio Abílio da Corte (1871), ambos localizados na sede do Império: o Rio de Janeiro. Para este último enfocamos especial atenção devido à sua proximidade com a outra fonte de pesquisa analisada: o romance *O Ateneu*, de Raul Pompéia.

Tomar a literatura como fonte histórica requer uma série de cuidados, decorrentes do fato de trabalhar com uma fonte com representações simbólicas, na qual a História se faz presente por meio da mediação da linguagem criadora da literatura. O contexto intrínseco à obra de literária não pode ser desconsiderado da interpretação da história, pois nele estão contidos aspectos fidedignos de compreensão e estudos do cotidiano histórico-cultural de determinado período.

Partiu-se do pressuposto que a obra literária *O Ateneu*, de 1888, sendo considerado um romance de memórias, ressalta os tempos vividos pelo autor Raul Pompéia no Colégio Abílio da Corte, sob regime de internato, dirigido por Abílio César Borges, o médico e educador, também conhecido como o Barão de Macaúbas. Sob estes aspectos, apresentou-se no terceiro capítulo, aspectos da vida e da obra de Raul Pompéia objetivando estabelecer conexões entre sua vida como intelectual engajado politicamente durante a transição Império-República em finais do século XIX.

E não só o perfil intelectual de Pompéia nos permite avaliações. Filho da elite do interior fluminense, Raul Pompéia obteve a educação da “ilha de letrados”, segundo conceitos já vistos de Sérgio Murilo de Carvalho. Um sujeito de seu tempo, que revelou severas críticas à educação elitista do período. Sabendo-se do fato, podemos dizer que Raul D’Avila Pompéia atuou também como membro do movimento republicano, deixando claro em seus escritos sua posição revolucionária e liberal.

Para os interessados em pesquisar a literatura como fonte, cabe mostrar que o conteúdo ficcional é social em dois sentidos: depende do ambiente histórico e age sobre este ambiente. Interessa-se principalmente analisar os tipos de relações e os fatos estruturais ligados à vida artística, como causa ou consequência.

Desta maneira, como primordial tarefa, investigou-se as influências concretas exercidas pelos fatores socioculturais. Estes fatores, em linhas gerais ligam-se à estrutura social (que define a posição social do artista), aos valores e ideologias (que definem a forma e o conteúdo da obra), às técnicas de comunicação (que definem a transmissão da obra).

No intuito de resposta à pergunta de pesquisa levantada na introdução: “quais as principais tendências norteadoras da educação durante o Brasil Imperial?”, escreveu-se “Aspectos do higienismo no ambiente escolar da ficção: *O Ateneu*”. Neste último momento do texto, direcionou-se atenção às fontes da pesquisa: as teses de conclusão de Curso em Medicina dos Doutores: José de Andrada Júnior, de 1855 e Antenor Augusto Ribeiro Guimarães, de 1858, em concomitância aos excertos do romance.

No tocante ao romance como fonte de pesquisa, explora-se a sua preocupação com a representação da realidade no cotidiano das práticas escolares em uma instituição secundária do Império: o Colégio Abílio da Corte, sendo que seu personagem principal é atrelado ao próprio intelectual Raul Pompéia. Os excertos foram escolhidos com o propósito de comprovação dos preceitos do discurso médico-higiênico levantados por influência francesa do Dr. Becquerel e seguida pelos médicos brasileiros acima descritos.

A estrutura e localização dos prédios escolares, as vestimentas, o tipo de alimentação, a preocupação com a luminosidade para a leitura, as horas de estudo, a ventilação dos quartos, as horas regadas para o lazer, a manutenção do físico, as horas dedicadas à ginástica, aos banhos a vigilância moralizante, e demais aspectos retratados, são exemplos que Abílio César Borges, representado pelo diretor Aristarco, como médico e educador implantou os direcionamentos higiênicos no interior da sua instituição.

Desta forma, conclui-se que a educação secundária da Corte, amparada pelas estratégias da medicina social durante o século XIX, foi amplamente influenciada pelo discurso médico higiênico presente nas teses médicas elencadas e que, o romance escolhido, de finais do Brasil Império, corrobora com esta afirmação a partir do momento que nele encontramos representações fidedignas de comprovação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGASSIZ. *Viagem ao Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1880.

ALENCASTRO, Luis Felipe. *Vida privada e ordem privada no Império*. In: NOVAIS, Fernando A. *História da vida privada no Brasil: Império: corte e a modernidade nacional*. São Paulo: Companhia das Letras, v. 2, 1997.

ALMEIDA, Francisco Manuel Raposo de. *A origem do colégio Pedro II*. *Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro*, São Paulo, t. XIX. 1856, p. 66.

ANDRADE, Mário. *Aspectos da literatura brasileira*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

ARIÈS. Philipe. *História social das crianças e da família*. Tradução: Dora Flaksman. 2ª edição. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

AZEVEDO, Fernando de Azevedo. *A cultura brasileira*. 5ª ed., São Paulo: Melhoramentos, Editora da USP, 1971.

BARBOSA, Sidney. *Caminhos e Descaminhos da Educação brasileira no século XIX*. In: O Ateneu: retórica e paixão / organização Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Brasiliense: Editora da Universidade de São Paulo: 1998.

BARRETO, Plínio. *Livros Novos: A vida inquieta de Raul Pompéia*. In: O Estado de São Paulo, 1936.

BERCHO, Carolina Fuzaro. O Discurso Higiênico na Educação do Rio de Janeiro Imperial: Colégio Pedro II (1838-1857). Trabalho de Conclusão de Graduação em História, FHDSS-UNESP Campus Franca-SP, 58p, 2006.

BINZER, Ina Von. *Os meus Romanos: alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil*, 3ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

BITTAR, Marisa. *História da Educação: da antiguidade à época contemporânea*. São Carlos: EDUFSCar, 2009.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 3 ed. São Paulo: Cultrix, 1987.

BOURDIEU, Pierre. *Razões Práticas: Sobre a teoria da ação*. Tradução: Mariza Corrêa. Campinas, SP: Papyrus, 1996.

BRASIL, Rodrigo Chagas. *Literatura e medicina na construção da sensibilidade brasileira oitocentista*. 2005. Dissertação (Mestrado em História)- Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista, Franca, 2005.

BROCA, Brito. Raul Pompéia. São Paulo: Melhoramentos, s/d. Coleção Grandes Vultos das Letras, nº 21.

BURKE, Peter. *A escola dos Annales: 1929-1989*. São Paulo: UNESP, 1997.

CALABRESI, Luis Henrique de Freitas. *A Formação Superior em Direito nas obras de Machado de Assis.*/ Luis Henrique Calabresi. Dissertação de Mestrado em Fundamentos da Educação. São Carlos: UFSCar, 2009.

CANDIDO, Antônio. *Formação da literatura brasileira (momentos decisivos) 1750-1836.* 8ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997.

_____. CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da literatura brasileira.* 7 ed. São Paulo: Difel, 1978. v.2.

CAPAZ, Camil. *Raul Pompéia: Biografia.* Rio de Janeiro: Gryphus, 2001.

CARVALHO, José Murilo. *A Construção da Ordem: A elite Política Imperial.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARVALHO, Anelise Maria Muller de & FLORIO, Marcelo. *A literatura como documento histórico.* In: revista D'art. nº 02. São Paulo: Prefeitura de São Paulo/Secretaria Municipal de Cultura, 1998.

CASTANHA, André Paulo. *Pedagogia da Moralidade: a Ordem Civilizatória Imperial.* Artigos. História, Educação e Sociedade no Brasil - HISTEDBR -Faculdade de Educação - UNICAMP. In: http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/artigos_frames/artigo_014.html.

CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial.* São Paulo: Cia. das Letras, 1999.

COELHO, Eduardo Campos. *As profissões imperiais: medicina, engenharia e advocacia no Rio de Janeiro – 1822 – 1930.* Rio de Janeiro: Record, 2003.

CORREA, Rubens Arantes. *Literatura e Identidade Nacional: Raul Pompéia e os percalços do nacionalismo brasileiro.* São Carlos: UFSCar, 2001. 181p. Mestrado (Sociologia Política).

COSTA, Emília Viotti da. *Da Monarquia à República: momentos decisivos.* São Paulo: Fundação Editora UNESP, 2007.

COSTA, Jurandir Freire. *Ordem Médica e Norma Familiar.* Rio de Janeiro: Graal, (Biblioteca de Filosofia e História das Ciências v. 5, 1999.

COUTINHO, Afrânio (dir.). *A literatura no Brasil.* 3 ed., v. 3 e 4. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

_____. *Introdução: Raul Pompéia, Político.* In: COUTINHO, Afrânio (org.). *Obras de Raul Pompéia: Escritos Políticos.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; MEC; FENAME. 1982. v.5.

CRESPO, Jorge. *A história do corpo.* Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CRUZ COSTA, João. *O Pensamento brasileiro sob o Império.* In: HOLANDA, Sérgio Buarque de Holanda de. *História Geral da Civilização Brasileira.* 6ª ed. São Paulo: DIFEL, 1985. t. II, Livro 3º(Capítulo 1).

DONZELOT, Jacques. *A polícia das famílias*. Tradução de M. T. da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1980, p. 07.

DURKHEIM, Emile. *Educação e sociologia*. Trad. Lourenço Filho, Edições. Melhoramentos, São Paulo, 4ª ed., 1955.

ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador; uma história dos costumes*. Tradução Rui Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1990.

FERNANDES, Florestan. *A educação e sociedade no Brasil*. São Paulo: Dominus Editora, USP, 1996.

FERREIRA, Luis Otávio. *O nascimento de uma instituição científica – o periódico médico da primeira metade do século XIX*. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 1996.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. *As pesquisas denominadas Estado da Arte*. In: <http://www.fe.unicamp.br/alle/textos/NSAF-AsPesquisasDenominadasEstadodaArte.pdf>

FORSTES, Edward. *Aspectos do romance*. Tradução de Maria Helena Martins. 2 ed. São Paulo: Globo, 1998.

FOUCAULT, *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*; tradução de Raquel Ramallete. 36. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *A Higienização do Povo: Medicina Social e Alienismo no Rio de Janeiro Oitocentista*. 114 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – FFCH – UFMG, 1990.

FRANÇA, Jean Carvalho. *A higienização do povo: Medicina social e alienismo no Rio de Janeiro oitocentista*. 1990. 114 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – FFCH – UFMG, 1990. Cedido pelo autor.

_____. *Literatura e sociedade no Rio de Janeiro oitocentista*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1999.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala*. Rio de Janeiro: Record, 1993.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mocambos*. Rio de Janeiro: Record, 1996.

GOMES, Eugênio. *Prata da casa*. Rio de Janeiro: A Noite, 1952.

GONDRA, José Gonçalves (org); Vieira, Carlos Eduardo. *Pesquisa em História da Educação no Brasil*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

_____. *Artes de civilizar: medicina, higiene e educação escolar na Corte Imperial*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004.

_____. *A arte de endurecer “miolos moles e cérebros brandos”: a racionalidade médico-higiênica e a construção social da infância*. Revista Brasileira de Educação, n.26, p.69-182, mai./ago. 2004.

_____. *A escola e a produção de sujeitos higienizados*. PERSPECTIVA, Florianópolis, v.20, n.02, p.493-512, jul./dc2. 2002.

_____. *A Sementeira do porvir: higiene e educação no século XIX*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.26, n.01, p. 99-117, jan./jun. 2000.

_____. *Arquivamento da vida escolar: um estudo sobre O ATHENEU*. In: VIDAL, Diana Gonçalves, SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano de Souza. (org) *A memória e a sombra: A escola brasileira entre o Império e a República*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

_____. Abílio César Borges. In: FAVERO, M. L. A.; BRITTO, J.M. (org). *Dicionário de Educadores do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/MEC-Inep, 1999.

_____. *Higiene e Cultura escolar*. In: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema3/0350.pdf>. Acessado em 24/01/2010

_____. *Homo Higienicus: Educação, Higiene e a reinvenção do homem*. Cad. Cedes, Campinas, v. 23, n. 59, p. 25-38, abril 2003.

_____. *Sem Deus nem Rei? O Positivismo na Escrita da Educação Brasileira*. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Brasília, v.77, n.185, p.169-190, jan - abr.1996.

Haidar, Maria de Lourdes Mariotto. *O Ensino Secundário no Império Brasileiro*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1972.

HOLANDA, Aurélio Buarque de (coord.). *O Romance Brasileiro (de 1752 a 1930)*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1952.

HOLANDA, Sérgio Buarque de (dir.). *História geral da civilização brasileira: o Brasil monárquico*. 2 ed., tomo II, vols. 1, 2 e 3. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

_____, Sérgio Buarque. *História geral da civilização brasileira. O Brasil monárquico*. 2. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

_____, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999
In: <http://www.fe.unicamp.br/alle/textos/NSAF-AsPesquisasDenominadasEstadodaArte.pdf>. Acessado em 24/01/2010.

IVO, Lêdo. *O universo poético de Raul Pompéia*. Rio de Janeiro: São José, 1963.

JULIA, Dominique. *A Cultura Escolar como objeto Histórico*. In: Revista Brasileira de História da Educação, n. 01. Campinas: Editores Associados, 2001.

JÚNIOR, Caio Prado. *História Econômica do Brasil*. 33ªed. São Paulo: Ed. Brasiliense. 1986.

LIMA, Pedro de Araújo, VASCOBCELLOS, Bernardo Pereira. *Revista do Internato*. nº. 03. Regulamento nº. 08, 1838.

MACEDO, Joaquim Manuel. *Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro*. 2. ed. Rio de Janeiro: Garnier, 1967.

MACHADO, Roberto. *Danação da norma: medicina social e construção da psiquiatria no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

MARTINS, Wilson. *A palavra escrita*. São Paulo: Anhembi, 1957.

MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira (1794-1855)*. São Paulo: Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo, v.02, 1977.

MATTOS, Ilmar Rohloff de. GONÇALVES, Marcia de Almeida. *O império da boa sociedade: a consolidação do Estado imperial brasileiro*. 7ª ed. São Paulo: Atual, 1991. p. 117-170, 2003. In: *Educação no Brasil: história, cultura e política*.

MELLO E SOUZA, Antonio Candido. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Publifolha, 2000.

MOACYR, Primitivo. *A instrução e o Império* (Subsídios para a história da educação no Brasil) 1850-1853. 2º vol. São Paulo: Cia. Editora nacional, 1936. (Série Brasileira, n. 66).

MOACYR, Primitivo. *A instrução e o Império* (Subsídios para a história da educação no Brasil) 1850-1853. 3º vol. São Paulo: Cia. Editora nacional, 1936. (Série Brasileira, n. 66).

MOACYR, Primitivo. *A instrução e o Império* (Subsídios para a história da educação no Brasil) 1854-1889. 3º vol. São Paulo: Cia. Editora nacional, 1936. (Série Brasileira, n. 66).

NABOKOV, Vladimir. *Nicolai Gogol: uma biografia*. São Paulo: Ars Poética, 1994, p. 7-8.

NISKIER, Arnaldo. *Educação brasileira: 500 anos de história*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1989.

NOVAIS, Fernando A, ALENCASTRO, Luis Felipe de. *História da Vida Privada no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

NOVAIS, Fernando; ALENCASTRO, Luis Felipe (org) *História da Vida Privada no Brasil*. vol. 2, São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

NÓVOA, Antonio. *Do mestre-escola ao professor do ensino primário – Subsídios para a história da profissão docente em Portugal (séculos XV-XX)*. *Análise Psicológica*, Lisboa, n. 3, p.415, 1987.

NUNES, Clarice. *A Instrução Pública e a Primeira História Sistematizada da Educação Brasileira*. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, n. 93, p.51-59, Maio, 1985.

NUNES, Clarice. *História da Educação: Espaço de desejo*. Em *Aberto*, Brasília: v. 09, n. 47, p.37-45, jul./set. 1990.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *O Ateneu: retórica e paixão*. São Paulo: Brasiliense/EDUSP, 1998.

POMPÉIA, Raul. *O Ateneu – crônica de saudades*. Biografia, introdução e notas de Ivan Cavalcante Proença, com ilustrações originais do autor. Rio de Janeiro: Ediouro. s/d.

POMPÉIA, Raul. *O Ateneu*. Coleção O Estado de São Paulo: Klick editora, 1997.

POMPÉIA, Raul. *O Atheneu (Crônica de Saudades)*. Rio de Janeiro: Francisco Alves e Cia., 1905.

PONTES, Eloi. *A vida inquieta de Raul Pompéia*. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Ed., 1935.

PRADO JÚNIOR, Caio. *Evolução política do Brasil: Colônia e Império*. 16 ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.

RAMOS, Fábio Pestana. *História e Literatura: ficção e veracidade*. Domínios de Linguagem II, 2003.

ROMERO, Sílvio. *História da Literatura Brasileira*. 7 ed., 5 vols. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília, INL, 1980

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emílio ou da Educação*. 2ed.. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SAMPAIO, Gabriela dos Reis. *Nas trincheiras da cura: as diferentes medicinas no Rio de Janeiro imperial*. Campinas: Editora da UNICAMP, CECULT, IFCH, 2001 (Coleção Várias Histórias).

SANTOS FILHO, Lycurgo. *História Geral da Medicina Brasileira*, v. I. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.

SANTOS, Maria Terezinha da Consolação Teixeira. *De como a Educação escolar torna-se palco no Romance Brasileiro*. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: São Paulo, 1988.

SAVIANI, Demerval. *A História das idéias pedagógicas no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2007.

SAVIANI, Demerval. *Concepção de Dissertação de Mestrado centrada na idéia de monografia de base. Pós Graduação em Educação*. Revista Educação Brasileira: Brasília, 13(27), 2º sem. 1991, p. 164.

SCHWARZ, Roberto. *Idéias fora do lugar*. Revista Estudos CEBRAP, nº. 03. São Paulo. Editora Brasiliense, 1976.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. *Cultura e sociedade no Rio de Janeiro (1808-1821)*. 2 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.

STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara. *Histórias e Memórias da Educação no Brasil*. O ensino secundário no século XIX: instruindo as elites. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

VALDEZ, Diane. *Mens Sana in Corpore Sano: Os colégios do Dr. Abílio César Borges, o barão de Macahúbas (1858-1891)*. In: Revista eletrônica HISTEBR – FE - UNICAMP.

WEREBE, Maria J.G. *A educação*, In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *História Geral da Civilização Brasileira*. 6ª ed. São Paulo: DIEFEL, 1985. tomo II, vol. 04, (Capítulo III).

XAVIER, Maria Elizabete Sampaio Prado. *A educação da sociedade brasileira: um exame das concepções e das práticas educacionais na produção literária nacional (1840-1920)*. Tese de Livre Docência. Faculdade de Educação – UNICAMP, Campinas, 2002.

XAVIER, Maria Elizabete Sampaio Prado. *Poder Político e educação de elite*. São Paulo: Cortez Editora: Autores Associados, 1980.

DOCUMENTOS

Gazeta Médica do Rio de Janeiro. 1976.

Relatório da Comissão de Salubridade Geral da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, sobre as causas de infecção da atmosfera da corte, aprovado pela mesma Sociedade em sete de dezembro de 1831, p. 36.

Discurso proferido na sessão da Academia Real de Ciências de Lisboa, em 24 de junho de 1813. Extraído das memórias da mesma Academia, tomo II – ano de 1814 – Cap.04. In: *Produções intelectuais de José Bonifácio*: <http://www.novomilênio.inf.br/santos/h0184z58.htm>. Acessado em 07/10/2010.

TESES DA FACULDADE DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO

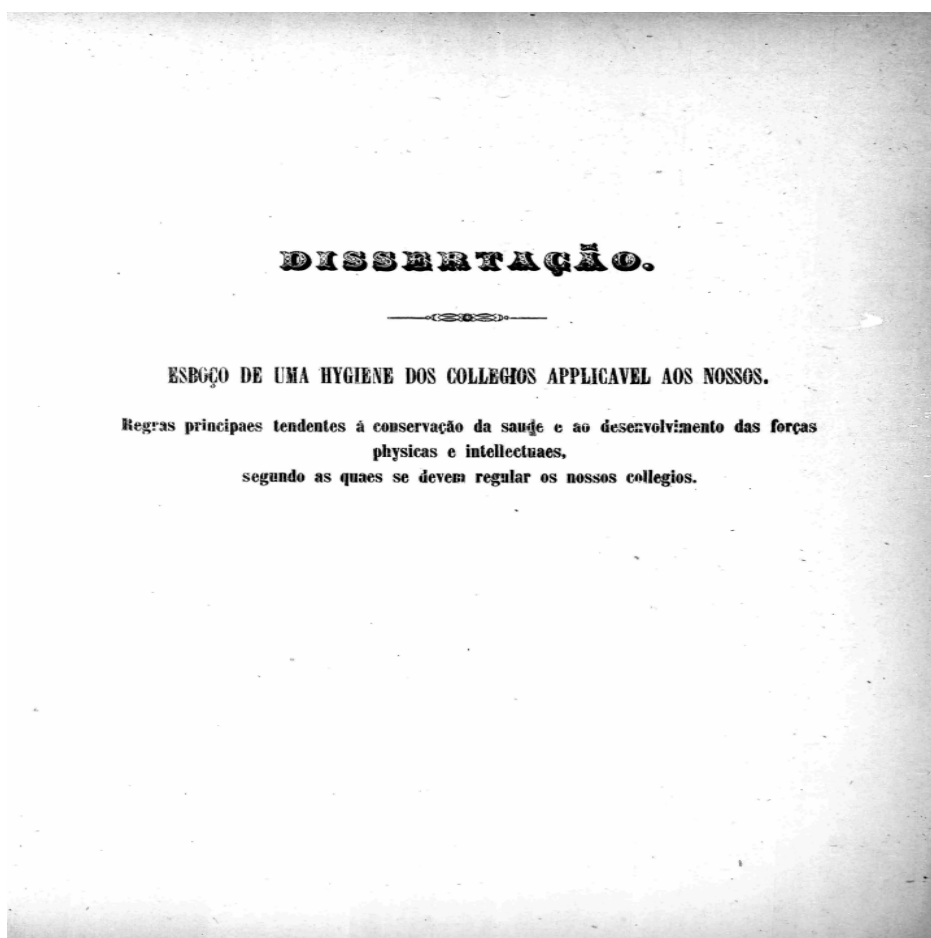
ANDRADA JR, José Bonifácio Caldeira. *Esboço de uma hygiene dos collegios applicável aos nossos; regras principaes tendentes à conservação da saúde e ao desenvolvimento das forças physicas e intellectuaes, segundo as quaes se devem regular os nossos collegios*. Rio de Janeiro: typografia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve, 1855.

GUIMARÃES, Antenor Augusto Ribeiro. *Esboço de uma hygiene dos collegios applicável aos nossos; regras principaes tendentes à conservação da saúde e ao desenvolvimento das forças physicas e intellectuaes, segundo as quaes se devem regular os nossos collegios*. Rio de Janeiro: Typografia Imparcial de J. M. Nunes Garcia, 1858.

ANEXOS

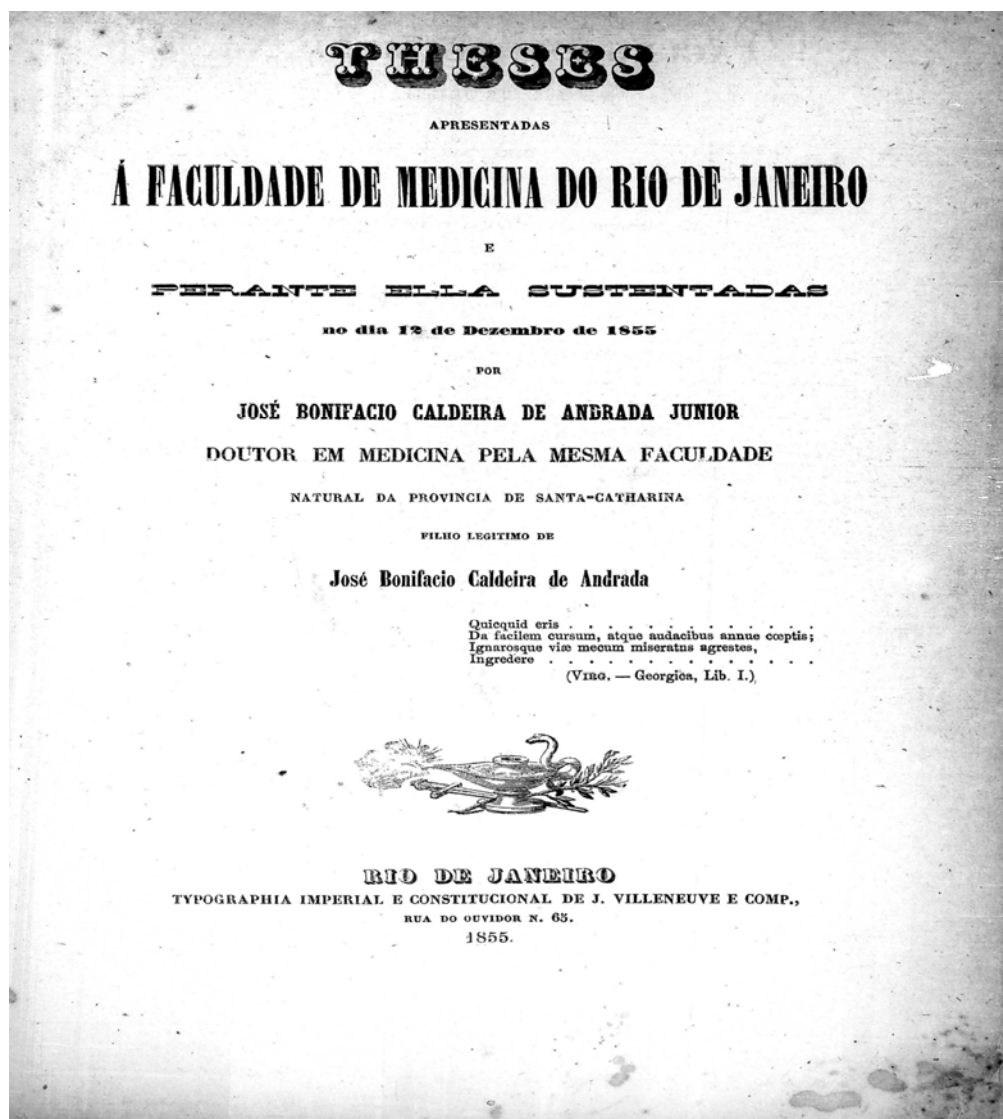
ANEXO 01

Capa das Teses com o título: *Esboço de uma hygiene dos collegios applicável aos nossos; regras principaes tendentes à conservação da saúde e ao desenvolvimento das forças physicas e intellectuaes, segundo as quaes se devem regular os nossos collegios.*



ANEXO 02

2.1- Contra capa de Tese Médica



THÈSE

APRESENTADA

À FACULDADE DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO

E PERANTE ELLE SUSTENTADA A 27 DE NOVEMBRO DE 1858

POR

ANTENOR AUGUSTO RIBEIRO GUIMARÃES

Natural de S. João d'El-Rey; (Minas-Geraes.)

DOUTOR EM MEDICINA PELA MESMA FACULDADE

E

PROFESSOR DA LINGUA INGLEZA

FILHO LIGITIMO

DE

JOÃO RIBEIRO GUIMARÃES.



RIO DE JANEIRO.

TYPOGRAPHIA IMPARCIAL DE J. M. NUNES GARCIA,

RUA DA CARIOCA N. 31.

1858.

Anexo 2.2

Dedicatórias: aos pais, outros familiares, amigos e autoridades; mortos e vivos

MEUS PAIS.

A vossa benção; que me seja ella santelmo nas horas da tormenta.... que me faça, a bem da humanidade que soffre, traduzir em abnegação da vida e caridade quanto reconhecimento se me espedaça nos labios, quanto amor me ficou no coração, pela ternura em que de todo o tempo me embalastes, pelos beneficios que tão largamente me haveis prodigalisado!

A vossa benção, meus pais; e permitti que, no momento em que uma nova scena tão cheia de interesse para mim se desenrola no drama da minha vida social, seja por vós o primeiro movimento de minha alma agradecida: é a primeira letra—se bem que mai pronunciada—de uma phrase eterna de amor e agradecimento, para cujo enunciado não bastára a vida, mas que jaz profundamente gravada no coração saudoso do

Vosso filho

JOSE.

AO MEU AMIGO

O ILLM. SR.

JOSÉ MARQUES DE ALMEIDA.

Eis a chave com que vão-me ser franqueadas as portas do sagrado templo da Sciencia, e entregue a branca estola do sacerdocio de Hippocrates; não é forjada de ouro, e no mal acabado dos lavores facil transvê-se a tibieza do artista novato. Não vos importe porém a imperfeição do trabalho; recebei-o unicamente como fraca, mas sincera, homenagem de um mancebo agradecido que, ao sottopôr o ultimo marco da sua viagem escolastica, não acha outro meio de agradecer áquelle que, por uma sollicitude desinteressada e nunca desmentida, ensinou-o a percorrê-la sem tropeçar nos estorvos que sóem çortar o passo á mocidade inexperta. Recebei, pois, como protesto de uma amizade eterna a offerta do meu pequeno livro, possão vossos annos ser contados por cada uma das palavras que nelle gravei! pudesse cada uma das suas letras significar para mim uma nova occasião de provar-vos o meu sincero reconhecimento!

O AUTOR.

À MINHA FAMILIA.

A TODOS OS MEUS PARENTES.

AOS MEUS VERDADEIROS AMIGOS.

Anexo 03

PLANO DE ENSINO DA FACULDADE IMPERIAL DE MEDICINA (1858)

FACULDADE DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO.

DIRECTOR:

O Exm. Sr. Conselheiro Dr. José Martins da Cruz Jobim.

VICE-DIRECTOR:

O Illm. Sr. Dr. José Bento da Rosa.

LENTES PROPRIETARIOS:

OS ILLMS. SRS. DOUTORES:

1.º ANNO.

Francisco de Paula Candido.....	Physica em geral e particularmente suas applicações á medicina.
Joaquim Vicente Torres Homem.....	Chimica e Mineralogia.
José Ribeiro de Souza Fontes.....	Anatomia descriptiva.

2.º ANNO.

Francisco Gabriel da Rocha Freire.....	Botanica e Zoologia.
Francisco Bonifacio de Abreu.....	Chimica organica.
Lourenço de Assis Pereira da Cunha.....	Physiologia.
José Ribeiro de Souza Fontes.....	Anatomia descriptiva.

3.º ANNO.

Lourenço de Assis Pereira da Cunha.....	Physiologia.
Francisco Praxedes de Andrade Pertence.....	Anatomia geral e pathologica.
Antonio Felix Martins.....	Pathologia geral.

4.º ANNO.

Antonio Ferreira Franca.....	Pathologia externa.
Antonio Gabriel de Paula Fonseca.....	Pathologia interna.
Luiz da Cunha Feijó.....	Partos, molestias das mulhéres peçadas e paridas e dos meninos recém-nascidos.

5.º ANNO.

Antonio Gabriel de Paula Fonseca.....	Pathologia interna.
Candido Borges Monteiro.....	Anatomia topographica, medicina operatoria e ap- parthos.
João José de Carvalho, (<i>Examinador</i>).....	Materia medica e therapeutica.

6.º ANNO.

Thomas Gomes dos Santos.....	Hygiene, e historia de medicina.
Francisco Ferreira de Abreu.....	Medicina legal.
Manoel Maria de Moraes Valle, (<i>Examinador</i>).....	Pharmacia.
Manoel Feliciano Pereira de Carvalho.....	Clinica externa—do 3.º ao 4.º
Manoel do Valladão Pimentel, (<i>Presidente</i>).....	Clinica interna—do 5.º ao 6.º
Luiz da Cunha Feijó.....	Clinica de partos.

SUBSTITUTOS:

Ezequiel Corrêa dos Santos.....	} Secção de sciencias accessorias.
Francisco José do Canto e Mello Castro Mascarenhas.....	} Secção medica.
Antonio Ferreira Pinto.....	} Secção cirurgica.
José Maria Chaves.....	

OPPOSITORES:

João Joaquim de Gouvêa.....	} Secção de sciencias accessorias.
José Joaquim da Silva.....	} Secção medica.
Juven Antonio de Oliveira Catta Preta, (<i>Examinador</i>).....	} Secção cirurgica.
Antonio Teixeira da Rocha.....	

SECRETARIO:

Dr. José Maria Lopes da Costa.

A faculdade não approva nem reprova as opiniões emitidas nas theses que lhe são apresentadas.

Anexo 04

PLANO DE ENSINO - COLÉGIO PEDRO II (1838)

TABELA PRIMEIRA	
Aulas 8 ^a e 7 ^a	24 lições por semana
Gramática Nacional	Cinco lições
Gramática Latina	Cinco lições
Aritmética	Cinco lições
Geografia	Cinco Lições
Desenho	Duas lições
Música Vocal	Duas Lições

TABELA SEGUNDA	
Aulas 6 ^a	24 lições por semana
Latinidade	Dez lições
Língua Grega	Três lições
Língua Francesa	Uma lição
Aritmética	Uma lição
Geografia	Uma lição
História	Duas Lições
Desenho	Quatro Lições
Música	Duas Lições

TABELA TERCEIRA	
Aulas 5 ^a e 4 ^a	25 lições por semana
Latinidade	Dez lições

Língua Grega	Cinco lições
Língua Francesa	Duas lições
Língua Inglesa	Duas lições
História	Duas lições História Natural – duas lições
Geometria	Duas Lições

TABELA QUARTA

Aulas 3 ^a	25 lições por semana
Latinidade	Dez lições
Língua Grega	Cinco lições
Língua Inglesa	Uma lição
História	Duas lições
Ciências Físicas	Duas lições
Algebra	Cinco Lições

TABELA QUINTA

Aulas 2 ^a	30 lições por semana
Filosofia	Dez lições
Retórica e Poética	Dez lições
Ciências Físicas	Duas Lições
História	Duas lições
Matemática	Seis Lições

TABELA SEXTA

Aulas 1 ^a	30 lições por semana
----------------------	----------------------

Filosofia	Dez lições
Retórica e Poética	Dez lições
História	Dois Lições
Ciências Físicas	Dois lições
Astronomia	Três Lições
Matemática	Três lições

ANEXO 05:**PLANO DE ESTUDOS DO COLÉGIO ABÍLIO (1871)**

Neste estabelecimento dividem-se os estudos em duas sessões, uma de instrução primária e outra secundária.

SECÇÃO DE INSTRUÇÃO SECUNDÁRIA

Esta secção dura regularmente sete anos, podendo, entretanto, ser reduzida a 4 ou 5, ou estendida a mais, conforme a inteligência e a aplicação dos alunos; e compreende os preparatórios exigidos para a matrícula nas diversas faculdades do Império, assim como a prática da lingual alemã, para aquêles que quizerem aprender esta língua. Nesta secção divide-se o ensino por anos, como segue:

1º ano

Latim: Gramática e princípios de versão. História Sagrada e composições freqüentes, em que tenham aplicação as regras da gramática já aprendidas.

Francês teórico: Gramática e versão de prosa. Composições freqüentes, em que tenham aplicação as regras já aprendidas.

Francês prático: Continuação da aula especial prática de conversação.

Inglês: Ensino exclusivamente prático de leitura e conversação, feito durante a aula, sem preceder estudo de lição.

Geografia Física e Cosmografia: Continuações das lições orais à vista das esferas terrestre, celeste e armilar, e das cartas murais.

História Geral: Cronologia dos fatos principais, pelo método Zaba. Sem prévio estudo de lição. (Este método não é destinado a ensinar toda a história universal propriamente dita, como alguém o há entendido mal. Seu fim é unicamente familiarizar os meninos, sem os fatigar, e antes, causando-lhes gosto, como os fatos principais da história e suas respectivas datas, e este preenche-o de maneira admirável)

Religião: Conferências

Gramática portuguesa: Conferências semanárias de análise sobre trechos ditados pelo professor e escritos pelos alunos.

Curso prático de Aritmética.

Desenho, Dança, Música Vocal, Ginástica e Natação: Continuação

Observação:

Neste primeiro ano da Secção Secundária somente são diárias as aulas de latim, francês e inglês. As aulas das outras matérias são umas em dias alternados, e outras uma só vez por semana.

2º ano

Latim: Gramática e versão de Phoedro e Cornélio. Composições breves diariamente.

Francês: (Provectos) Gramática, composições diariamente e versão de prosa e verso. Aula especial de conversação.

Inglês: Gramática, versão de prosa e curtas composições diariamente. Aula especial de conversação.

Geografia e Cosmografia: Continuação das lições orais à vista das esferas e cartas murais.

História geral: Continuação do ensino cronológico dos fatos mais importantes pelo método Zaba.

Língua Portuguesa: Continuação das lições de análise.

Curso Prático de Aritmética: Continuação.

Religião: Conferências

Desenho, Dança, Música, Ginástica, Natação, Continuação.

Observação:

Neste ano são diárias unicamente as aulas de latim, francês e inglês. As demais são alternadas ou semanárias.

3º ano

Latim: versão dos clássicos e composições constantes, já feitas de véspera, já improvisamente na aula.

Inglês: (Provectos) versão de prosa e verso. Composições.

Inglês e Francês: Aulas Práticas de conversação nestas línguas, e versão de uma para outra reciprocamente, de improviso. Geografia Física: Curso superior de provectos. Sabatinas por escrito.

História Antiga: Curso especial superior. Sabatinas por escrito.

Cosmografia: idem, idem.

História Geral: Continuação do ensino pelo método Zaba.

Língua Portuguesa: Exercícios de análise em trechos de prosa e verso. Leitura enfática.

Curso Prático de aritmética: Continuação.

Religião: Conferências.

Desenho, Dança, Música, Ginástica, natação: Continuação.

Observação: neste ano somente são diárias as aulas de latim, inglês e geografia física e política; as demais são alternadas ou semanárias.

4º ano

Latim: Continuação da versão dos clássicos mais difíceis. Composições constantes, versão do português para o latim de improviso na aula.

Francês e Inglês: Continuação da prática de conversação e composição, e versão recíproca de improviso na aula.

Geografia Física e Política: Repetição. Exercícios em cartas mudas. Desenhos de cartas geográficas pelos discípulos.

Língua Portuguesa: Continuação dos exercícios de análise de prosa e verso. Leitura especial das diversas espécies de versos.

Religião: Conferências.

Alemão: Começa o ensino prático e teórico para os que quiserem aprender esta língua.

Curso Prático de Aritmética: Continuação.

Dança, Música, Ginástica e Natação: Continuação.

Observação:

Neste ano somente são diárias as aulas de latim, geografia e história. Das demais, umas são em dias alternados, outras uma só vez por semana.

5º ano:

Aritméticas curso especial Superior. Problemas diariamente por escrito sobre o objeto da lição anterior.

Francês, Inglês: Continuação da Prática de conversação e composição; Versão, na aula, do francês em inglês, e do inglês em francês, reciprocamente.

História da Idade Média: Curso especial superior sabatinas, e dissertações quinzenais por escrito.

Língua Portuguesa: Gramática filosófica. Conferência sobre lingüística.

Religião: Conferências.

Alemão: Continuação.

Ciências: Noções Gerais sobre as diversas ciências, e suas divisões e nomenclatura em postilas ditadas pelo mestre e escritas pelos alunos.

Desenho, Música e Dança: Continuação.

Observação: Neste ano somente são diárias as aulas de aritméticas e história. As demais são alternadas ou semanárias.

6º ano

Álgebra: até equações de 2º grau. Problemas a resolver constantemente.

Aritmética: Repetição.

Filosofia: lógica e parte da Metafísica. Dissertações quinzenais.

História Moderna e Contemporânea: Curso Completo. Sabatinas por escrito.

Francês e Inglês: Continuação dos Exercícios práticos de falar e compor, e versões recíprocas de improviso.

Noções de Física, Química e História Natural: Conferências. Postilas das noções gerais ditadas pelo mestre e escritas pelos discípulos.

Retórica: Curso especial. Composições.

Religião: Conferências.

Alemão: Continuação.

Desenho, Dança, Música, Ginástica: Continuação.

Observação:

Neste ano somente são diárias as aulas de álgebra, história e filosofia. As demais são alternadas ou semanárias.

7º ano

Geometria: Plana e no espaço. Sabatinas escritas.

Trigonometria: Algumas lições.

Filosofia: Metafísica e Ética. Repetição da Lógica. Dissertações quinzenais.

Francês e Inglês: Continuação dos exercícios de conversação e composição reciprocamente nas duas línguas.

Francês e Inglês: Continuação dos exercícios

De conversação e composição reciprocamente nas duas línguas.

Economia Social e Política: Conferências. Postilas das noções gerais ditadas pelo professor.

Literatura: Conferências sobre os autores brasileiros e portugueses e suas obras.

Religião: Conferências.

Alemão, Desenho, Dança, Música, etc. – Continuação.

Observação:

Neste ano sómente são diárias as aulas de Geometria e Filosofia. As demais alternadas ou semanárias.

*(Colégio Abílio, Plano de Estudos e Estatutos, RJ. Tipografia do Imperial Instituto Artístico,
1872)*

O ensino Secundário, Diário de Notícias de 9 de abril de 1889.

LIVROS NOVOS

ELOY PONTES: "A vida inquieta de Raul Pompeia" (Liv. José Olympio, Rio, 1935)

Raul Pompeia é uma das figuras mais fascinadoras da literatura brasileira. No brilho do seu espírito fulgem acintiladas da genio. O "Alheano" vive em nossa leitura, como uma das mais fascinantes páginas do romance, entre os grandes livros dos nossos autores brasileiros. É dessa obra que justificamos plenamente a observação de que todo o escritor deve reduzir a sua produção a um só livro. O acadêmico do seu pensamento e de recursos da sua arte não precisam de mais espaço. Além disso, o que ele produz, após o trabalho capilar, é quase sempre o mesmo, theta apresentado sob outros aspectos. A mensagem que chega um traço não costuma ser diferente nem múltipla. A repetição de personagens e de quadros é uma lei a que, talvez, nenhum escritor abjunctante escape. Se todos se contentassem com uma obra típica, diminuiria o número dos livros, o que seria de vantagem universal, e a glória de cada um seria menos preciosa. Que adjuvino a Cervantes, por exemplo, escrever outras obras além de "Quixote"? Que é que alimenta a glória de Dante e não ser a "Divina Comédia"? A glória de Shakespeare com a redução do seu trabalho a uma única obra? O mesmo não sucederia a Molier? O velho Corneille não ocorreria ainda mais, se houvesse quinquenta ou algumas peças que, hoje, só se encontram em edições completas para estudos e que, nas edições comuns, são a generalidade dos leitores, são sistemáticamente eliminadas? Além dos contos e das cartas de que mais necessitaria Voltaire para viver, na admiração das gerações que lhe sucederam? Escopo haveria, não a regra é essa. O caso de Raul Pompeia ilustra bem essa ideia. Para o seu regime de escritor, para a esplêndida reputação literária que deixou para fixação definitiva da sua personalidade artística, bastava o "Alheano". Nesse livro admirável, está o melhor do seu talento de observador, dos seus dons de psicólogo e dos seus prodígios de artista, está o escritor inteiro. Ora prima, sob qualquer aspecto por que seja examinado, esse romance vale por uma dezena de volumes, não que seja mais surpreendente e mais vasto.

Toda a vida para tornar-se conhecido dos outros trabalhos de Raul Pompeia. Nada do que ele escreveu cabia na trivialidade. Desde os primeiros esboços, apesar das hesitações do pensamento e dos inevitáveis desvios de forma, Raul Pompeia mostrou que era superior. A sua personalidade firmou-se muito cedo e a força do seu espírito revelou-se, logo na primeira tentativa. E o que mais o fez, em que o sr. Eloy Pontes, num estudo farrucoso do-

umentado a vicarosamente traçado, acompanha os passos de Raul, de tempos coletivos até à morte, dando-nos sobre o homem e a obra informações de mais alto interesse.

Nascido e educado num lar seguro, Raul mostrou-se, desde pequeno, um contemplativo, dotado de uma sensitividade intensa e delicada. "Criado entre as admiráveis paredes de um pai ausente e de uma mãe que, embora não precisava de mais espaço, além disso, o que ele produzia, após o trabalho capilar, é quase sempre o mesmo, theta apresentado sob outros aspectos. A mensagem que chega um traço não costuma ser diferente nem múltipla. A repetição de personagens e de quadros é uma lei a que, talvez, nenhum escritor abjunctante escape. Se todos se contentassem com uma obra típica, diminuiria o número dos livros, o que seria de vantagem universal, e a glória de cada um seria menos preciosa. Que adjuvino a Cervantes, por exemplo, escrever outras obras além de "Quixote"? Que é que alimenta a glória de Dante e não ser a "Divina Comédia"? A glória de Shakespeare com a redução do seu trabalho a uma única obra? O mesmo não sucederia a Molier? O velho Corneille não ocorreria ainda mais, se houvesse quinquenta ou algumas peças que, hoje, só se encontram em edições completas para estudos e que, nas edições comuns, são a generalidade dos leitores, são sistemáticamente eliminadas? Além dos contos e das cartas de que mais necessitaria Voltaire para viver, na admiração das gerações que lhe sucederam? Escopo haveria, não a regra é essa. O caso de Raul Pompeia ilustra bem essa ideia. Para o seu regime de escritor, para a esplêndida reputação literária que deixou para fixação definitiva da sua personalidade artística, bastava o "Alheano". Nesse livro admirável, está o melhor do seu talento de observador, dos seus dons de psicólogo e dos seus prodígios de artista, está o escritor inteiro. Ora prima, sob qualquer aspecto por que seja examinado, esse romance vale por uma dezena de volumes, não que seja mais surpreendente e mais vasto.

Toda a vida para tornar-se conhecido dos outros trabalhos de Raul Pompeia. Nada do que ele escreveu cabia na trivialidade. Desde os primeiros esboços, apesar das hesitações do pensamento e dos inevitáveis desvios de forma, Raul Pompeia mostrou que era superior. A sua personalidade firmou-se muito cedo e a força do seu espírito revelou-se, logo na primeira tentativa. E o que mais o fez, em que o sr. Eloy Pontes, num estudo farrucoso do-

mentado a vicarosamente traçado, acompanha os passos de Raul, de tempos coletivos até à morte, dando-nos sobre o homem e a obra informações de mais alto interesse.

Nascido e educado num lar seguro, Raul mostrou-se, desde pequeno, um contemplativo, dotado de uma sensitividade intensa e delicada. "Criado entre as admiráveis paredes de um pai ausente e de uma mãe que, embora não precisava de mais espaço, além disso, o que ele produzia, após o trabalho capilar, é quase sempre o mesmo, theta apresentado sob outros aspectos. A mensagem que chega um traço não costuma ser diferente nem múltipla. A repetição de personagens e de quadros é uma lei a que, talvez, nenhum escritor abjunctante escape. Se todos se contentassem com uma obra típica, diminuiria o número dos livros, o que seria de vantagem universal, e a glória de cada um seria menos preciosa. Que adjuvino a Cervantes, por exemplo, escrever outras obras além de "Quixote"? Que é que alimenta a glória de Dante e não ser a "Divina Comédia"? A glória de Shakespeare com a redução do seu trabalho a uma única obra? O mesmo não sucederia a Molier? O velho Corneille não ocorreria ainda mais, se houvesse quinquenta ou algumas peças que, hoje, só se encontram em edições completas para estudos e que, nas edições comuns, são a generalidade dos leitores, são sistemáticamente eliminadas? Além dos contos e das cartas de que mais necessitaria Voltaire para viver, na admiração das gerações que lhe sucederam? Escopo haveria, não a regra é essa. O caso de Raul Pompeia ilustra bem essa ideia. Para o seu regime de escritor, para a esplêndida reputação literária que deixou para fixação definitiva da sua personalidade artística, bastava o "Alheano". Nesse livro admirável, está o melhor do seu talento de observador, dos seus dons de psicólogo e dos seus prodígios de artista, está o escritor inteiro. Ora prima, sob qualquer aspecto por que seja examinado, esse romance vale por uma dezena de volumes, não que seja mais surpreendente e mais vasto.

Toda a vida para tornar-se conhecido dos outros trabalhos de Raul Pompeia. Nada do que ele escreveu cabia na trivialidade. Desde os primeiros esboços, apesar das hesitações do pensamento e dos inevitáveis desvios de forma, Raul Pompeia mostrou que era superior. A sua personalidade firmou-se muito cedo e a força do seu espírito revelou-se, logo na primeira tentativa. E o que mais o fez, em que o sr. Eloy Pontes, num estudo farrucoso do-

mentado a vicarosamente traçado, acompanha os passos de Raul, de tempos coletivos até à morte, dando-nos sobre o homem e a obra informações de mais alto interesse.

Nascido e educado num lar seguro, Raul mostrou-se, desde pequeno, um contemplativo, dotado de uma sensitividade intensa e delicada. "Criado entre as admiráveis paredes de um pai ausente e de uma mãe que, embora não precisava de mais espaço, além disso, o que ele produzia, após o trabalho capilar, é quase sempre o mesmo, theta apresentado sob outros aspectos. A mensagem que chega um traço não costuma ser diferente nem múltipla. A repetição de personagens e de quadros é uma lei a que, talvez, nenhum escritor abjunctante escape. Se todos se contentassem com uma obra típica, diminuiria o número dos livros, o que seria de vantagem universal, e a glória de cada um seria menos preciosa. Que adjuvino a Cervantes, por exemplo, escrever outras obras além de "Quixote"? Que é que alimenta a glória de Dante e não ser a "Divina Comédia"? A glória de Shakespeare com a redução do seu trabalho a uma única obra? O mesmo não sucederia a Molier? O velho Corneille não ocorreria ainda mais, se houvesse quinquenta ou algumas peças que, hoje, só se encontram em edições completas para estudos e que, nas edições comuns, são a generalidade dos leitores, são sistemáticamente eliminadas? Além dos contos e das cartas de que mais necessitaria Voltaire para viver, na admiração das gerações que lhe sucederam? Escopo haveria, não a regra é essa. O caso de Raul Pompeia ilustra bem essa ideia. Para o seu regime de escritor, para a esplêndida reputação literária que deixou para fixação definitiva da sua personalidade artística, bastava o "Alheano". Nesse livro admirável, está o melhor do seu talento de observador, dos seus dons de psicólogo e dos seus prodígios de artista, está o escritor inteiro. Ora prima, sob qualquer aspecto por que seja examinado, esse romance vale por uma dezena de volumes, não que seja mais surpreendente e mais vasto.

Toda a vida para tornar-se conhecido dos outros trabalhos de Raul Pompeia. Nada do que ele escreveu cabia na trivialidade. Desde os primeiros esboços, apesar das hesitações do pensamento e dos inevitáveis desvios de forma, Raul Pompeia mostrou que era superior. A sua personalidade firmou-se muito cedo e a força do seu espírito revelou-se, logo na primeira tentativa. E o que mais o fez, em que o sr. Eloy Pontes, num estudo farrucoso do-

mentado a vicarosamente traçado, acompanha os passos de Raul, de tempos coletivos até à morte, dando-nos sobre o homem e a obra informações de mais alto interesse.

Nascido e educado num lar seguro, Raul mostrou-se, desde pequeno, um contemplativo, dotado de uma sensitividade intensa e delicada. "Criado entre as admiráveis paredes de um pai ausente e de uma mãe que, embora não precisava de mais espaço, além disso, o que ele produzia, após o trabalho capilar, é quase sempre o mesmo, theta apresentado sob outros aspectos. A mensagem que chega um traço não costuma ser diferente nem múltipla. A repetição de personagens e de quadros é uma lei a que, talvez, nenhum escritor abjunctante escape. Se todos se contentassem com uma obra típica, diminuiria o número dos livros, o que seria de vantagem universal, e a glória de cada um seria menos preciosa. Que adjuvino a Cervantes, por exemplo, escrever outras obras além de "Quixote"? Que é que alimenta a glória de Dante e não ser a "Divina Comédia"? A glória de Shakespeare com a redução do seu trabalho a uma única obra? O mesmo não sucederia a Molier? O velho Corneille não ocorreria ainda mais, se houvesse quinquenta ou algumas peças que, hoje, só se encontram em edições completas para estudos e que, nas edições comuns, são a generalidade dos leitores, são sistemáticamente eliminadas? Além dos contos e das cartas de que mais necessitaria Voltaire para viver, na admiração das gerações que lhe sucederam? Escopo haveria, não a regra é essa. O caso de Raul Pompeia ilustra bem essa ideia. Para o seu regime de escritor, para a esplêndida reputação literária que deixou para fixação definitiva da sua personalidade artística, bastava o "Alheano". Nesse livro admirável, está o melhor do seu talento de observador, dos seus dons de psicólogo e dos seus prodígios de artista, está o escritor inteiro. Ora prima, sob qualquer aspecto por que seja examinado, esse romance vale por uma dezena de volumes, não que seja mais surpreendente e mais vasto.

Toda a vida para tornar-se conhecido dos outros trabalhos de Raul Pompeia. Nada do que ele escreveu cabia na trivialidade. Desde os primeiros esboços, apesar das hesitações do pensamento e dos inevitáveis desvios de forma, Raul Pompeia mostrou que era superior. A sua personalidade firmou-se muito cedo e a força do seu espírito revelou-se, logo na primeira tentativa. E o que mais o fez, em que o sr. Eloy Pontes, num estudo farrucoso do-

mentado a vicarosamente traçado, acompanha os passos de Raul, de tempos coletivos até à morte, dando-nos sobre o homem e a obra informações de mais alto interesse.

Nascido e educado num lar seguro, Raul mostrou-se, desde pequeno, um contemplativo, dotado de uma sensitividade intensa e delicada. "Criado entre as admiráveis paredes de um pai ausente e de uma mãe que, embora não precisava de mais espaço, além disso, o que ele produzia, após o trabalho capilar, é quase sempre o mesmo, theta apresentado sob outros aspectos. A mensagem que chega um traço não costuma ser diferente nem múltipla. A repetição de personagens e de quadros é uma lei a que, talvez, nenhum escritor abjunctante escape. Se todos se contentassem com uma obra típica, diminuiria o número dos livros, o que seria de vantagem universal, e a glória de cada um seria menos preciosa. Que adjuvino a Cervantes, por exemplo, escrever outras obras além de "Quixote"? Que é que alimenta a glória de Dante e não ser a "Divina Comédia"? A glória de Shakespeare com a redução do seu trabalho a uma única obra? O mesmo não sucederia a Molier? O velho Corneille não ocorreria ainda mais, se houvesse quinquenta ou algumas peças que, hoje, só se encontram em edições completas para estudos e que, nas edições comuns, são a generalidade dos leitores, são sistemáticamente eliminadas? Além dos contos e das cartas de que mais necessitaria Voltaire para viver, na admiração das gerações que lhe sucederam? Escopo haveria, não a regra é essa. O caso de Raul Pompeia ilustra bem essa ideia. Para o seu regime de escritor, para a esplêndida reputação literária que deixou para fixação definitiva da sua personalidade artística, bastava o "Alheano". Nesse livro admirável, está o melhor do seu talento de observador, dos seus dons de psicólogo e dos seus prodígios de artista, está o escritor inteiro. Ora prima, sob qualquer aspecto por que seja examinado, esse romance vale por uma dezena de volumes, não que seja mais surpreendente e mais vasto.

Toda a vida para tornar-se conhecido dos outros trabalhos de Raul Pompeia. Nada do que ele escreveu cabia na trivialidade. Desde os primeiros esboços, apesar das hesitações do pensamento e dos inevitáveis desvios de forma, Raul Pompeia mostrou que era superior. A sua personalidade firmou-se muito cedo e a força do seu espírito revelou-se, logo na primeira tentativa. E o que mais o fez, em que o sr. Eloy Pontes, num estudo farrucoso do-

mentado a vicarosamente traçado, acompanha os passos de Raul, de tempos coletivos até à morte, dando-nos sobre o homem e a obra informações de mais alto interesse.

Nascido e educado num lar seguro, Raul mostrou-se, desde pequeno, um contemplativo, dotado de uma sensitividade intensa e delicada. "Criado entre as admiráveis paredes de um pai ausente e de uma mãe que, embora não precisava de mais espaço, além disso, o que ele produzia, após o trabalho capilar, é quase sempre o mesmo, theta apresentado sob outros aspectos. A mensagem que chega um traço não costuma ser diferente nem múltipla. A repetição de personagens e de quadros é uma lei a que, talvez, nenhum escritor abjunctante escape. Se todos se contentassem com uma obra típica, diminuiria o número dos livros, o que seria de vantagem universal, e a glória de cada um seria menos preciosa. Que adjuvino a Cervantes, por exemplo, escrever outras obras além de "Quixote"? Que é que alimenta a glória de Dante e não ser a "Divina Comédia"? A glória de Shakespeare com a redução do seu trabalho a uma única obra? O mesmo não sucederia a Molier? O velho Corneille não ocorreria ainda mais, se houvesse quinquenta ou algumas peças que, hoje, só se encontram em edições completas para estudos e que, nas edições comuns, são a generalidade dos leitores, são sistemáticamente eliminadas? Além dos contos e das cartas de que mais necessitaria Voltaire para viver, na admiração das gerações que lhe sucederam? Escopo haveria, não a regra é essa. O caso de Raul Pompeia ilustra bem essa ideia. Para o seu regime de escritor, para a esplêndida reputação literária que deixou para fixação definitiva da sua personalidade artística, bastava o "Alheano". Nesse livro admirável, está o melhor do seu talento de observador, dos seus dons de psicólogo e dos seus prodígios de artista, está o escritor inteiro. Ora prima, sob qualquer aspecto por que seja examinado, esse romance vale por uma dezena de volumes, não que seja mais surpreendente e mais vasto.

Toda a vida para tornar-se conhecido dos outros trabalhos de Raul Pompeia. Nada do que ele escreveu cabia na trivialidade. Desde os primeiros esboços, apesar das hesitações do pensamento e dos inevitáveis desvios de forma, Raul Pompeia mostrou que era superior. A sua personalidade firmou-se muito cedo e a força do seu espírito revelou-se, logo na primeira tentativa. E o que mais o fez, em que o sr. Eloy Pontes, num estudo farrucoso do-

mentado a vicarosamente traçado, acompanha os passos de Raul, de tempos coletivos até à morte, dando-nos sobre o homem e a obra informações de mais alto interesse.

Nascido e educado num lar seguro, Raul mostrou-se, desde pequeno, um contemplativo, dotado de uma sensitividade intensa e delicada. "Criado entre as admiráveis paredes de um pai ausente e de uma mãe que, embora não precisava de mais espaço, além disso, o que ele produzia, após o trabalho capilar, é quase sempre o mesmo, theta apresentado sob outros aspectos. A mensagem que chega um traço não costuma ser diferente nem múltipla. A repetição de personagens e de quadros é uma lei a que, talvez, nenhum escritor abjunctante escape. Se todos se contentassem com uma obra típica, diminuiria o número dos livros, o que seria de vantagem universal, e a glória de cada um seria menos preciosa. Que adjuvino a Cervantes, por exemplo, escrever outras obras além de "Quixote"? Que é que alimenta a glória de Dante e não ser a "Divina Comédia"? A glória de Shakespeare com a redução do seu trabalho a uma única obra? O mesmo não sucederia a Molier? O velho Corneille não ocorreria ainda mais, se houvesse quinquenta ou algumas peças que, hoje, só se encontram em edições completas para estudos e que, nas edições comuns, são a generalidade dos leitores, são sistemáticamente eliminadas? Além dos contos e das cartas de que mais necessitaria Voltaire para viver, na admiração das gerações que lhe sucederam? Escopo haveria, não a regra é essa. O caso de Raul Pompeia ilustra bem essa ideia. Para o seu regime de escritor, para a esplêndida reputação literária que deixou para fixação definitiva da sua personalidade artística, bastava o "Alheano". Nesse livro admirável, está o melhor do seu talento de observador, dos seus dons de psicólogo e dos seus prodígios de artista, está o escritor inteiro. Ora prima, sob qualquer aspecto por que seja examinado, esse romance vale por uma dezena de volumes, não que seja mais surpreendente e mais vasto.

Toda a vida para tornar-se conhecido dos outros trabalhos de Raul Pompeia. Nada do que ele escreveu cabia na trivialidade. Desde os primeiros esboços, apesar das hesitações do pensamento e dos inevitáveis desvios de forma, Raul Pompeia mostrou que era superior. A sua personalidade firmou-se muito cedo e a força do seu espírito revelou-se, logo na primeira tentativa. E o que mais o fez, em que o sr. Eloy Pontes, num estudo farrucoso do-

mentado a vicarosamente traçado, acompanha os passos de Raul, de tempos coletivos até à morte, dando-nos sobre o homem e a obra informações de mais alto interesse.

Nascido e educado num lar seguro, Raul mostrou-se, desde pequeno, um contemplativo, dotado de uma sensitividade intensa e delicada. "Criado entre as admiráveis paredes de um pai ausente e de uma mãe que, embora não precisava de mais espaço, além disso, o que ele produzia, após o trabalho capilar, é quase sempre o mesmo, theta apresentado sob outros aspectos. A mensagem que chega um traço não costuma ser diferente nem múltipla. A repetição de personagens e de quadros é uma lei a que, talvez, nenhum escritor abjunctante escape. Se todos se contentassem com uma obra típica, diminuiria o número dos livros, o que seria de vantagem universal, e a glória de cada um seria menos preciosa. Que adjuvino a Cervantes, por exemplo, escrever outras obras além de "Quixote"? Que é que alimenta a glória de Dante e não ser a "Divina Comédia"? A glória de Shakespeare com a redução do seu trabalho a uma única obra? O mesmo não sucederia a Molier? O velho Corneille não ocorreria ainda mais, se houvesse quinquenta ou algumas peças que, hoje, só se encontram em edições completas para estudos e que, nas edições comuns, são a generalidade dos leitores, são sistemáticamente eliminadas? Além dos contos e das cartas de que mais necessitaria Voltaire para viver, na admiração das gerações que lhe sucederam? Escopo haveria, não a regra é essa. O caso de Raul Pompeia ilustra bem essa ideia. Para o seu regime de escritor, para a esplêndida reputação literária que deixou para fixação definitiva da sua personalidade artística, bastava o "Alheano". Nesse livro admirável, está o melhor do seu talento de observador, dos seus dons de psicólogo e dos seus prodígios de artista, está o escritor inteiro. Ora prima, sob qualquer aspecto por que seja examinado, esse romance vale por uma dezena de volumes, não que seja mais surpreendente e mais vasto.

Toda a vida para tornar-se conhecido dos outros trabalhos de Raul Pompeia. Nada do que ele escreveu cabia na trivialidade. Desde os primeiros esboços, apesar das hesitações do pensamento e dos inevitáveis desvios de forma, Raul Pompeia mostrou que era superior. A sua personalidade firmou-se muito cedo e a força do seu espírito revelou-se, logo na primeira tentativa. E o que mais o fez, em que o sr. Eloy Pontes, num estudo farrucoso do-

TRECHO 1

TRECHO 2
25-1936

TRECHO 3

TRECHO 4

A política, que Eulydes detestava, embargou Raul.

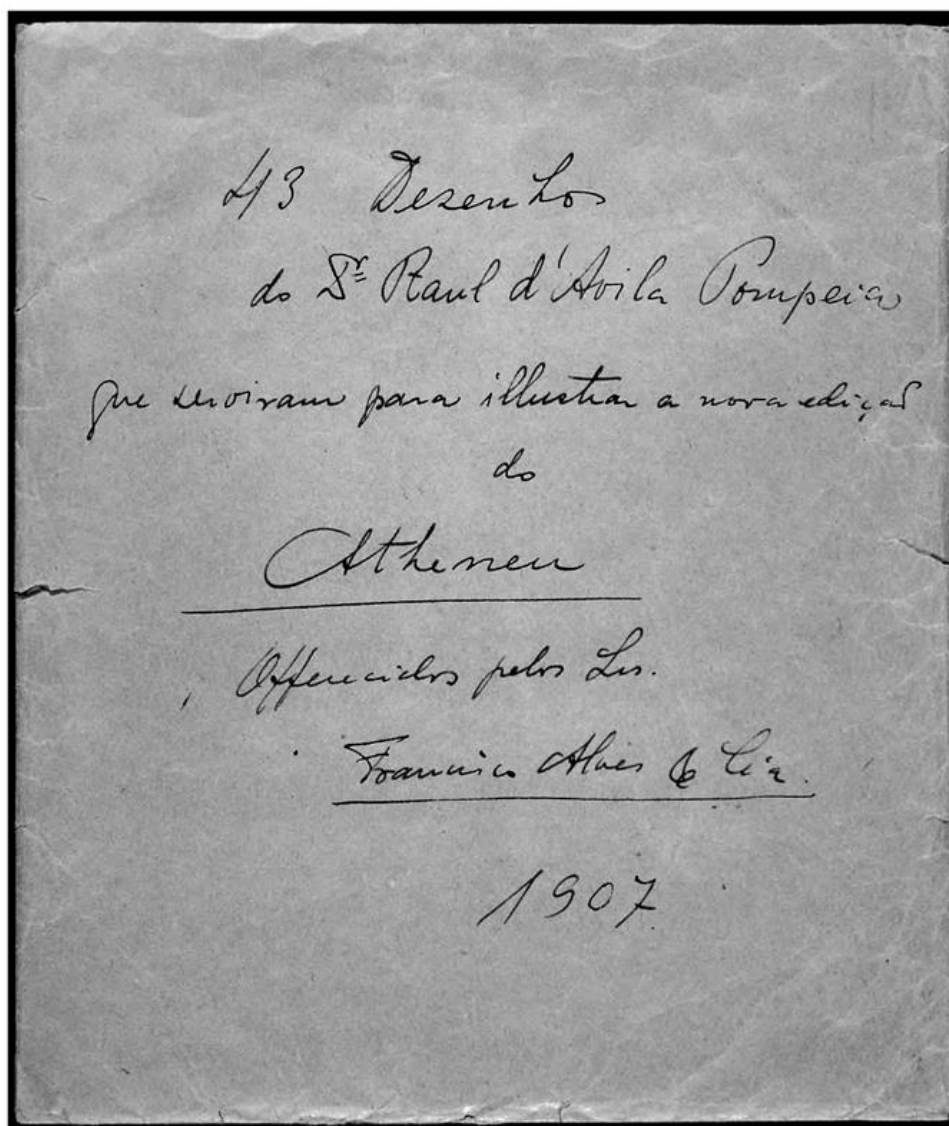
*
Se a respeito do homem, o sr. Eloy Pontes conta coisas interessantes, não é de menos valor o que escreve do artista. O artista foi dos mais completos que a literatura brasileira ainda possuiu. Desenhista, esculpitor, caricaturista, romancista, pamphleteiro, Raul Pompeia foi tudo isso com talento excepcional. Artista de verdade, nunca estava satisfeito com a sua obra. "Como um beneditino sempre, reservado, reservado, reservado. A forma foi a sua alma. O problema do estilo impossibilitou-o de fazer qualquer coisa que não fosse a prova havia de ser eloquente, a aproximação. Pelo que se sabe de Raul, ele era, neste particular, naturalmente, o sr. Eloy Pontes, certo, publicando o livro. Agrada o sr. Eloy Pontes, também, com minúcia, aquilo que se poderia denominar, na linguagem de hoje, "o caso Raul de Raul Pompeia". Corriam a esse respeito as coisas mais extravagantes. O sr. Eloy Pontes conta, com apoio das suas escrituras de Raul, que ele tinha má vontade para as mulheres. Não foi um galanteador para o sr. Eloy Pontes, um viúvo do amor nas suas escrituras, imaginando o oceano que o seu erro iria provocar nas rodas literárias e a troca com que iriam misturá-lo. Sentiu-se desiludido. Não aconteceu alguma coisa, como era de esperar. Naturalmente, pôde ficar do lado errado, e isso mesmo o levava à conta da revista typography. Mas a tortura de Eulydes foi longa e caro nos custos, a nós seus companheiros desta folha.

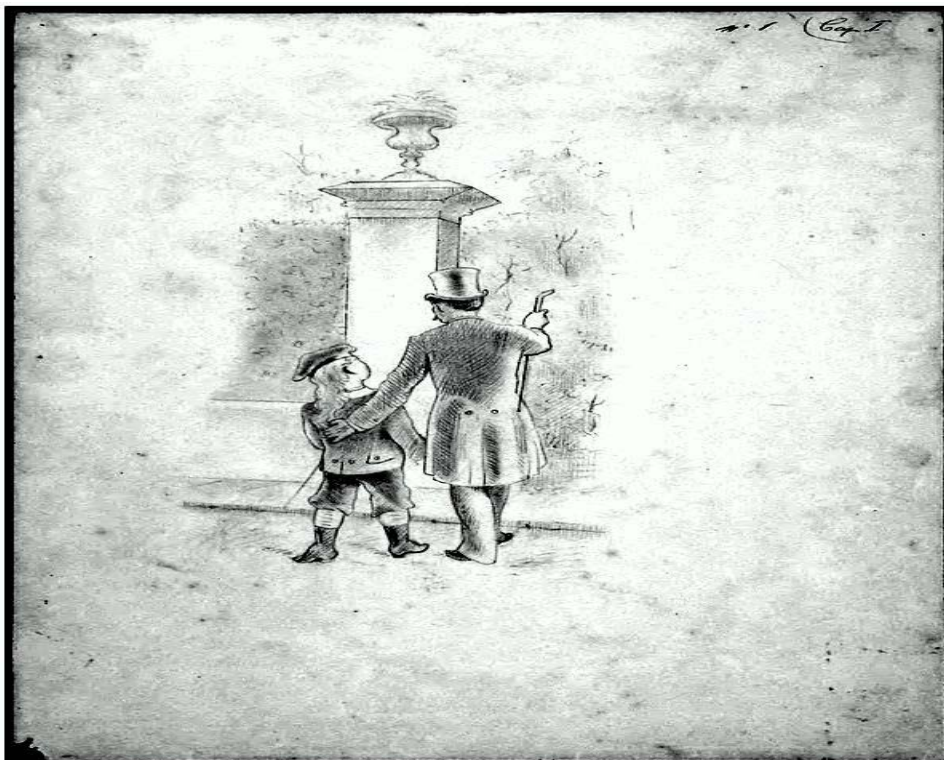
O sr. Eloy Pontes descobriu, também, semelhanças novas entre o filho intelectual de Raul e o de Eulydes. Na prosa de Raul, diz ele, o que se destaca é o carácter dramático, essa espécie de perpetuo alarme, que anima as memórias, que, electricas as vulgaridades, vivifica os objectos inanimados, qualidades que, mais tarde, Eulydes da Cunha teria de renovar. Há, evidentemente, alguma semelhança entre a prosa dos dois, acontecendo apenas, que a de Raul é mais dutil, mais plástica, mais sonora. A de Eulydes guarda qualquer coisa de barbata e aspera; é concisa e rígida, sempre retendo e servindo. Ambos são cordados de corações nudes, na de Raul, vão perdendo-se raro em relevos incisas no passo que, na de Eulydes, resaca sempre, num estrellado de faixas, pinos e cobalões. Todavia, é vivo, um certo parentesco intelectual entre os dois, são ambos de mesma família espiritual; e a alma um fol para a ciência e para a história, e o outro, para a arte e para a política.

Pinlin Barreto

ANEXO 07

Seleção de imagens de autoria de Raul Pompéia utilizadas para ilustrar o romance O Ateneu.

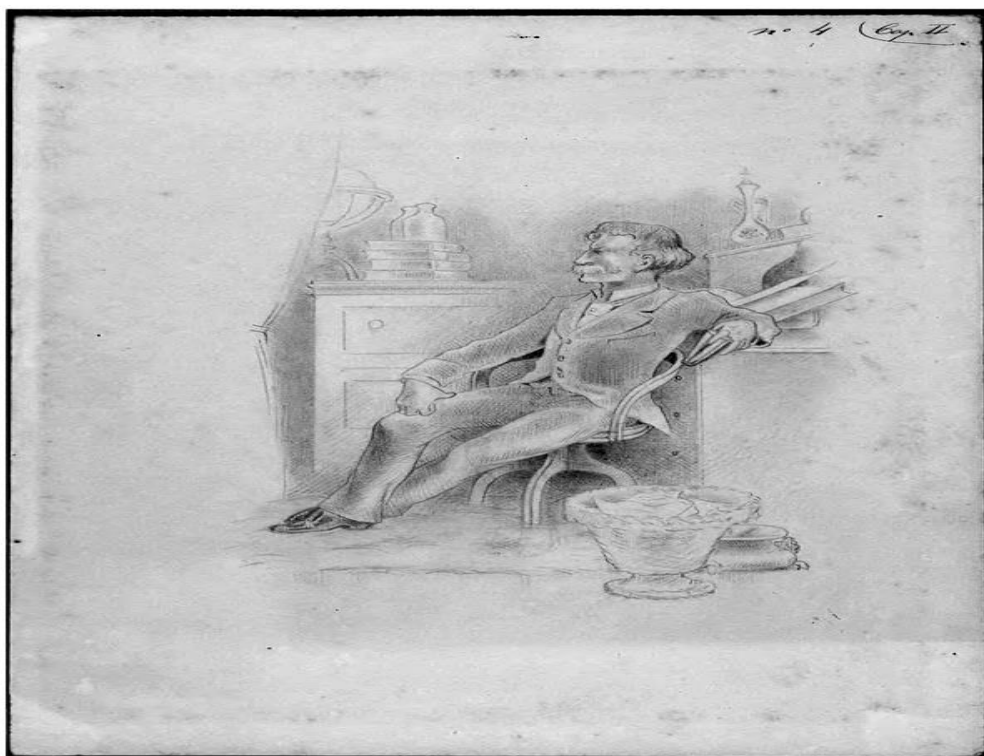




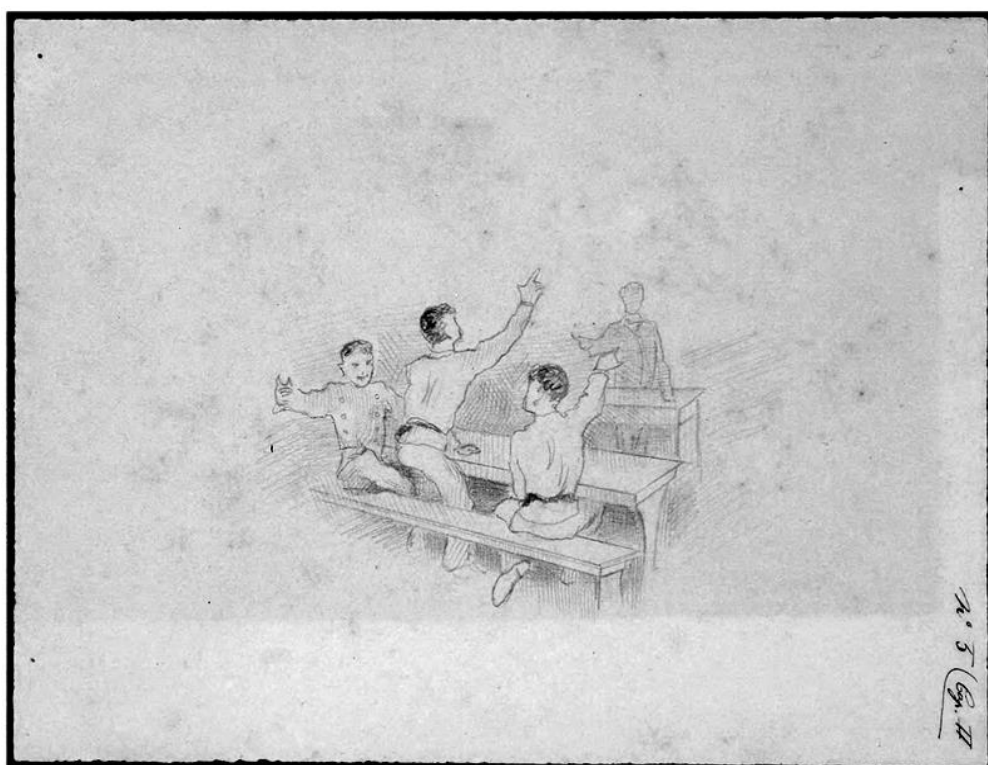
Chegada de Sérgio ao Ateneu: “Vais encontrar o mundo, coragem para a luta!”- disse seu pai.



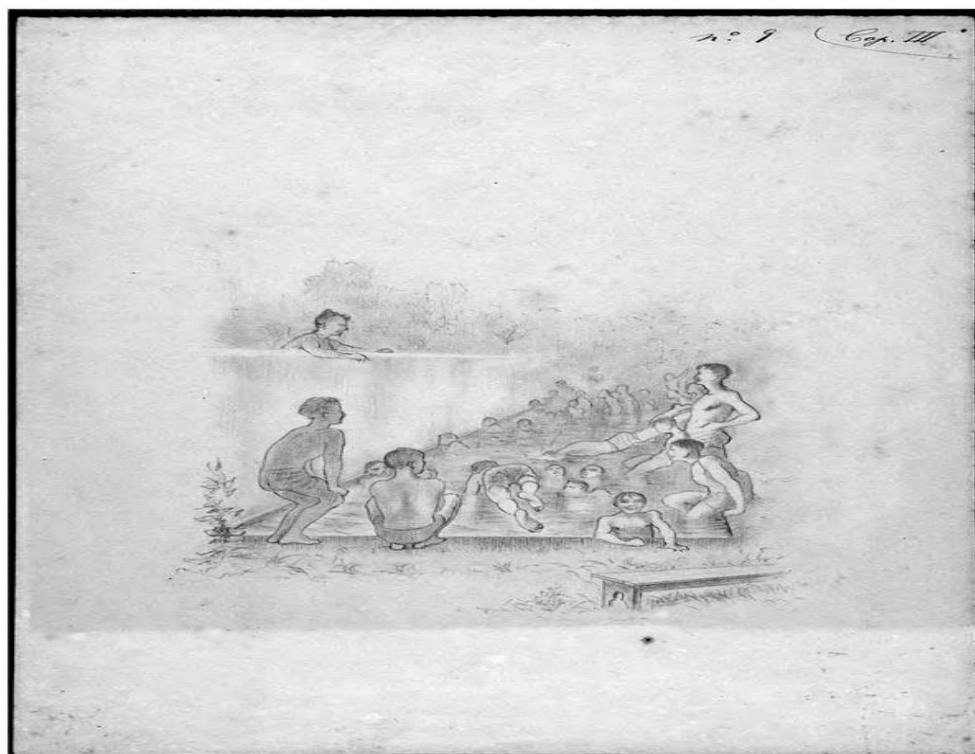
Prédio do colégio em meio à vasta vegetação das encostas.



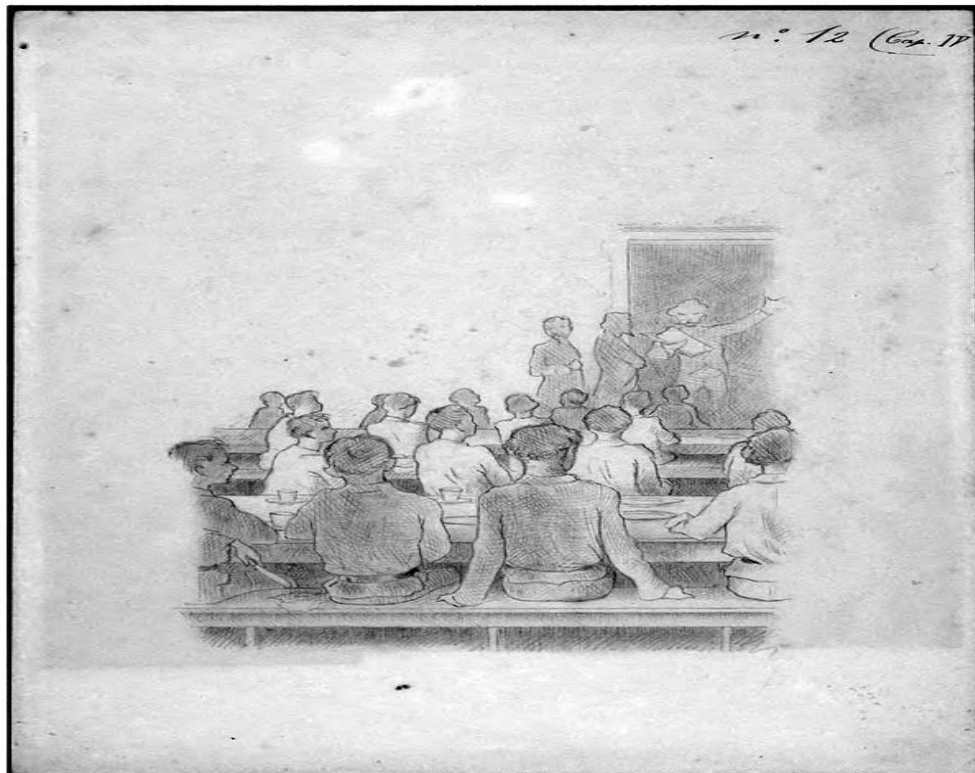
Aristarco: o diretor, representação da caricatura de Abílio César Borges.



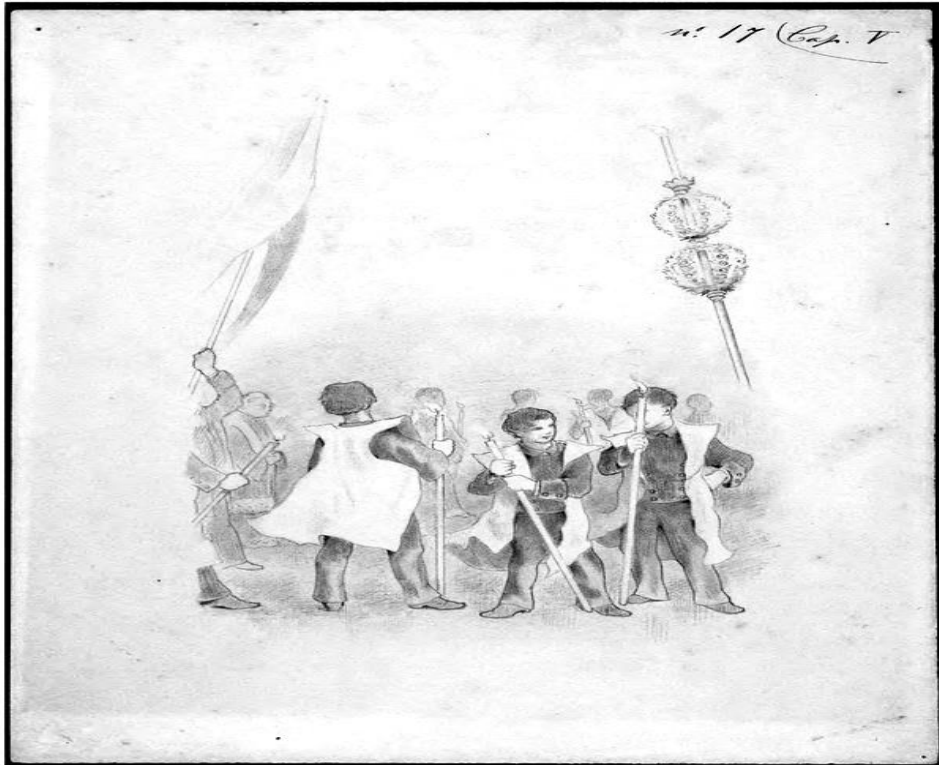
Sala de estudos



Espaço reservado à natação, ou banhos.



Ilustra a leitura do diário de classe com anotações feitas pelos professores sobre o rendimento disciplinar e intelectual dos alunos: repreenda moral.



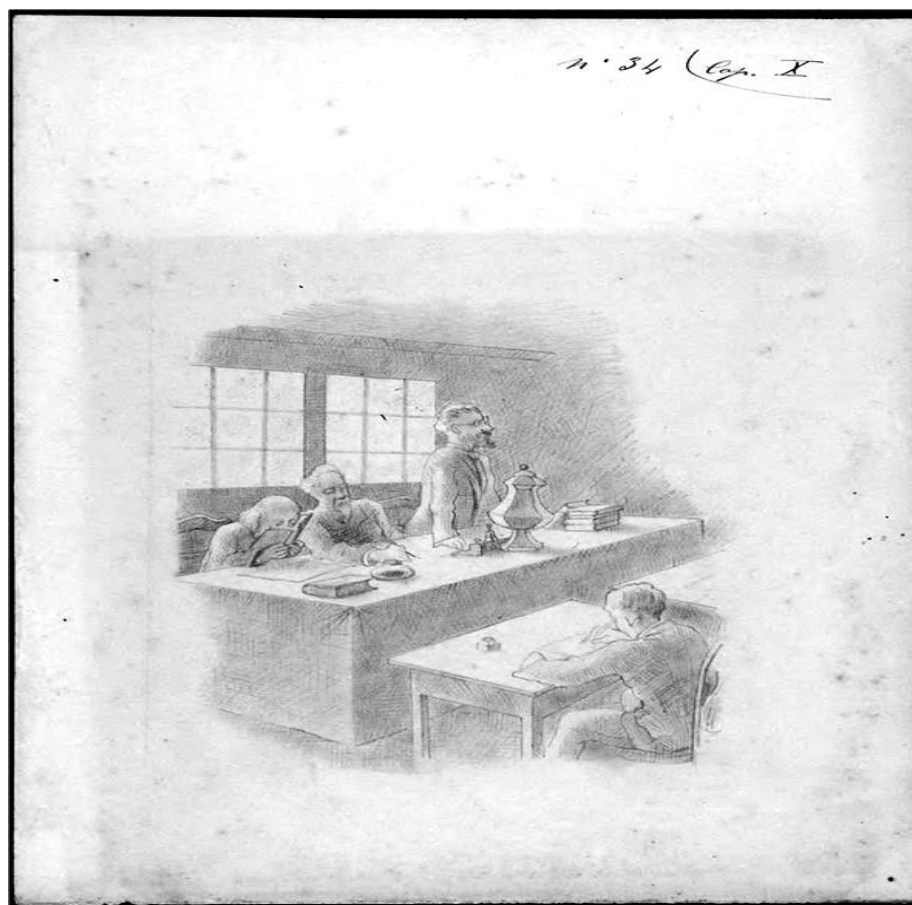
Expedição à mata



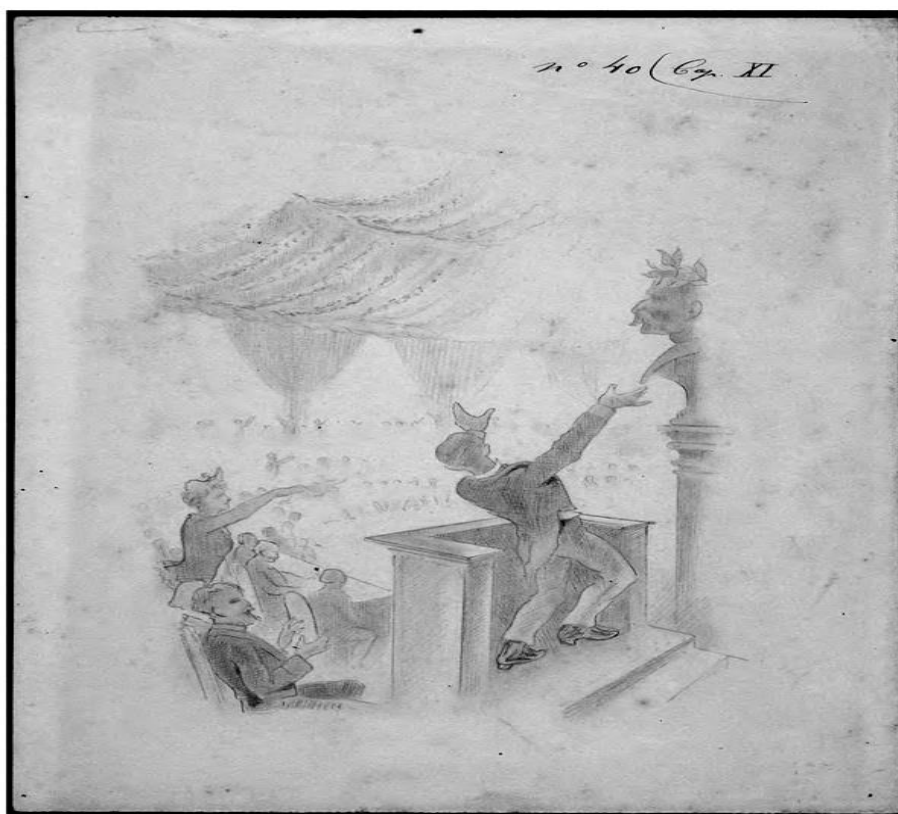
Alunos no pátio durante o intervalo de aulas e atividades.



Declamação durante a festa de fim de ano



Exames finais diante da banca de examinadores.



Inauguração de “busto” em homenagem aos feitos de Aristarco para educação do Império



Incêndio põe fim ao Colégio O Ateneu.